Sala
Gab.
Est. O.S.
Tab.
N.º 965

Octaviano Sá
COIMBRA
VOLUME N.º 1292

Est. 2
Prat. 11
Vol. 1
Nº 1292
Sala

2
11
1292

A RONDA

REVISTA DE CRITICA DE ARTE E LETRAS

DIRECTOR LITERÁRIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

: Octaviano Sá :
: COIMBRA :
VOLUME N.º 308
Prat. III

A MIMI AGUGLIA

«Questo si fa per dolce incantamento.»

(PASCOLI).

:: NUMERO ESPECIAL DE ::

A RAJADA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA

LIVRARIA NEVES-EDITORA

::::: COIMBRA :::::

: Do dr. Teixeira de Carvalho : ∞

A força emotiva do gesto andou, muito tempo, consagrada na linguagem populər por uma frase feita — o gesto é a linguagem das coisas mudas.

Hoje o gesto é considerado como a linguagem suprêma; as grandes acções arquivam-se como grandes gestos.

E' fórma de dizer que, por banal, começa a ser de interpretação dificil.

O gesto não é apenas uma linguagem muda; é uma necessidade da linguagem articulada, e é, como éla, o resultado duma longa evolução.

O gesto é necessário para a expressão verbal perfeita do pensamento, e tradu-lo, por uma condição natural, em cada organismo, de uma fórma individual e própria, como a de pensar e exprimir pensamentos desde o mais simples e inicial até ao mais torturado pensamento moderno.

O gesto é hoje tão complicado e dificil de expli-

car como a palavra, pela evolução lenta que tem sofrido. O gésto de hoje está para o gésto inicial e primitivo, como o grito para a palavra articulada.

A representação plástica do gésto é uma conquista da arte moderna que deixou a admiração da beleza tranquila da arte clássica pela do movimento e da vida.

A poucos de nós pode dominar absolutamente a arte clássica que não nos canta o movimento e a vida que a arte moderna conságra em ritmos harmoniosos.

As mutilações ajuntam uma beleza nova ás estátuas gregas que as excavações arqueológicas põem cada dia ao sol.

A Vénus de Milo é admirada por todos; porque não tem braços e cada um os imagina ao sabor do seu desejo.

O gésto é tambem a expressão das emoções, do sentir e do pensar coléctivo, como o é do pensamento e das emoções individuaes.

Cada época, cada nacionalidade, cada provincia tem um gésto inconfundivel, particular e próprio. E esse gésto é traduzido por toda a arte, na figura, como na paisagem, como até no que é de mais dificil expressão — na arquitéctura.

Loye Fuller, fazendo acompanhar das ondulações dum tecido leve os géstos das suas danças, criou no fim do século passado toda uma arte e a curva das chamadas danças serpentinas fez viver um movimento novo ás plantas, modificou as linhas decorativas da arquitectura moderna.

E todos os artistas viram os movimentos daquelas danças admiradas na graça com que se moviam ao dôce vento da primavera os delicados lírios do vale, na força com que o vento levava de rastos as nuvens pelo céo em tempestade.

E assim, na arte moderna, em vez da curva circular, traduzindo a estabilidade, na sua tendencia a fechar-se, apareceu a curva parabólica e a ancia da alma contemporanea lançando-se num movimeuto livre como um vôo ao infinito, numa linha que se suspende e quebra, num retrahimente d'onda a partir-se, para se erguer de novo, sempre na mesma aspiração insatisfeita.

O que se não encontra no gésto d'amôr duma mulher...

O mesmo se virifica sempre em todas as fases da história da arte. A pintura de paisagem levou muito tempo a criar; porque só lentamente se encontrou a harmonia do gésto do homem e o da Natureza.

Ha tanta distancia entre a fórma ingénua por que Boticelli representou o movimento do mar no quadro da Primavéra e a fórça dominadôra da onda na téla célebre de Courbet, como entre o gêsto simples duma criança e o torturado gésto da Mimi Aguglia.

Cada época tem o seu gésto próprio.

Nos quadros do seculo XVII até as flores paréce usarem casaca de seda, terem atitudes cerimoniosas.

Nos quadros do século XVIII, os montes arrastam-se como se vestisse sêdas a terra, sobre que abrem grandes guarda-sóes os pinheiros mansos; tudo caminha no mesmo cortejo d'amôr, tudo se move no mesmo ritmo de graça e de elegancia.

Hoje o gésto é a consagração suprêma da arte- Sarah Bernhardt, a principio cantada como a Voz de Oiro, foi definitivamente consagrada pela admiração do seu gésto perfeito.

O gésto caracterisa as grandes criações dramáticas, tanto ou mais que o grito, e Mimi Aguglia é, como a critica franceza glorificou Sarah Bernhardt, uma rainha do gésto.

Quando cria em cêna uma criatura simples que muito sófre e nada sabe traduzir, na anciedade da sua carne torturada, Mimi Aguglia tem o gésto simples, com a violencia e a energia emotiva dos movimentos iniciaes de expressão, com a fôrça avassaladôra das manifestações instintivas. E então a grande artista parece um novêlo de carne esmagada pela mão do destino, carne e sangue triturados de que mal sae numa convulsão a mão que outra vez se encolhe, o pé que se crispa como a garra de uma aguia que a fatalidade deitasse sobre a terra de ázas partidas.

E sempre o movimento caracteriza cada uma das suas criações. Na *Malia*, o gésto abandonado, o esboço da crise histerica aparece no primeiro acto como no último e sempre o gésto anuncia e caracteriza a crise que se aproxima, define e desaparéce, e sempre é o gésto a suprema expressão da fatalidade tragica.

E não ha nada mais dominador nem mais dificil de crear do que o gésto.

Ao contrario da vóz que adquire a sua expressão mais artistica no canto, e por ele se torna a evocadora suprema de todas as torturas, de todas as alegrias, o gésto perde, na dança, toda a força com que na arte dramatica reforça ou substitue a palavra, quando esta não sabe dar consciente o grito da carne.

Para que uma escultura traduza um movimento, diz Rodin, é necessario que o artista faça penetrar no marmore os olhos do admirador e crear nele o movimento fundo da carne que vem levantar a pele e agitar o corpo num ritmo harmonioso.

Assim é com o gésto. Quando traduz o pensamento anciado das criações de Mimi Aguglia, vê-se palpitar a carne d'éla num movimento violento, maximo como o brilho da luz a apagar-se, compreende-se toda

a tortura que crispa as cordas da sua voz, quasi a partirem-se pela tensão suprema do sentimento e da emoção.

E' a sinceridade, a propriedade do gésto que faz a beleza suprema da arte com que Mimi Aguglia representa.

E' tão verdadeiro que não ha ninguem que imagine que ela não sôfra, não viva a vida das personagens que cría.

E acompanha-a por isso sempre, fóra do teátro, a mesma adoração que em cêna despertou.

Por isso por onde ela passe não ha alma d'adolescente que não fique enamorada; o amor nasce como abrem simplesmente as flôres, á passagem da Primavera, no quadro de Boticelli...

: De Alberto
Feliz de Car-
valho : ꝏ ꝏ

Na Eucharistia da sua Arte communguei a hostia redemptora da Perfeição; e agora, sacramentado pelo seu genio, as almas que ella purificou em belleza ante os meus olhos extasiados, acompanham-me por toda a parte, em volta de mim, como um cortejo d'elfos encantados, que me não deixarão mais pertencer a outro mundo extranho á sua roda, e me fazem tomar as criaturas que a mim se roçam, por phantasmas escarninhos de sêres a que eu outr'ora me assemelhei, e agora me dão calafrios, como espectros errantes de coisas que já não devessem existir.

Assim, alando-me n'uma assumpção até Ella, visiono a plebalha, resolvendo-se alvarmente em torno das suas mesquinhissimas occupações e mal comprehendo já o sentido d'esse maluco vortilhão que me ameaça, que me persegue, n'uma praga jurada de afogar-me tambem e de afundar-me para sempre nas pregas asfixiantes do seu inferno de tédio, roubando-me sacrilegamente do sacrario d'almas onde a minha alma tinha sido recebida.

No desespero louco da fugida, vou até onde me leva o desejo de perfeição que Ella em mim espertou e uma febre percorre os meus nervos, fazendo-me

odiar todas as caramonas de mulheres que por mim passam e outra coisa não conseguem ser, senão frustes profanações da humanissima feminilidade em que Ella transfigurou a carne e o espirito das que tiveram a ventura de encontra-la, para n'ella viverem as suas paixões, os seus sacrificios, as suas revoltas ou as suas vinganças.

Presinto dolorosamente que a minha sensibilidade foi fadada, para só mais poder acceitar ao seu culto as figuras de aristocracia, os prodigios de raça, os refinamentos patricios, que esse corpo franzeninho plasticisou em atticismos de porte, que eram segredos encantados quebrando-se em apparições gritantes de belleza, n'uma prodigalidade de triumphos scenicos, que faz vertigens de commoção.

Vejo-me então desterrado, condemnado a uma existencia sosinha no meio da multidão, em penitencia eterna, como se commettera um peccado que não tem perdão, porque nem sequer a esperança de um arrependimento pode restituir-me ao estado de graça, necessario a reconciliar-me com os arremedos humanos, que a sua Arte me faz desprezar e são todo o mundo que me rodeia.

N'este isolamento de tudo que não seja a minha paixão, começo a extranhar as minhas antigas affeições, quero pertencer-me absolutamente, renego tudo a que os outros sacrificam e liberto-me de todos os laços que prendiam a mais pequena parte da minha personalidade; suprehendo-me inteiramente outro, na plena posse de mim mesmo e uma afflictiva ansia de entregar-me, dominando-me como a fatalidade de uma velha predestinação, vem a todo o meu ser, para offerecer-se em canticos de enthusiasmo á Divina Mulher que elle já tinha advinhado, na injustificada peregrinação de ludibrios que seria — sem Ella — toda a sua vida passada.

Só tu, Mulher que, pela tua Arte, és a Benção da minha Vida, conseguiste até hoje possuir-me em tudo o que havia de mais guardado no fundo *d'este pequeno abysmo chamado coração.*

Esperava-te para cantar-te as odes pagãs de salvérainhas e louvores que intimamente ia compondo, na prophetica antevisão de alguma coisa absolutamente bella a que instinctivamente aspirava, por que secretamente vivia e era a tua Arte revelada em explosões d'amor, psalmos de volupia, ladainhas de martyrios, rosarios passados de calvarios divinisantes...

E posso agora dizer que fui mago, porque tu appareceste para colher os votos da muda religiosidade que em mim se alimentava, sem eu saber bem porquê, n'um ritual d'emoção, cujas preces eram os momentos de recolhimento que a minha mysteriosa fé me pedia, quando os meus olhos contemplativos tinham visões, que eram prenuncios das Creaturas que em ti encarnaram.

Com ellas compuz um missal de illuminuras, que conservarei perpetuamente aberto e cujas paginas só deixarei de folhear, quando o teu genio voltar para cinzelar, na carne viva do teu corpo, as estatuas — orações que eu hei-de rezar todos os dias, com a devoção sacrifical em que se celebram, dentro de todas as religiões, os actos da mais pura lithurgia.

Em mim veio a tua Arte crear um culto.

Podesse ella ser intendida por todos os homens para que, á tua passagem, o mundo fosse um odeon em que se ouvisse um só canto fremente de todas as gargantas, n'um mesmo *élan* á tua gloria.

: De Nuno Simões ::

Contam que uma vez um cego do occidente recuperou a vista ao tocar a imagem de Aphrodite, na Hellade eterna das estatuas vivas e da bellesa immorredoira.

E quando os seus olhos a primeira vez se abriram as suas mãos se ergueram para a deusa numa oração que começava assim:

«Salvé divina. Feliz de mim porque todas as mulheres são bellas e a minha fealdade a alguma tem direito. Meus olhos hei-de votar-tos para sempre.»

O milagre da bellesa repetiu-se.

Como ao cego que encheu os olhos da divina nudez, a nós Mimi contagiou-nos das visões hallucinantes da paixão e mais do que o contacto da lenda hellenica dando a figura da deusa ao culto do barbaro, a sua passagem deu-nos uma alluvião de imagens maravilhosas surgindo num instante, subindo em extasis ou descendo em esgar, mais belas sempre do que a estatua grega porque são mais humanas.

E' uma tremenda fila ornamental de figuras dramaticas, quentes ainda da plasticisação immortal e

dominando-nos mais por isso mesmo, fixadas na retina segundo os momentos de alma e segundo elles reprodusidas depois quando a necessidade de lembrar actualisa o que está para alem da nossa vida.

Temo-las todas ao sabor dos nervos, soberanas quando caem e caindo ao dominar, mulheres sempre, de Dumas ou de D'Annunzio, de Capuana ou de outrem não importa.

Mila, Jana, Magda e Margarida Gauthier vivem no meu espirito presentes, uma que é carne fremente de peccado mas tem alma de puresa, outra, que da carne apenas tem a culpa, Magda, o amor de mãe explodindo em odio, Margarida, a paixão lilaz de beijos macerados.

Hora de evocação, vejo-as surgir, e como na nudez da estatua estava a de todas as gregas, na feminilidade e do genio da Tragica erguem-se todas as mulheres.

Pela febre de viver que me tortura eu a saúdo.

E porque a vida é a bellesa eu a bemdigo como reveladora.

: De Augusto
Casimiro :: ::

: MILA DI CODRA :

Um sol oculto espéra anciosamente
Em cada coisa muda... E espera emquanto
O não revéla a Arte! — A Arte sómente
Que é toda a vida por dizê-la tanto.

Revelar almas é divino! A gente,
Num assombro de pánico e encanto,
Num momento, — olha a Vida frente a frente!

E os olhos ficam húmidos de pranto...

Revelar almas!... Ó divina maga,
Mila di Codra, ó Mila! — A tua voz
E' algema e aza, amaldiçôa e afaga!...

Vais morrer... mas sorrís divinamente!
— E a Vida, e a nossa Alma, então, em nós
Fitam-se num assombro, frente a frente!

: De Arthur Ribeiro Lopes :: :: ::

Eu não sei por quanto tempo meus sentidos reconstruirão as scenas d'essas noites que vivem em mim com a precisão d'uma realidade presente e a fixidez desesperante d'um extase.

A Malia!.....

Por si só, apenas, a peça é como sabem a mais maravilhosa reconstituição d'um trecho de vida regional. Numa revelação de realisação technica que vae desde a sequencia flagrantissima dos factos até á intencionalidade de cada promenor, a *Malia* tem a precisão, a brevidade e o poder subjugante d'uma scena por nossos olhos surprehendida a qualquer passo da existencia.

No segundo acto, quando todos os traços scenicos se conjugam na mesma força emotiva e a Artista, ensaiando os primeiros arrancos d'essa hysteria — que a visão artistica do feminino divinisa — se contorse e espiralise quasi numa convulsão ascencional instillando-nos em cada nervo a força d'um agente toxico, a tempestade apresiona-nos constantemente e sempre e, já agora, parece adquirir intenções de martyrio. Então, cada gesto tem em nós uma resonancia de catastrophe e cada ondulação nervosissima do seu corpo perturba-nos e esmaece-nos, em syncope.

Quando em baixo, na procissão, as vozes cantam, o quadro toma tintas de tela mistica: o grito supremo ascende, estrangulante, passando pelas colinas, como um fremito, e emquanto ao longe as cadencias religiosas os diluem, no Azul, a Malia horripila de nervosidade, offegante, convulsa, mortal, nos paroxismos d'essa hysteria bizarra que é bem, em ultima analyse, o Desejo esculpindo na carne os versiculos do seu evangelho.

Vejo-a agora na *Dama das Camelias*, colorindo todo o scenario de reflexos violaceos e de tintas palidas.

Vejo o seu perfil de tysica desenhado sobre um fundo ungido de perfumes mortuarios e, no lance maximo, o rictus da expressão, aquelle rictus supremamente theatral que, depois d'Ella, só a morte e a volupia teem a arte de compôr.

E, de facto. só a absorpção hyper-esthesiante em toda a sua Arte. humanisando e eternisando estados d'alma e attitudes de mulher apaixonada ainda consegue levar-nos a sensibilidade até á consumação da conhecidissima peça.

Mimi Aguglia porque não vive no tempo as exigencias da sensibilidade d'uma epoca, mas vive na eternidade a alma da sua raça não tornou ainda escolar a curva dos seus gestos, nem, certo, a musica das

suas atitudes entrou nos moldes transitorios das correcções academicas. Não. A sua Arte tem o bello e o tragico d'uma lava eruptiva e, sentindo-a, por nossos olhos paysagens perpassam, a côr do Sul, almas do Sul e o eterno poema do ceu da Italia cujas estrophes são soluçadas na sua voz, como na sua Alma as gerações condensassem tudo o que viveram de tragico e de sublime e a propria terra ciciliana aos seus nervos communicasse o rithmo convulso dos seus abalos.

As mãos de lava da sua Arte tocaram d'espiritualidade cada fibra do meu sêr. E agora, a minha admiração não tem já apenas a instantaneidade d'uma vertigem; entrou nas necessidades psychicas da minha organisação e eu admiro-a, admiro-a como artista sente e como o crente resa.

. De Humberto d'Avelar : ∞

Não ha, decerto, em terras latinas, instincto scênico mais agudo, intérprete mais perfeita das figuras populares.

E' que ela não as representa, *vive-as*, às sicilianas de sonho e terror, criaturas simples de sentimentos extremos, que sabem amar com fúria e odiar com raiva. Presas das mais grosseiras superstições, geradas numa incompleta combinação do forte e belo paganismo com um cristianismo áspero e sombrio, incubadas ao sol doirado das encostas vulcânicas, essas figuras são duma grandeza trágica nos grandes sentimentos, e duma ternura melancólica e imaginativa, sempre poética e elevada, mesmo nos lances mais simples.

E', de resto, este o traço fundamental do carácter das aldeias do sul.

Mas em nenhumas, como nas da Sicília, êle é tam vincado, tam profundo, tam característico. As mesmas andaluzas nos aparecem frouxas e como que diluidas na meia-côr duma raça gasta: basta comparar o teatro andaluz dos Quintero com as personagens de Capuana.

Ora Mimi Aguglia é a Siciliana: por isso éla não

necessita de representar as personagens do seu teatro; ela apresenta-se a si mesma, ao seu instincto singular, à sua hiperisteria, e nós vemos toda a raça, com a sua estuante violência, a sua exacerbação sentimental; e sentimos toda a dôr, todo o sofrimento secular, duma plebe miserável, no constante terror das catástrofes naturais, no permanente receio dos castigos sobrenaturais.

Não se esquece mais a torturante figura da pobre Jana *maliata*, estátua viva e muda do sofrimento imerecido; não se esquece, nêsse segundo acto de *situação*, em que as palavras sam inúteis, em que apenas serviriam para diminuir a emoção, a figurinha de Artista, dominando a scena com a sua pequenez, confrangendo a multidão com o seu silêncio, imensa no seu amarfanhamento.

A esta interpretação só é comparável a de Mila no primeiro acto da *Filha de Jorio;* mas nesta, a extrema irrealilidade da personagem não deixa perdurar a impressão; enquanto a Jana, tam simples e real, fica para sempre gravada, como alguma desgraça que comnôsco se passasse, como uma grande dôr que vivêsse a nosso lado.

Só duma coisa se tem pena: da pobreza dêste género de teatro, para a vêrmos muitas noites, todas as noites, e todas as noites a aplaudirmos com fervôr, e enriquecermos a recordação com a saùdade da grande Siciliana, que triunfalmente passeia pela terra as figuras dolorosas da sua bela Ilha.

: De Affonso Duarte :

∞ TRAGÉDIA ∞
DO SOL-POSTO

Já no Mar largo, aos ritmos da espuma,
O longe d'agua esfuma,
Em poeira do Ocaso, o Sol das mondas.

— Ninfas resando avé-marias de ondas...

E o alem do Sol, em névoas côr de magua,
Que enorme, ás vagas! cheio de abandono!

— Que estranho deserdado o mês do Outono...

— Crepúsculos da Tarde aos silvos na agua...

Já no Mar alto, esparso em oiro e bruma,
Caïndo á Tarde, aos fins, o Sol reçuma
As côres em delirio, o corpo em iris...

Eis a hora de partires,
Martir de amôr, meu coração do ocaso!

— Martírio rôxo em carne viva... Outono raso...

Já ás mancheias de côr sobre os casaes
O Sol, poente em praia, a tanta milha,
— Oh que soberba e estranha maravilha —
Deita as demãos aos últimos vitraes!

— Ruina e sombra contra a Terra exangue...

— Arvores côr de cinza e côr de sangue...

Oh que desgraça aí vae!

Sam de fôgo as figuras quando cae
O Sol no Mar... Qne assombro!
Pizam lume os que vem de enxada ao hombro
E andam em braza as moças que das fontes
Vem de talha á cabeça! Olhae!... Olhae!...
Incendeiam-se os montes!

E frente ao Sol, meus olhos, ás divinas
Dos relêvos da côr sobre as colinas,
E essa frescura do ar que areja e touca
As altas cumeadas, a seu geito,
Dilatavam-me o peito
Cheio de força desvairada e louca!

E aconchegado á Terra, entre pinhaes,
O Sol dava de longe nos casaes
Labaredas vermelhas!

Eia! gritavam Sol as coisas velhas,
— Gritava eu!

E altissimo Poeta que no céo
Me chamasse, e na Terra, e no Mar,
Labaredas de Sol, que o Sol me deu,
Aos espaços lançavam-me a gritar!
— Gritava eu!

As árvores em chama
Viam-se a arder no incendio do Sol-pôsto;
E as folhagens em braza e toda a rama
Queimavam o ar em tôrno do seu rôsto.

Chego meu peito apertadinho á Terra
Que o fôgo vem de cima!
Mas, — ai — o Sol sublima
E a Terra é uma fornalha!

Sobre ela, agora, a vida se desterra:
Nem viv'alma trabalha!

Amôr! Amôr! Ó cheia de graça! Ó minha
Avé-Maria! A chama vem daninha
A's labaredas rubras pelas folhas...

Ai! vem depressa, Amôr, vê se ainda olhas...

Já nem ave e nem plata ou flôr respiga:
Arde no Sol em braza o nosso amôr...
Que vontade em gritar, ó minha amiga!
Sobre as queimadas vivas do Sol-pôr.

E entre delirios e trocados beijos
Noutras horas de ceus abençoados,
Chamam por mim os ultimos desejos
Em que assentámos ambos de mãos dadas.

No oceano do Sol onde me afógo,
Por ti, por mim, e pelas coisas belas,
Os quatro ventos com a voz em fogo
Gritam sangue de Sol para as estrelas!

Olha as figuras como deitam lume
Sob o brazêdo vivo do Poente
A batalhar incendios e negrume!

Olha os Casaes com velhas á lareira
A contar contos mais a sua gente
Sob a graça de Deus e da fogueira...

E os fatigados do trabalho, sobre o esturro
Do saibro ardente e das folhas resequidas,
Fálam bafos de chamas n'um sussurro.

São os que vivem do suor do rôsto
E vêm de faces gastas e incardidas
De volta a casa ás horas do Sol-pôsto.

Sobre as nuvens do céo gritam ruinas:
Velhas contendas de homens e de feras
Nos recontros abrutos das colinas.

Sobre as nuvens do céo andam galéras:
E naufragas muralhas sacudidas
Por despeito dos ventos da invernia.

E sam corpos ao Mar, — velas partidas
Dando-se ás aguas sobre a machoquia!

Mar... Mar de fogo! As nuvens sam as ondas
E sam naus que navegam á ventura!
Outras se mostram espectraes, hediondas!
E altas fórmas da nossa criatura.

ar... de fôgo! Sobre o sol nos montes,
Afogueadas e rubras caravelas,
Correm, mergulham noutros horisontes!
Lá se vam elas!...

Lanço-me de alma arrebatada e jogo
Meu corpo ás Nuvens dentre o Sol que abraza!
E agua a estoirar em cima duma braza
As coisas ao redor gritam ao fôgo!

E o Sol em chamas sobre a terra a arder,
De encontro ás Nuvens bate-se, de geito,
Que é um gôsto de Deus vê-lo morrer
Num mar de espumas, côr do céo, desfeito!

A RAIADA

COIMBRA
1 MARÇO
1912. N.º 1
SERIE 1.ª

REVISTA DE CRITICA ARTE E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

PREÇO: 100 RS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTHERO DO QUENTAL
PROPRIETARIO E EDITOR: MOITA DE DEUS ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA SEC.: MARIO VIEIRA COMPOSTA E IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 LISBOA
LIVRARIA NEVES—DEPOSITARIA—COIMBRA

SUMARIO DO N.º 1 — 1.ª SERIE

CAPA POR CORREIA DIAS.

Principe—Por *Mario Beirão*..... 1
Da arte e do futuro de Antonio Carneiro—Por *Manoel de Sousa Pinto*..... 2
A uma romantica—Por *Manuel Laranjeira*..... 5
Arte de dominar—Por *Joaquim Martins Manso*.... 7
O elogio dos sons—Por *Augusto Casimiro*..... 10
Tése sobre o humor—Por *Carlos Parreira*..... 12
Excerpto—Por *Julio Brandão*..... 17
Coimbra e a tradição—Por *Nuno Simões*..... 18
O amor e o mal—Por *Jayme Cortezão*..... 21
Sgrafitos—Por *Vergilio Correia*..... 22
No outono—Por *Joaquim de Almeara*..... 25
Vida incerta—Por *Arth. Ribeiro Lopes*..... 26
Allegoria da tarde—Por *Affonso Duarte*..... 29
Vária..... 32

VINHETAS POR CORREIA DIAS

GRAVURAS DE CHRISTIANO DE CARVALHO E DE MARQUES DE ABREU

VAGO

VAGO

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.

É respeitada a ortografia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração, a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇO DA 1.ª Serie (6 numeros):

Portugal e colonias, 900 réis
Brazil, assignatura directa, 2$500 réis
Numero avulso, 100 réis

PAGAMENTO ADEANTADO

ANNUNCIOS

«Sempre illustrados sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1 pagina	6$000
1/2 »	3$500
1/3 »	2$500
1/4 »	2$000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annunciantes» podem contar com mais folhas que serão addicionadas quando necessarias.

N.º 1 : COIMBRA, 1 DE MARÇO : 1912

ORPHEU

DIRECTOR LITERARIO: Alfredo Guisado :EDITOR E PROPRIETARIO: :DIRECTOR ARTISTICO

: PRINCIPE :

Dos meus avós herdei a graça heroina
De encarar o perigo, frente a frente:
...Bebem sangue os areaes, a lança fina
Ergo-a nas minhas mãos, beduinamente!

Sou pelo Amôr: a graça feminina
E' no meu escudo uma divisa ardente;
Nomade sou, que ao lêr a minha sina
As ciganas me chamam seu parente:

Sina de perdição! viver-de-acaso!
...Mas quando o olhar longinquamente arraso,
(Tardes de luz morrente... um sino tange...)

Oh sonho regressivo: a tribu em massa,
De novo acclama o Principe da Raça,
E aos gritos, halalís, recúrvo o alfange!

BAIXO ALEMTEJO. 1907 :

: MARIO BEIRÃO :

DA ARTE E DO FUTURO DE ANTONIO CARNEIRO:

A hora em que começar correndo esta nova revista — para a qual, com amavel insistencia, se me pede que d'elle novamente falle — deve estar encerrada a Exposição de Quadros e Desenhos de Antonio Carneiro, no salão da *Illustração Portugueza*, a que, com tão animadora affluencia, Lisboa tem concorrido, e de cujo legitimo, lisonjeiro bom exito não permittem duvidar, nem o caloroso dos louvores abundantes, nem o numero de trabalhos vendidos, attingindo, mui significativa e merecidamente, a meia-centena.

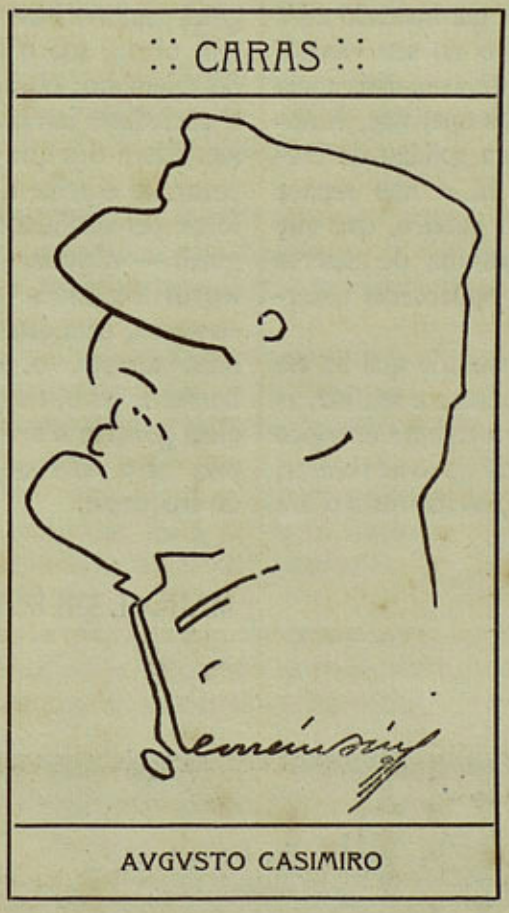
O facto de haver nesta terra, proverbial na sua inimizade e indifferença para tudo quanto, de perto ou de longe, se aparentasse com a arte, trinta ou quarenta pessoas — sem contar as que, muito infelizmente, não puderam objectivar o seu desejo — sinceramente empenhadas em levarem para os seus quartos ou para as suas salas alguns documentos suggestionantes da arte suggestionadora do visionario de Leça, do retratista de Junqueiro, Julio Brandão e João de Barros, do sanguinista insigne da *Elvirinha* e da *Menina Maria Mourão*, do carvoista vigorosissimo do seu auto-retrato verlainesco, do lapis creador da *Maria da Graça* e do *Padre-Nosso*, é, na verdade, um symptoma consolador de melhoria e progresso por parte do publico, que, emfim, aqui ou alem, principia a mostrar-se desejoso de vir tambem um dia a alcançar o grau de sensibilidade de certas cultas e ditosas cidades, onde a arte é uma necessidade vital como o amor ou o trabalho, um culto, professado em exposições e museus, com mais proveito e belleza do que as platonicas devoções dos templos ou das synagogas.

Viria tarde para annotar aqui, ainda que muito ligeiramente, como já em duas investidas o tentei com prazer, o catalogo vasto e vario da producção, desegual, mas reveladora, que Antonio Carneiro trouxe á capital.

Com a maior das consciencias, reconhecendo decerto que os defeitos são, as mais das vezes, os melhores explicadores das qualidades, cuidou Carneiro louvavelmente em se mostrar, como pintor e desenhador, sob todos os seus aspectos. Artista sobremodo e fecundamente variavel, caprichou em patentearnos toda essa variabilidade: desde as suas marinhas wkistlerianas e recentes de Leça da Palmeira, que é um dos seus modelos mais favoritos, aos retratos da familia, d'alguns amigos e d'alguns artistas, que são das suas mais predilectas paizagens; do oleo, que elle com facilidade torna voluvel, ao *crayon* espesso, que com segura mão converte em luminoso; da pintura decorativa, exemplificada pelos projectos do tecto, já realisado, da Bolsa do Porto, á religiosa, testemunhada pelos es-

tudos e esboços do *Baptismo* e da *Ceia;* dos seus sonhos emmolduradados, ás suas fugidias realidades a desprenderem-se da tela; mesmo, desde as suas taboas classicamente tratadas, como *A Tia Juliana,* até aos originaes das suas illustrações para livros ou postaes, como as, tão enternecidas, dos *Versos de João de Deus para o povo e para as creanças,* agora publicados, e as da serie tão evocadora de *Escriptores e Artistas,* editada por Ramiro Mourão — que, inspirados, estes ultimos, no odio entranhado que Antonio Carneiro vota á photographia, representam quasi sempre uma bella tentativa de interpretação desmaterialisadora, como no seu *Camillo,* que não pertence á citada collecção, adquirido pelo Museu de Arte Moderna com tino mais seguro do que o que o inspirou na eleição dos quadros *Nocturno* e *Contemplação.*

Para bem ou para mal, é força reconhecer que esta sua primeira grande exposição de Lisboa, marcando para a arte, deixem-me dizer, passada de Antonio Carneiro uma data gloriosa de incontrastavel triumpho, assignala para a sua arte futura um pezado, arduo, serio compromisso inilludivel.



Vindo do seu isolamento obstinado, do seu quasi obscuro recanto, do Porto, Antonio Carneiro, vencendo inabalavelmente como desenhista inconfundivel e grangeando na pintura uma fama cheia de esperança e de promessas, conseguiu, carinhosamente agazalhado por Lisboa, abater essa muralha intimidante de desconhecimento e incommunicabilidade de que se via tão dolorosamente cercado. O grande

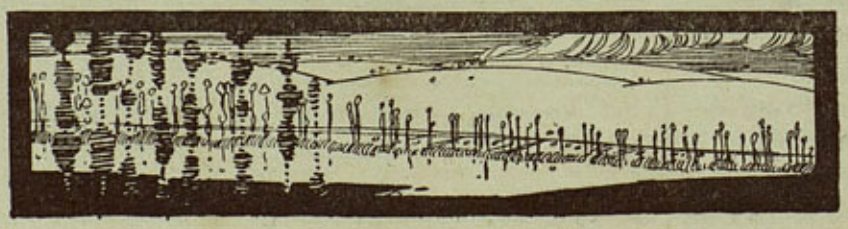
publico entrou finalmente em communhão com esse grande artista, que, talvez por culpa do seu exagerado retrahimento, ignorava, se não de nome, de trabalhos.

Vae, breve, voltar, com um vago ar de sorriso na sua barbada face meditabunda, com um boccado mais de paz e incentivo no seu vibratil coração tragediante, com mais ancia fremente nas mãos operosas, Antonio Carneiro á sua solidão de eremita portuense. Já o não separa agora, porém, do publico, que elle temia, aquella muralha de asperos pedregulhos, em apparencia inderrubaveis.

Pela força de victoria que ha em toda a arte espontanea e sentida, as pedras rolaram ao embate energico do louvor. Para de novo se recatar, como lhe é grato, só lhe resta d'ora avante, tendo os publicos olhos fitos em si, um muro de vidro, isolador é certo, mas não occultador, nem sonegante.

Todos, confiados, talvez exigentes, aguardamos as suas obras novas — obras geradas, fóra da perigosa, sombria incerteza dos que tentam ainda, sob o estimulo propicio do triumpho; obras em que, morta a anciedade intranquilla e compromettedora dos que têm ainda de esperar, se espelhe a vigorosa, nitida, forte personalidade definitiva d'alguem — Alguem — para quem os louros recebidos não foram nem surpreza, nem mercê, nem demasia, mas, apenas, o symbolo virente, honroso, justo, do premio que a sua alma genuina d'artista já vira a propria arte offertar-lhe, em sonhos, de frequente.

: MANOEL DE SOVSA PINTO :



A UMA ROMANTICA

NO ALBVM DE M.lle
LVCIA BRANDÃO ::

I

Teus olhos tristes (se o olhar não mente)
andam dizendo adeus a um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar anda dizendo
quanto deve soffrer teu coração
á medida que o sonho vai morrendo...

E por mais que tu julgues escondido
no fundo d'esse olhar silencioso
o teu sonho d'amor incomprehendido,

Vê lá se o sei! — Um principe encantado
tomava-te em seus braços, ancioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois... depois, cançada de esperar
o principe encantado que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma vencida,
que tantas illusões na vida tinha,
já começa a descrer tambem da vida...

Oh alma solitaria, oh alma triste,
o principe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe!

Sonhos d'amor, os sonhos ideaes,
em que tu, alma doce, confiavas,
são sonhos, sonhos vãos e nada mais...

II

NOFFRES, bem sei! e soffres com vergonha
de sonhar tanto e em vão! e tens no olhar
a cobardia de quem chora e sonha!

Mas sofre com orgulho! O pensamento
de poder mais que a dôr faz-nos gosar,
orgulhosos do nosso soffrimento.

Até a dôr esquece, quando o peito,
ao desfazer-se o sonho, ainda tem
orgulho p'ra o amar, mesmo desfeito.

Descrê da vida embora! (que se junca
p'ra ti de desenganos, sei-o bem);
mas de ti mesma não descreias nunca!

Tem orgulho de ti! de ser assim!
e ama o sonho d'amor que não viveste
n'uma torre illusoria de marfim!

E nunca te envergonhes de sonhar,
nem escondas o sonho que tiveste,
com receio de alguem t'o profanar!

Ama-o dentro de ti! como acontece
áquelle que ama ainda com paixão
o phantasma de alguem que lhe morresse.

Um sonho como o teu, desfeito e bello,
só o sonha quem tenha um coração
... que não ache quem saiba comprehende-lo...

: SETEMBRO, 1907 :

: MANVEL LARANJEIRA :

: ARTE DE DOMINAR :

OJE professa-se com algum ruido a religião da igualdade. As superioridades derivadas de talento ou da fortuna, do trabalho ou do estudo não dispertam um acôrdo de simpatias ou de aplausos, recebendo, pelo contrario, da parte dos que lhes passam por baixo um olhar de odio, quando não qualquer daquelas raivosas ameaças que a demagogia dirige sempre aos que se empoleiram alto.

Os mediocres querem reduzir tudo ao seu nivel: não toleram hegemonias nem aceitam mestres.

O terra-a-terra das situações, o homem despojado de orgulho e vaidade, conformando-se com as esperanças rasteiras da coletividade, rasoirada pelas invejas dos pequenos, eis o ideal que se prosegue nas nossas sociedades, cada vez mais entregues á idolatria estupida das virtudes que o profeta do *Zarathustra* chamava gregárias. Ninguem vê elevar um seu semelhante sem ao mesmo tempo sentir um forte desejo de o despenhar na multidão indistinta e turbilhonar em que os desejos e as vozes se confundem, como o movimento de cada folha se confunde na brava agitação de toda uma floresta rumorosa.

A multidão não quer homens representativos, personagens investidos em soberanias e magisterios inteligentes: que tudo se redusa a pó, á espessa areia dos povos que na mais chata democracia realisam as tarefas mais banaes e comuns. E assim, a cada instante, milhares de braços colericos se erguem no ar para deitar ao chão os que, perante o enigma permanente do universo, conseguiram reunir aquela porção de verdade que é necessaria para guiar uma existencia por caminhos differentes dos trilhados pelas chusmas ignaras.

A igualdade é o Evangelho dos anões, a vitoria sonhada pelos morcêgos.

Debalde a natureza cria os seres dotando-os diversamente — uns com poderosas faculdades aptas para toda a serie de visões que vão desde a mais arrojada especulação metafisica até á mais prepavel realisação de bellesa; outros menos ricos em fulgurações intellectuaes e artisticas, mas bem feitos para o jiro pausado das tradições e dos habitos, geradores inexcediveis de felicidade terrestre — porque, conforme as reivindicações das plebes modernas, essa distribuição desigual de energias representa uma ofensa insanavel á justiça social que ameaça abater todas as seleções, esmagando-as como se fôra um enorme cilindro.

Esta pavorosa iconoclastia, porem, não é tão radical como á primeira vista poderá parecer: muitas vêzes a furia de igualisar, de aplanar distinções e supremacias incontestaveis não vai tambem sem uma

certa vontade de trepar ás eminencias.

Quem mais se esforça para apear os outros do seu alcandor, occulta o proposito de lhes tomar o logar. Cai um idolo para outro subir. Quantos moralistas insignes não se aprestam a denunciar ao publico as manhas e intrujices alheias, acariciando dentro de si a doce ambição de ascenderem depois á adoração que envolve os benemeritos e os vencedores!

E' um caso de todos os dias.

A hipocrisia, que jura sempre o seu desinteresse é mestra nestas artes. Toda ella finge arder em devoradoras chamas de dedicação e sacrificio pelos humildes, quando, no fim de contas, só pensa em lhes lançar nos olhos piscos a porção de poeira suficiente para lhes iludir a credulidade, satisfazendo inconfessaveis cubiças.

Por isso digo que o atual horror das desigualdades encobre frequentemente intuitos de estabelecer desigualdades ainda maiores, substituindo o valor puro dos que se imposeram por um triumpho justo pelas argucias capciosas ou rematadas velhacarias de rabulas sabidos nos processos de empalmar os suffragios e aclamações dos simplorios.

Porque é que os sindicalistas resolveram sacudir a coloboração dos elementos intelectuaes, contando unicamente com a acção do proletariado para realisar a transformação da sociedade?

Cansaram-se de ser ludibriados por uma cambada de palradores, a estalar de embofia, que falavam na libertação economica dos trabalhadores, mas com o ganancioso fito de se libertarem a si proprios de penurias, rompendo do socialismo para o confôrto comodo das altas situações politicas e parlamentares.

Tenhamos sempre receio dos homens que, em face de auditorios boquiabertos e sugestionaveis, clamam o nobre intento que os anima, de se votarem á causa dos oprimidos, rasgando-lhes perspectivas largas de libertação. Podem ser sinceros, mas se o são, as suas oratorias perdem em pompa e espalhafato o que adquirem em ardor convicto e em simplicidade eloquente.

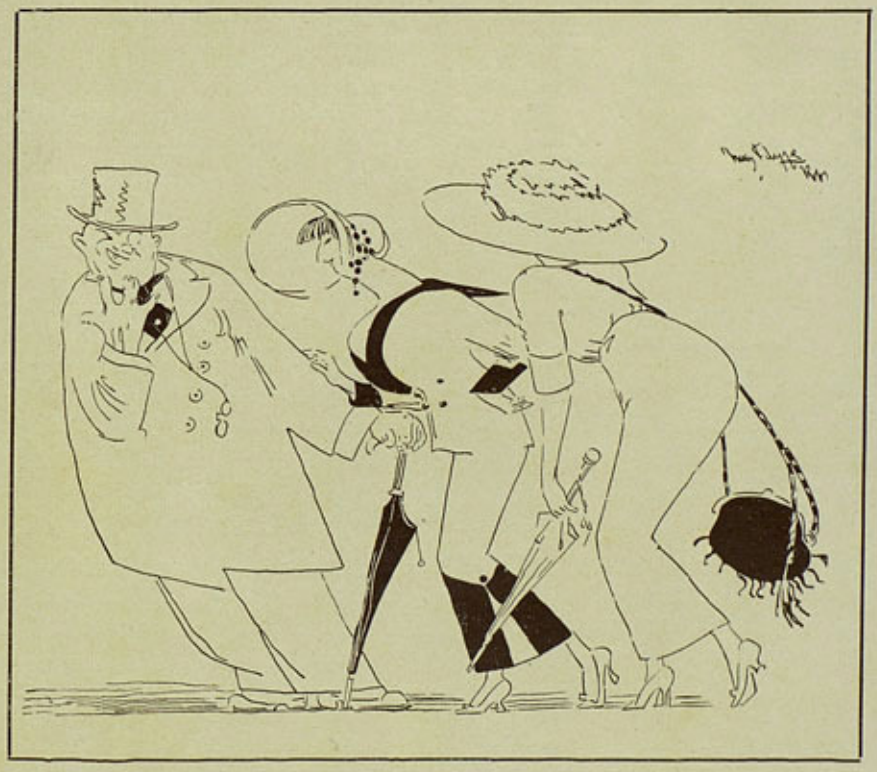
Os verdadeiros apostolos e educadores não abrem horisontes seductores á ingenuidade candida dos que os escutam, tratam sim de lhes fazer perceber o esforço lento que teem a realisar para se tornarem dignos de uma conquista ou de uma melhoria social. Os pantomineiros, esses não estão com meias medidas: prometem tudo, de sorte a deslumbrarem com o fulgor fantastico de suas promessas as gentes que se propõem captar para juguête das suas aspirações.

Pouco os incomoda que as suas palavras venham a perturbar creaturas que de calmas e pacificas se volvem em agentes de tumulto e discordia, gritadores anarquicos de ruas e praças... O que elles que-

:: PAISAGEM ::

DESENHO DE
CORREIA DIAS :

MODESTIA



— UMA OPINIÃO SOBRE O AMOR NA MINHA EDADE!
— ORA, SENHOR CONSELHEIRO, ISSO É MODESTIA...

DESENHO DE
LUIZ PILIPPE

Realismo e... Realismo

— QVER V. E. VÊR O MEU QVADRITO? E' TVDO QVANTO HA DE MAIS REALISTA! — COMPRO! DA' CONFORME OS MEUS PRINCIPIOS... SOV MONARCHICO

DESENHO DE CHRISTIANO CRVZ

:: MORALIDADE BVRGVEZA ::

POIS QVÊ?! TENS FOME
SENDO BONITA?! ....

DESENHO
DE BALHA
E MELLO.

rem é cardar a lã dos papalvos, isto é, *arranjar-se!*

Outrora os reis resumiam em suas sagradas pessoas toda a essencia do imperio e da força. Os povos eram os seus doceis rebanhos, os scetros simbolisavam o cajado pastoril. Em volta delles, a namorar-lhes a proteção e as graças, quem estava? A corja vil dos aduladores que se rojavam a seus pés sem dignidade nem brio, afim de apanharem um pontapé ou um favor.

Agora o soberano passou a ser o povinho, consoante resa a lettra ironica das constituições. D'ahi eis a farandula dos pedintes e dos arranjistas a exaltar-lhe as virtudes e a assoprar-lhe as prosapias. A eleição que investe *um qualquer* no desempenho de um mandato, corresponde á velha cerimonia liturgica da unção real. E' das urnas que saem as vespas que depois vão ferrar o aguilhão no cachaço da rez popular. Esta sentindo-se mordida, espumando bruta colera, precipita-se em louca carreira, como se quizesse subverter todos os que lhe espicaçam a paciencia e a risivel soberania.

Mas sempre o pano encarnado, sacudido pela mão habil de um novo produtor de ilusões, detém a féra que, pouco a pouco, estonteada, sem noção do que pretende ou faz, se deixa conduzir ao curral amoravelmente — o que indica ter caído noutro logro, ter deixado surpreender a sua boa-fé noutra cilada. E assim successivamente...

As turbas não se mostram dispostas a tolerar as creaturas de merito seguro que na sciencia, na filosofia, na arte, no trabalho, na litteratura ou na luta social se ilustraram, arrancando ao misterio fundo do universo ou da vida aquelles imortaes clarões de saber, de justiça e de emoção que esclarecem um tanto a treva do destino humano.

E porque esta má disposição?

E' que esses não mendigaram o seu auxilio. Impuseram-se como factos naturaes. A propria energia vital os ungiu. Surgem nas sociedades como os astros nas alturas: tudo devem á enigmatica evolução da energia que se deposita nos cerebros e nas almas, segundo medidas e proporções inteiramente desconhecidas. O sabio ou o artista produzem-se não sob as azas de um protecionismo qualquer, mas como casos indiscutiveis, superiores ás avaliações e juizos do povo. Pedir-lhes a razão da sua existencia, seria o mesmo que pedir ao sol a razão de ser da sua soberania planetaria!...

COIMBRA, 29—XI—911 :

: JOAQVIM MARTINS MANSO :

:: O ELOGIO DOS SONS ::

VAGUEIAM minhas mãos sobre um téclado
Num abandono... Eu sigo a nebulosa,
A indefinivel curva misteriosa
Dos sons... e do meu sonho abandonado...

Ungem-me os sons as mãos como um perfume;
Lembram, no vôo brando e transparente,
Lirios de neve, pétalas de lume,
Gritos, caricias, chôros, vagamente...

Numa cegueira dôce, ali, á tôa,
Vagueiam minhas mãos, devagarinho,
E, na musica lenta, eu advinho
Outra mais bela que em minh'alma sôa...

E despertam os sons, erguem a voz,
Sam como aparições, vam e esmaécem...
— Fogos fátuos de som que se adormecem
Vagos e melancólicos em nós...

E aquelas vidas mortas mal assomam
A' Vida, aquelas vidas vaporosas,
Em meus sentidos piedosos tomam
A dôce luz das coisas saüdosas...

Em tudo as advinho adormecidas,
Almas de nevoa e som, a procurar
Indefinidas, tristes e esquecidas,
A alma de amor que as venha despertar...

Tanta tristeza dizem, tanta mágua
Dizem os sons, em gritos, a gemêr,
Que a gente sente os olhos rásos de agua,
Que a dôr deles tambem nos faz sofrer...

O ELOGIO DOS SONS

E o misterio indizivel e profundo
Que eles evocam, soando, esmorecendo?!
Ah! — sam portas que dam para o outro mundo,
Sam auroras no Alem alvorescendo...

Mãos de misterio, mãos cariciosas
Vam num afago triste despertar
As infinitas vidas misteriosas
Perdidas em nós mesmos, a sonhar...

Sombras da nossa alma — eis que as afaga
Uma outra luz mais alta vacilando,
E os sentidos perdêmos, flutuando
Numa névoa que cinge e nos afaga...

E o nevoeiro ergue-se... Uma a uma,
Num vôo de azas lentas, desmaiadas,
Erguem-se as vozes tristes pela bruma
Como pétalas brancas desfolhadas...

Vales de névoa e luar ás horas mortas...
(E o coração oprésso, inquiéto, pára...)
Abrem-se no silencio largas portas,
E sobre a névoa ondeia uma luz rara...

Névoa, luar, silencio... O ceu tam perto
Que as nuvens já nos lévam, nos embálam...

— E a Vida surge como um livro aberto,
— E as esfinjes caladas porfim falam...

: AVGVSTO CASIMIRO :

TÉSE SOBRE O HUMOR

O humor devia ter nascido de uma contracção dolorida. Foi no Egypto o doce escultor das figuras imoveis e monotonas, o terno constructor dos tumulos. Um dia um desprezivel camponez, que lavrava as seáras, teve de curvar o dorso ruivo á vergasta de palmeira, por não poder pagar o dizimo das colheitas. E a dor sentida foi tão brutal que o rictus convulsionado da mascara se lhe converteu numa hilariante pantomima de galhofa. Então um rir estridulo rasgou na face do seu dono uma gruta enorme de sombra, e encantado, o senhor mandou suspender o castigo.

O humor estava creado. E assim o humor começou descrevendo pelo mundo a sua trajetoria inexoravel, devastadora.

Mais tarde na India elle protegia o miserrimo sudra do brahmane despotico, e, depois de ter produzido na Judeia a indecisão e o medo de Poncius Pilatus, o humor contribuiu em França para se instituir a guilhotina. Em 93, em 48 os craneos rolando numa expressão macabra e pitoresca, o que eram senão pequeninas crispações, mômos impossiveis, sobresaltos elasticos do humor, contagiando tudo da vivacidade espumea, da ironia alerta e subtilima que os ceramistas etruscos achavam para os seus frisos?!

Elle inventou Ariosto, Arlequim, Voltaire, Cervantes, o Jardineiro Karr, quixote dos paradoxos ligeiros, sancho pansa dos tratados de floricultura. E quantos mais!...

Como os myopes vêem as flambagues nocturnas das luzes rodeadas duma nevoa caustica, mordente que os epileptisa, elle olha p'ra uma dôr e transfaze-a num esgáre; e os gritos, as lagrimas, as coleras, os odios azues lividos, os soluços esfibrantes na sua pupila daltonica abrem-se no ar em loiras corollas de risos, em couplés de Offenbach, raivasinhas mansas e flatulencias.

□ □ □

O humor creou os cerimoniaes e a etiqueta que fez das realesas manequins irrisorios. Quando Philippe III de Hespanha por causa de etiqueta se deixou queimar por um *brasero*, o humor invisivel no ambiente magestatico, ria voltaireanamente. O humor deslocou a essencia religiosa das procissões introduzindo-lhes o *vaudeville* dos anjos. E porque é que, pela semana santa se perde de todo a ideia de um Jesus de bondade crucificado para nos redimir? porque veio o humor e transformou-o num pingue manancial dos confeiteiros. Elle surripiou aos enterros o seu «facto solemne» creando o chapeu alto e a sobrecasaca preta. O humor emfim foi á face da tragedia e besuntou-a dum vermelhão

imprevisto, esfusiante, mas na da Farça traçou toda a sorte de arabescos tristes: de maneira que nas nevropathias contemporaneas não ha olhar por mais aguçado cujo frenesi analitico differença-las agora consiga.

E irremediavelmente se ha de ir hoje misturando o sonho com as materialidades, a magua com o ridiculo, o amor com a descarga dos sentidos.

I

Aquelle cadaver rigido no seu caixão, que atravessa como uma cicatriz immensa e lassa, a physionomia sem intelligencia das ruas e sob o nojo das janellas onde suam todas as ignominias e sujas sensualidades dos «interiores» — esse resto de idealista tem uma historia. Eu não vou agora encostando-me aos velhos processos, dizer que a encontrei no espolio dum mendigo, morto no hospital. A razão é por não acreditar que *elle* ou qualquer outro se sugeitasse a escrevel-a. *Esse* apreciavel estylista não se preocupava com futilidades; redigiria antes uma «petição» dizendo-se operario despedido pelas suas ideias republicanas; passava-a ás portas com a sua politica e seria presidente dum *centro* onde depois esfuracava a grossas diatribes o capital e o erario.

Foi hontem no teatro, aonde me levou a hallucinação deliciosissima de nunca deixar de ver a tua graça clara de britannica, desabrochada ao sol peninsular, — foi hontem que eu a inventei. No logar occupado por ti a noite passada, um vulto incaracteristico tinha gestos viscosos de salamandra.

Embora! eu sentia na pelle o teu halito de flôr, os olhos reviam o meigo tom do teu vestido lilaz e o meu ouvido bebia no ar sonoro a tua religiosa voz onde ha reflexos flávos de joia, emoliencias de luar e emballos de musicas veladas.

Tu aparecias-me toda, radioso facho de perfeição, nas tuas minimas attitudes — primaveras precoces onde ha risos de amendoeiras — tu que és um tanto joia, perfume, musica, luar.

Um burguez que exhalava um cheiro torpe a gorduras e a cavalariça, irritava-se com a minha mascara de artista, perfumada a trevo e a pó d'arroz.

Entanto iam entrando dos adulteriosinhos, dos spasmosinhos e das extravaganciasinhas nas alcovas mediocres de Marcel Prevost, as mulheres de Maeterlinck com fundo de estopa em vez de fundo moral, serpentinando a murcha hesitação dos seus corpos de *petites amies* de convento: e no encalço lhes vinham os homens vulgares de Octave Feuillet, que fallam da virtude fechando os olhos e com as preocupações, com as dedicações e o mysticismo lodoso de Mr. de Camors.

E umas e outros todos elles le-

vitas grosseiros do Deus Phallus, moviam, em póses de galhofa, as figurinhas nostalgicas de regressão. Então deante destes homens e destas mulheres — pretextos alegres de uma nacionalidade pretendidamente civilisada — um desfallecimento me entrou na alma, se me alastrou na sensação e eu assistia agora ao enterro dos meus sonhos, dos meus horisontes, dos meus enthusiasmos. Ah, tudo finda!

E, ephebas, vivas dum catitismo desconjunctado, maneiras fininhas, cheias de um picante féro e epigramatico, duas figuras surtem em passo humoristico de dansa, fascinando o olho de periquito meditabundo dos espectadores.

O' corpos amaciados para satisfazer a gula torva das covas! Mais tarde quando passos indifferentes arrastarem a sua atonia por entre os cemiterios, dos jazigos das simples lousas terra-a-terra, das cruzes humildes e elegiacas ha-de sahir um murmurio timido, como um alvoroço discreto de creaturas pallidas e maceradas, que falam baixo, que riem baixo e olham o susto. Nas lousas supplices, enchendo do vago medo, irritando com a sua impassibilidade de mascarão, de traz do que não ha nervos, nem claras sensações, nem energias, nem o rutilo sangue. E é tudo o que resta dos vossos frenesis creantes, das vossas grimacerias, das noites de gloria e das angustias pela estupidez irremovivel das plateias, ó comicos!

: : COIMBRA : :

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...
DESENHO DE LVIZ FILIPPE

Estes pensamentos foram, ó Unica, o germinal que em mim fecundou a visão d'esse idealista no seu esquife, revelando álem, com a sua historia... como essas imagens d'espectros angustiosos, duma sensação doentia alevantadas por certos poentes côr de absintho pallido e folhas seccas.

II

«Agora que eu a seguia, as suas toilettes eram sempre cassas graceis, fazendas ligeiras de tons ternos dando-lhe um ar de confiture preciosa, irrompendo de papeis de seda.

E o seu cinto de fios de oiro de fabula oriental! com entrelaçamentos, folhagens e tonalidades matutinas de azas hieraticas; o seu cinto onde sonham, num fundo de gloria, poentes de outubro condensados e auroras de carnes puras de creança, envolvendo de cambiantes morenodoiradas a sua juvenilidade gracilima de magra!

Mas bem me lembro de te-la encontrado já, ainda em saias curtas de bambina precoce. Os seus estofos eram então d'um preto austero.

Nostalgias de inverno quando a natureza veste o alburnoz das brumas passionaes e os pungitivos ceus esfiam o pranto da chuva — Niobe esmanchando as tranças dolorosas... Nas teorias imbecis e azafamadas de chapeus abertos pingando, homens de galocha e esculturas sem arrojo de galateias bisonhas, ella punha um destaque maravilhoso de frescura, com os seus gestos em curva, derramando claridade pelo ar, como esses esmaltes cheios de caracter que nos chegam das manufacturas chinesas, seu melodioso perfil de Cecilia de Mantua, da medalha de Pisanello; vivaz como o champagne — essa bebida esvelta e pagã em cujo capitoso ambar residem não sei que remeniscencias da alma grega, phantasmagorias, Deus o sabe! de Páris e Helena, cujos corpos musicos se enroscam e sugam em frenesis doidos.

Onde sobretudo a minha admiração gosta de contempla-la é no teatro, por ella ás vezes ennobrecido com a sua presença. Ali, no immenso navio sonoro, que os burguêses apulhastram, com seus dichotes fulvos de marujos, eu sou excessivamente feliz e desgraçado, conforme ella é affavel, consoladora, cortante, desdenhosa. Um sabbado, por casualidade, ficamos juntos, a minha cadeira logo atraz da sua. Deus justo! Eu tinha-a ao alcance do meu braço sem que um sequer dos meus desejos — todos de pureza — a pudesse afflorar. Ah, mas tendo-a perto foi um orgulhoso remarcar das suas perfeições. A sua fronte soberana parece ter emigrado luminosa e suprema dos *magazines* d'arte; basta fixa-la, e rapido, na lanterna magica da memoria perpassa a caravana melodiosa das grandes figuras dramaticas: Theodora, Phedra, Margarida Gauthier, *lady* Macbeth, Julieta, Electra, Ephigenia, Antigona; as creaturas que as *realizaram* plasticas e vivas, com a sua vida nocturna de estremecimentos, de combates, de amores, de delirios e as dynamisaram entre paredes mal juntas de lona ficticia, apenas com a energia alucinatoria dos seus nervos supra-

sensiveis: Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, da *vecchia* Italia do melodrama.

Um pouco Duse nas attitudes, ella guarda em certos momentos, a expressão estatica de quem recorda phrases estellares, e um calafrio de arte parece lhe percorre todo o corpo, torna incoercivel a linha rithmica do seu perfil de Billy-Burke.

E a esvelta florescencia das suas mãos! as suas mãos que suggerem, segurando o leque, as *fêtes* delicadissimas de Watteau!

Mãos inquietas e hyper-sensiveis que tendes a maciesa das rosas-chá e onde as veias, as pequeninas veias lembram os filamentos d'oiro dos crisantemos, mãos que Balzac celebraria, mãos para erguer a reza convulsa dos violinos — esses Leopardis de som — mãos para tocar Beethoven e as melodias elegiacas de Schumann... pudesse eu sentir-vos poisar na febre a 39° dos meus olhos e debelar-m'a!

Ah, seres tu a minha mulher!... — e nos jornaes diriam que em taes noites, tal teatro, uma mensageira do Bello daria tantas recitas... tu que possues a excelsa nevrose das grandes sensações immorredouras e uma curiosidade superiormente intelligente e intranquilla de sublime, entrarias, anciosa, no camarote; eu desapertava-te o *bournous* de Serenissima Infanta, bordado *à jour*, e como um suor immundo, exhalar-se-iam da pelle alcachinada da multidão, para a tua loira graça de venesiana, os murmurios toscos e neutros que o meu orgulho nunca escuta...

Esse sabado, porém, nunca se fixaram em mim os teus olhos inconstantes. De redor palmas celebravam no seu *begaiement* imbecil, não sei quê. Tinhas partido, e crudelissima nem te voltáras uma vez unica para me vêr.

.....
.....

Sou o Barba Azul, olé,
Ser viuvo é meu filé...

Então, horas altas, no meu quarto de terceiro andar, quando a Noite dorme, toda nua, estendida no luar das planicies, triste mulher de seios infecundos, cuja respiração povôa de enigmas os echos dos valados e de cuja cabelleira de musa tragica se desprende, dirieis, a inquietação das sombras carbonosas... — sempre que eu recordo os teus desdens ou a fluida meiguice dos teus profundos olhos crepusculares, onde esmaecem *longes* de paysagens — então a voz do meu visinho, roufenha, congestionada, resumo de vida grosseira, miseravel, crapulosa, irremediavelmente, a voz detestavel saltita:

Sou o Barba Azul olé,
Ser viuvo é meu filé...

E esta perseguição sardonica ha de levar-me ao suicidio.»

: CARLOS PARREIRA :

EXCERPTO

«LA VIDA ES SUEÑO»

FILHOS, sonhae! Que é a nossa vida sem chimera?
Um páteo de prisão, uma velha galera
Perdida no alto mar, á rouca ventania:
Pobre barca de tédio e de melancolia!
Feliz de quem sonhar um porto ambicionado,
Ilha verde d'amor num nevoeiro doirado...
Sonhar! Voar! Como uma ave refulgente,
Que se afoga no oiro e no lume do poente...

A arvore da vida é o mais rico thesouro,
Se houver um sonho em cada ramo — um fructo d'oiro!
Oh chimeras de luz, se alguma nos resplende,
Deixá-la voar, que um lindo sonho não se prende,
Deixae que elle encha a treva, á maneira de lua,
Que tambem não é mais que um sonho que fluctua...
Aquella voz antiga e soturna do mar,
E' porque elle anda sempre amoroso, a sonhar.
Cada flôr que abre, a rir, é um sonho da terra,
Pois porque tanto amor e tanta graça encerra?
Aquelle filho, pequenino e tam risonho,
(Vêde a mãe a emballa-lo...) aquelle filho é um sonho...
Ah! tudo é um sonho enorme, augusto, illuminado,
Que este mundo, afinal, anda todo encantado!...

Filhos, brincae, amae! Dae-vos as mãos pequenas,
Desfolhae risos no ar, puros como açucenas,
Archanjos, sacudi, sacudi bem as azas!
Que supulchros não são aquellas pobres casas
Onde não entra o sol da innocencia e do amor!
Filhos, fazei dum monte um jardim todo em flor,
Correi, vinde a cantar numa ronda celeste,
Vinde transfigurar nas paisagens lutuosas
A minha arvore amiga, esse esguio cypreste,
Que de repente, num milagre, enchei de rosas!...

: JVLIO BRANDÃO :

: COIMBRA E A TRADIÇÃO :

VIVEMOS do passado. Se nos perguntam quem somos respondemos o que fomos. Encanta-nos a lenda. E á volta do mais pequeno successo, mystificando-o, completando-lhe o enredo, fazemos conto e por pouco não conseguimos integral-o nos bons tempos de certo velhinho de barbas brancas. Vae a nossa phantasia filha da maravilhosa imaginação arabe, descobrindo moiras encantadas nas aguas das fontes e nas penedias das serras, onde divinas mulheres que a crendice do povo coroou de peccado, esperam a hora do desencantamento. Como os que, ricos um dia, passado elle empobreceram, tendo de sustentar-se da miseria do que são, mas orgulhando-se da riqueza perdida, nós amordaçamos a tradição que nos falla de grandezas idas, e vamo-la arrastando como desculpa até ao sacrificio do anniquilamento. Na religião, na politica e na arte, encontramos sempre justificação a atrazos indefensaveis, allegando a gloria do que tivemos na parcella do que nos resta. Volupia extranha, a nossa, em recordar e em adivinhar!

Povo da saudade e do fado, as duas grandes taras da raça de grandes, que desordens de sangue transformaram em raça de mesquinhos, afizemo-nos a chorar indolentemente, quando deviamos gritar revoltas e a soffrer resignados quando era dever nosso gosar altivos.

E julgamo-nos desobrigados de luctar e de vencer novamente, só porque outr'ora cantámos ou porque nos convencemos de que o fado nos marcou a hora do estagnamento do sangue forte.

E' medir a pobresa do presente pela abastança do passado, é defeito de Pedro Sem, morrer aos poucos porque a lembrança do que foi não enche barriga, e o que é peor, morrer na illusão dum sonhado renascimento.

Povo de poetas, teem todos elles lagrimas para elegias, e os que tentam fazer hymnos conseguem maus epicedios.

O português vae com os velhos.

E' um caracteristico interessantissimo este, para o estudo psychologico da nossa raça.

Ha defesas de absurdos que se não explicam? Não nos lembra mais nada para os justificar senão a tradição.

Velharias insonsas, confirmativas da nossa decadencia intellectual, preocupações tolas significando indigencia esthetica e todo o desfiar das caracteristicas do nosso exgotamento acham defesa na tradição que se vem esfrangalhando.

Nas pequeninas coisas sobretudo, é que é sonhar sonhos de tradições mortas e apodentrados anachronismos!

▫ ▫ ▫

A Coimbra Velha viveu muito da tradição. A' cidade do Mondego

criamos-lhe a sua lenda com amores e saudades que o rio levava, chorando na amargura martyrisante dos que resam baixo.

E como os poetas vinham de Coimbra acordamos em chamar-lhe a *cidade dos poetas*, que por cá morriam romanescamente pelo outomno, ao rythmo das folhas, cahindo. E quem de Coimbra fallava, perdia-se na evocação dos choupos, que diziam ao céu as maguas das aguas mansas do rio, das cabelleiras e das guitarras, das tricanas e das capas para as cobrir nas noites galantes, e embebia-se na reza dum rosario de anecdotas rendilhadas e bohemias sentimentaes, tonificadas pela graciosidade do espirito coimbrão. Isto era a parte bella da cidade, em que até os penedos tinham nomes lindos.

Mas havia a parte medonha das condições, tyrannicamente impostas aos novatos por velhas praxes, que fizeram o gaudio de muita gente, correndo de norte a sul a fama de que os mestres eram legitimos representantes da *figura robusta e valida* dos *Lusiadas*.

Fallava-se no garboso Callixto, amigo de formulas rigidas e uniformes luzentes, que um dia mandára dizer na aula por um archeiro a um alumno, muito commodamente agasalhado num *cach-col*, que deveria para outra vez limpar o rosto em casa. Seguia-se-lhe o Assis, lente de finanças, que se enfronhara na preocupação de augmentar a cifra da asneira nacional. E a Coimbra da Marrafa e do Paixão surgia com a Porta-ferrea fugas apressadas sob a ameaça da moca, a troça implacavel e implacaveis mestres...

O gosto pela tradição fez época e gerações, e gerações que por cá passaram foram vivendo della e alimentando-a com romantismos chôchos.

Hoje, deposta a tradição com o Callixto, que foi para o outro mundo commandar batalhões de anjinhos, perdido o medo dos mestres, esboçado um movimento salutar de renovação de ensino, apenas um ou outro continua amarrado á rabujice dos costumes de ha cem annos, amortalhado gostosamente no luto da capa, que já nem tem a desculpá-la a economia por ninguem hoje desejar traze-la rota como dantes.

E na Coimbra Nova de ruas amplas, aberta ao progresso, com electricos e cinematographo, apenas ficaram da tradição uns pobres moços que sonham á luz do sol no choupal, cantam depois de encherem o estomago em ceias abastadas e choram sómente nas horas commovidas da bebedeira.

No emtanto, lá por fóra continua a mesma lenda e a mesma crença sobre Coimbra. Meninas casadoiras em vez de pagens de olhos azues e cabellos de sol, sonham bachareis formados, sobraçando pastas berrantes com fitas vermelhas.

O burguês continua a ter um

certo respeito pelo estudante de Coimbra, um troça-tudo inexoravel de quem elle foge mais do que o diabo da cruz.

Limita-se ainda a melhor aspiração dos velhos, a ter um filho formado. E o bacharel, não obstante as arremettidas furiosas de alguns plumitivos pouco fortes em sciencia de leis, continua a dominar á mesa do orçamento. Foi esta a unica tradição que ficou.

:: COIMBRA ::

NVNO SIMÕES

:: O AMOR E O MAL ::

Eu que andavas tam fraca e tam doente,
Que por mim, dia e noite, eras seguida
Para te abrir os braços docemente,
Mal fosses a caír desfalecida...

E desde aquele dia unicamente
Em que tu lá caíste adormecida,
Que começas a estar convalescente,
— Mas sempre o mal te hade espreitar a vida...

Vê se dormes um sono bem profundo...
— Lá fóra não se vê o ceu luzir,
Cái uma torva Noite sobre o Mundo. —

O' minha pomba trémula, adormece,
Aconchega-te bem para dormir,
— Que a gente sabe lá quando amanhece...

: JAYME CORTEZÃO :

:: SGRAFITOS ::

QUANDO no *Etui de Nacre*, de Anatole France, o engenheiro Dufresne após um somno de trezentos anos, acorda no mundo novo da Federação europêa, os seus olhares rebuscando anciosos a sua casa em Paris, encontravam em lugar dela e da cidade, longas estradas coleantes desenrolando-se a perder de vista pontuadas de habitações graciosas e montões de verdura. As casas eram todas dum estilo estranho e duma forma nova, demasiado pequenas para serem de gente rica, ornadas apezar disso de pinturas, de esculturas e de faianças brilhantes, sob terraços claros em que o sol se espelhava: cada habitação aparecia como o ninho dum artista carinhosamente entretecido, e o engenheiro mal podia esconder o seu espanto.

Este sonho do genial artista teve já entre nós uma realização quasi completa vae para quatro seculos, quando as riquezas da India arrebentavam de fartura os grandes potes de barro na penumbra fresca dos celeiros e adegas...

Um espanto egual ao que se apoderou do sr. Dufresne teria embaraçado qualquer medievo indigena nascido á sombra de muros castelejos, a quem um poder de magia colocasse de repente, resuscitado, numa cidade ou vila da sua provincia cahidos alguns seculos, em pleno renascimento.

Os rudes homens, vilãos ou senhores, costumados aos seus fojos de madeira e de taipa haviam de maravilhar-se ante o espectaculo que os edificios e a propria terra, tocados duma mudança de luz, lhes apresentava nos seculos XVI e XVII.

Por toda a parte, das casas mais humildes aos solares dos fidalgos, a pedra alva e macia se estadeava, trabalhada, nas janelas, nas misulas, nos portaes. Nas frontarias ao abrigo dos beiraes corriam teorias de *sgrafitos*, e ediculos e nichos entre azulejos devotos cortavam a monotonia da cal: cada habitação era como o templo do seu senhor, e como santuario se adornava. Estava-se longe dos primitivos que reservavam as maravilhas da arte e da comodidade para as casas de Deus...

E' já dificil hoje estudarmos completamente o que foi essa maravilhosa epoca.

As cidades no seu progredir constante, não guardam quasi nunca aspectos caracteristicos, porque cada seculo que passa acumula construções sobre alicerces de construções.

Nas pequenas vilas porém, adormecidas no bocejo tranquilo dos anos, a vida antiga como que se prolonga nos edificios intactos e nas gentes imobilizadas nos tipos.

E' nelas que melhor se podem ir estudar as manifestações artisticas populares.

Aqui bem perto, Tentugal e Montemór o Velho, são dois arquivos preciosos espalhando as suas cole-

ções sob a caricia do sol frente ás aguas claras do Mondego.

•

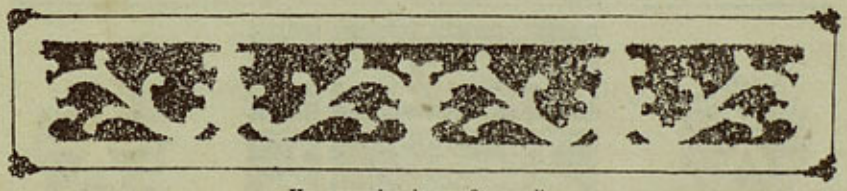
Um dos modos de decoração mais bastamente usado com a Renascença e a seguir a ela, foi o do *sgrafito*.

O *sgrafito* era um motivo ornamental que se obtinha colocando sobre a superficie caiada das paredes uma folha de metal com um ornato em aberto; raspando em seguida a cal por meio de uma colher de ferro, a côr cinzenta ou avermelhada do barro ficava a descoberto constituindo o fundo do desenho, desenho que tambem se obtinha nas côres do barro sobre fundo branco, arrancando na folha de metal a recortar, em vez do fundo, o ornato.

Nas regiões onde o calcareo, e portanto a cal abundavam, como no centro e sul do paiz, os *sgrafitos* medraram e embora a tradição deste trabalho se haja perdido em Coimbra e na sua area, mantem-se ainda hoje com motivos curiosos e elegantes em Evora, Beja e respectivas zonas de influencia artistica. E' claro que este modo de decoração não pôde desenvolver-se na parte granitica do país onde o revestimento das habitações é no geral feito pelos proprios blócos da construção.

Importado de Italia talvez no seculo xv, o *sgrafito* como que se naturalizou depois: nessa naturalização creou tipos novos e ao lado do *sgrafito* puro, legitimo descendente do importado de Italia, creou-se uma maneira de *sgrafito* popular com motivos duma simplicidade rudimentar e pouco variada, comquanto interessante. De ambos se encontram vestigios na região artistica de Coimbra.

Uma das maiores qualidades desta



Um exemplar de sgrafito erudito

fórma decorativa é a de poder adoptar-se com facilidade nas habitações humildes e embeleza-las sem dispendio, tão simples é o seu processo de aplicação.

•

Em Coimbra, onde floresceu no seculo xvi e principios do xvii, enchendo as paredes de fórmas graciosas e animaes estilizados, a tradição de tal trabalho perdeu-se completamente.

Hoje na cidade, podemos encontrar dignos de nota como tipos de *sgrafitos* puros, semi-apagados já, os que ornam o longo friso e a fa-

chada dum palacio do fim do seculo XVI, no alto da rua do Norte.

Nos arrabaldes, porém, na Povoa, nos Banhos Sêcos, no Rego de Bemfim, em Souzelas, em Eiras, no Sobral de Ceira, etc., nas casas velhas em que as unhadas do tempo cravejaram o reboco das paredes, aparecem frequentes vestigios desse outro *sgrafito* popular e simples de que atraz falei. Singelas rosetas de seis folhas, velho motivo provindo já dos tempos protoistoricos, colocadas ao abrigo dos beiraes, alegrando os muros, ladeando as janelas, acolitando cruzes, constituem a base de toda a ornamentação. A's vezes aparecem conjugados os dois motivos, popular e erudito. E' o que succede numa velha moradia da quinta de S. João do Piolho, a 3 kilometros de Coimbra, sobre as Lages, onde todo o alto das fachadas se encontra coberto de *sgrafitos*.

Rosetas de seis folhas bem populares e tradicionaes, alternam ali com representações eruditas em que môchos, gansos, e outros animaes, rodeiam as datas da construção bem distintas a branco sobre o fundo avermelhado: 1606.

Este motivo ornamental é dos poucos que em Coimbra ainda não foi tentado. Neste meio, onde todas as iniciativas de renascimento artistico encontram para as encorajar, dirigir e executar, homens como A. A. Gonçalves, Teixeira de Carvalho, João Machado e Miguel Costa, era facil adoptá-lo e reanimá-lo, distribuindo modelos.

Um exemplar de sgrafito mixto

Como seria belo se nas pobres habitações dos nossos camponezes, cuja miseria se debrua de cravos rubros, ou nos bairros populares geometricos e tristes, podessemos olhar, espalhando um pouco d'arte sobre as casas e as vidas, alguns desses desenhos ondulados e gracis...

E' possivel que daqui a trezentos anos, no mundo novo da federação europea, isso venha a acontecer.

: VERGILIO CORREIA :

:: NO OUTONO ::

Tacio cái o sol pelos montados
E ha laivos de tristeza no olivedo;
Vem da serra o balir dos mansos gados
E as folhas tombam mortas do arvoredo.

As aguas rompem turvas do rochedo
E os campos vão em luto amortalhados;
Espalha o semeador os grãos do cêdo,
Sóbe mais alto o fumo dos eirados.

Ha rocas a fiar a cada porta.
São as tardes d'um triste sem egual
E a vida toma emfim uns tons de morta.

Vão as seivas dormir como crianças
E no vento a gemer de vale em vale
Despedem-se de mim as esperanças.

: JOAQVIM DE ALMEARA :

Vida incerta

Ha hoje uma nevoa a envolver o sol poente. E a luz vem assim como atravez de uma mortalha.

Luz outonal espargindo dôr sobre os longes das paysagens, cahe sobre os leitos dos doentes e aos olhos queridos e ás mãos beijadas leva soluços de despedida.

A Tarde é um adeus enorme.

As arvores no horizonte ficaram desgrenhadas de dôr da confidencia amarga do sol-posto.

Sobre os campos vae morrendo a côr, envolta em nevoa como num lençol mortuario. Hora em que a dôr anda fluidisada no ar que se respira e o crepusculo parece-nos senti-lo todo a correr no sangue como a um excitante venenoso. Mãos de penumbra riscam nos ares maximas de vida que são sentenças de morte.

E eu adivinho toda a tortura e toda a ancia de que é feita a alma do crepusculo.

Ha vomitos de sangue sobre roupas brancas de doença que o mysticismo sadico d'esta luz gosta de vêr, enterros cujos caixões passam pelos caminhos como azas negras de morte, mulheres de luto, creanças chorando, os pés em chaga, aflições nervosas dos artistas, a ancia do não ser e ancia de ser tudo, imaginações fazendo a orgia dos impossiveis, nostalgias, dôres, doenças, luto, todo o cortejo das maguas sem remedio.

Perdido no rumôr da cidade o *Angelus* mal se ouve, como o gemido d'alguma coisa antiga que vae morrer. Os nêrvos começam de se collar ás coisas. Reconcavos de montes, tumultuares bizarros do arvorêdo esboçam traços de monstros caricaturados. E' uma exposição gigantea d'artistas enlouquecidos.

Os corpos entram de sentir-se em febre. E' a hora em que o confôrto espreita da casaria como um monoculo sarcastico olhando os monges da miseria, pobres Nantas sem força e sem triumpho de labios pustulentos, olhos febris, as mãos mal escondidas nas alfurjas das quinzenas esmoladas buscando a sombra cumplice dos bêcos ou descendo até ás brizas tristissimas dos caes.

E os caes surgem a essa hora como atrios de sepulchros.

E' que todos, mais agora mais logo, todos descem até ao caes.

Porque? Porque os affasta da Vida, porque os approxima da Morte? Sei lá! Ou talvez porque as aguas os levam a terras bem longe d'aquellas em que soffrem, onde as suas imaginações excitadas suppõem as mulheres menos caras e os homens menos pulhas.

Cahindo, a sombra ergue as mãos aos pobresitos, ha soluços em baba pelos portaes, silencios uivados de pavôr, a noite, ella ahi vem sorvendo o sangue a quem lhe bebe o fluido, princeza de raça banqueteando-se em manjares de corpos e es-

pojando-se para a banda de lá da vida numa ancia de goso onde se bebe só sangue de raça e sangue de genio.

As coisas tomam uns laivos de angustia, por todos os rostos ha vincos de tedio, vislumbres de raiva nas vozes dos pedintes, ingenitas dolencias d'esta hora e a imaginação delira em recortes de lar e de conforto e desejos de boccas a beijar...

. . . . . .

Pobres palhaços da fome que não teem moral só porque não teem camisa, eu adivinho-os bem, vendo-os passar o orgulho cuspido pelas ruas, sós, deitando o olho guloso pelas frestas dos reposteiros, a espreitar o linho santo da mesa e as terrinas a fumegar, e todo o ruido domestico da abastança dão vertigens de morte aos pobres diabos que se julgam genios só porque andam rôtos e só teem revoltas porque teem fome.

A noite cahe!... E na pacatez provinciana que já começa, saio da cidade enojado como d'um carcere e num deboche de imaginação creio-me um sêr orgiaco dos espaços indo ao cimo dos montes prégar ás trevas e pedindo ao vento a sua harmonia livida entoar com ella os psalmos do Odio e fazer do Mundo uma cathedral immensa onde só me ouvissem as aguas e os montes pontificando sobre a biblia do Egoismo.

E' noite.

Da cidade, vem um resfolegar cançado d'estupôr.

Inquieto, atrevo-me até lá. O mesmo tédio sempre.

Focinhitos absurdamente barrados, trazem á rua o gesto medido pelos figurinos d'operêta, as pobres grilhetas da virgindade, mal me sensibilisa vê-las embalando o vulto ao passinho que a orla da saia compassa, relevando-lhe as linhas que da cintura descem em curvas de jarra bordalesca.

: : IDILIO INTELECTUAL : :

ELLA: COMO MEVS AVÓS SE SENTIRIAM BEM, CHEIRANDO ESTAS FLORES... SR. PEREIRA.
ELLE: COMO EV ME SENTIRIA BEM VENDO-A FELIZ Á SOMBRA DESTA PEREIRA...

DESENHO DE :: SILVIO DVARTE

:: Vida incerta ::

E este ar da noite é um bom conductor de desejos. Ha transmissões mentaes de caprichos lubricos, tristezas sensuaes cosidas ás esquinas, d'olhos videntes fixando os rithmos das ancas, uma tal diaphaneidade de fórmas e um tal mercantilismo de corpos que o onanismo sugere á maioria moça, como refugio lascivo onde é fatal transformar-se toda em uma récua flacida d'imbecis.

A Castidade Christã!... A porção de sangue sacrista que mais ou menos em nossas veias corre ainda, intimida os nervos femininos na exibição franca do seu temperamento. Mesmo esposa, sempre idiotamente tímida, tem horrôr á esthetica do nú, não sabendo ler em corpos bellos todo um poema romano, o que de resto mal admira, porque nós todos, por seculos vedados á volupia do banho, só agora vamos conseguindo, mais ou menos catholicamente contrafeitos, a nacionalisação d'uma hygiene que já vae até ao semicupio.

▫ ▫ ▫

E continua banalissimo e inalteravel o aspecto da cidade a esta hora.

Ruidos compassados de carruagens, e a multidão — essa negra serpente do Tedio — que, apesar de observada numa cidade de provincia, já tem continuidades que nos recolhe e emudece numa concentração dorida, e ao longe, aos espaços, os electricos passam na sombra um traço de luz e as campainhas de alarme soam pela noite como notas de civilisações, longiquamente, a evocar.

Noite velha. Sobre a cidade cahiu agora um nevoeiro que nos toca o rosto como um veu humido.

Os predios sem luz, impenetraveis, silenciosos como jazigos, exageram mais as fugas do alinhamento, amolgam-se em vincos d'ebano, aconchegam-se e amontoam-se como monstros engalfinhados e a illuminação das lanternetas publicas, chapando de manchas lividas as frontarias, de tudo em roda vae recortando silhuetas: arvores fundindo o caule ao escuro, deixam no ar a folhagem amarellecida do outono, a estremecer no ar, como borlas cremes suspensas do ceu da noite, as figuras ornamentaes de sobre as cimalhas recortam-se como esboço em nevoa num fundo nêgro...

Por instantes: uma rajada de vento trouxe uma batega d'agua que cahe num ruido de cantaros em despejo. Passou. Já se ouvem só as beiras soando nos *trottoirs* como estalidos de boccas.

Madrugada. Os meus passos accordam ecos d'outros tempos.

Recomeça a ventania e a chuva, mais forte do que nunca: enxota-me numa batega onde parece haver um odio policial á minha vadiagem...

: ARTHVR RIBEIRO LOPES :

: Allegoria da tarde :

I

ECOLHE o dia aos campos e á cidade
A tarde: E num crespúsculo de beijos,
—Que o sol alança a boca aos meus desejos,
As horas vam morrendo com saudade.

E o dia lembra, que é chegado ao fim,
Ao pintor das Penumbras a que venha.
E como deixa os altos da Montanha
O sol á tarde afasta-se de mim.

Vae longe a taça de oiro e pedrarias
Das voluptuosas, bêbadas manhans,
Do grande sol heroico dos bons-dias.

E ao recaïr das horas, pelo outono,
As coisas choram lágrimas cristans
Sobre as cinzas da Tarde ao abandono.

II

O céo baço ennevôa-se de alfombras:
E o pintor das Penumbras, já sem tintas,
Larga a chamar o mágico das sombras...
E o gram pintor das coisas mortas, pinta-as.

«Vem com os tons de nuvem para Leste,
Por onde o sol viu o dia mais contente»
Diz-lhe o das tintas vagas! — Tarde agreste...
Vam cheias de oiro as portas do Poente.

«Detem o braço dos Herois, o músculo
Da raiva das enxadas que eu contemplo;
Dá-lhe o teu oiro ó névoa do crepusculo!»

«Vês as sombras da Tarde? Anda acendê-las
A' luz da minha sombra... Olha o meu Templo
E' um negro céo com lampadas de estrelas.»

III

Já do sol-posto o dia se embriaga:
E olhos fitos nos céos e as mãos erguidas,
Os choupos implorando a Tarde vaga
Lembram spetros de misticos suicidas.

E ao crepúsculo, assim, todo indeciso,
Eu creio piamente, ó céu profundo,
Que é o dia transcendente do Juizo
E os choupos que sam almas do outro-mundo.

Cálam as coisas seu perfil aerio:
E ajoelham-se os montes-olivedos
A resarem na sombra o seu misterio.

A Tarde morre: — E com seu ar contristo
Os choupos lembram, lívidos e quêdos,
Ao pôr-do-sol, macerações de Cristo.

: AFFONSO DVARTE :

::VÁRIA::

Manuel Laranjeira

(Morre ás 23 horas do dia 23 do mês de Fevereiro na sua casa em Espinho).

A Rajada que acaba de perder em Manuel Laranjeira um dos seus mais queridos colaboradores a quem deve palavras amigas, cheias de incitamento, junto com a poesia *A uma romantica* que o imprevisto retardamento da revista faz saír a lume após o seu livro *Commigo*, publicado ha dias, largamente devêra falar do saudôso poeta se a hora acanhada a que escrevêmos, com o numero quase todo impresso, nos deixasse dispôr de tempo e espaço.

Assim forçados a estas humildes linhas de comovida saudade, no próssimo numero dedicarêmos as paginas merecidas á memoria e á obra do estranho poeta cuja vida, — em dizêres seus, — foi toda cheia de *sopros glaciais de descrença* no seu *muito desejo de Verdade*.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Liz e Lêna. — Versos de Marques da Cruz, edição da casa F. França Amado, Coimbra.

A Tentação do Mar. — Versos de Augusto Casimiro.

Cançõis e Fados. — Grande rapsódia para piano, e **Noites de Amor,** balada, por Costa Pinheiro.

Lisbôa Preistorica e **A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella.** — Notas de Arqueologia pelo Dr. Vergilio Correia.

No proximo numero far-se-ham referencias a algumas destas publicações.

Inquerito sobre os Trages Academicos

: : Aos artistas e homens de letras portuguezas. : :

Divergem as opiniões sobre a extinção da capa e batina. Uns querem-na como uma nota indispensavel ao scenario de lenda e d'amôres que é toda a paysagem de Coimbra. Outros chamam-lhe o *negregado balandrau* uma das raras coisas feias que ha em Coimbra, como disse João Chagas.

Como quer que seja a *Rajada* vae inserir no seu 2.º numero as opiniões que, em face da esthetica, iram aniquilar ou redimir o *balandrau*.

Consultar-se-hão os nossos mais illustres artistas e homens de letras.

Segundo o processo de Faro

Preparado por

F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opéra com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funccionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus effeitos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, augmentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o pezo dos doentes. N'este preparado entra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1$000 réis

— DEPOSITO GERAL —

DROGARIA FALCÃO

42, R. Nova do Almada, 44 — LISBOA

VAGO

CARTAZES ✠
VITRAES ✠ ✠
✠ CAPAS DE
LIVROS ✠ ✠
PASTAS ✠ ✠
EX-LIBRIS ✠
✠ PIRO-GRA-
VURA ✠ MO-
VEIS ✠ ETC.

POR

COIMBRA — L. da Feira, 16

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

J. M. Mendes d'Abreu

E' um habil contramestre com larga pratica do córte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de mais moderno em objectos de fantasia, não se innumerando pela sua diversidade.

Vende a retalho por preços sem competencia

ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCOS DE PORTE

COIMBRA — 64, Rua Ferreira Borges, 68

VAGO

A RODA

REVISTA DE CRITICA ARTE E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

COIMBRA
ABRIL
1912 N.º 2
SERIE 1.ª

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTHERO DO QUENTAL :: PROPRIETARIO E EDITOR: MOITA DE DEUS :: ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA :: SEC.: MARIO VIEIRA :: COMPOSTA E IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL :: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 :: LISBOA ::

DEPOSITARIA: LIVRARIA NEVES — COIMBRA

PREÇO 100 REIS

SUMARIO DO N.º 2 — 1.ª SERIE

CAPA POR CORREIA DIAS

Dialogo d'amor — Por *Manuel Laranjeira* 1
O cavador — Por *Joaquim d'Almeara* 7
Virgens pejadas — Por *Vergilio Correia* 9
Theophilo Braga e os poetas portuguezes — Por *João de Barros* 12
A um poeta — Por *Joaquim Martins Manso* 14
O pavão, o perú e o gallo — Por *João de Deus Ramos* 19
Carta a Affonso Duarte — Por *Estevam Correia* 22
Hora crepuscular — Por *Augusto Casimiro* 26
Elegia do cavador — Por *Affonso Duarte* 29
Livros — Por *Nuno Simões* 30
Chimeras — Por *Motta Cabral* 32

DESENHOS

Antonio Joyce — Desenho de *Correia Dias* 3
Arma de defesa... — Desenho de *Almada Negreiros* 17
Dois amantes — Desenho de *Christiano Cruz* 27
Pão nosso de cada dia... Dezréisinhos, sôr doutor — Desenho de *Correia Dias* 30

VINHETAS POR CORREIA DIAS

GRAVURAS DE PIRES MARINHO E MIRANDELLA & IRMÃO

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.

E' respeitada a ortografia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias	600 réis
Brazil, assignatura directa.	2$500 »
Numero avulso	100 »

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

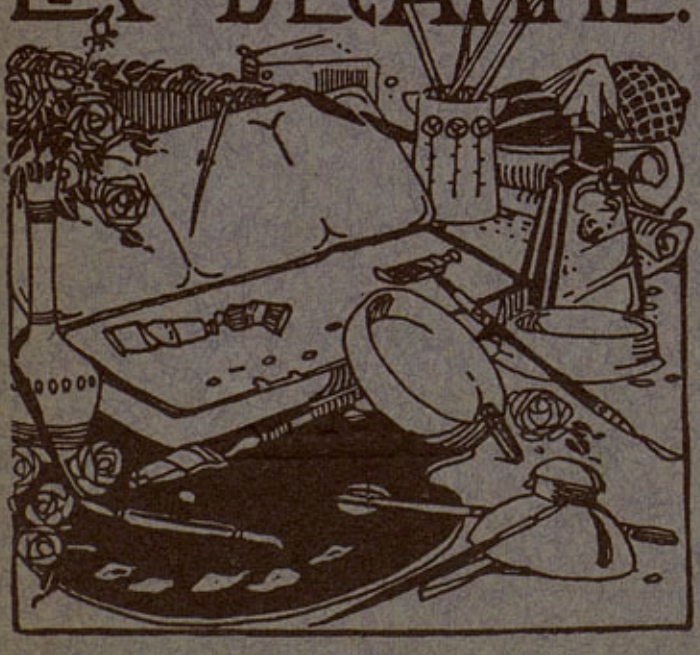
Sempre illustrados, sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1	pagina	6$000
1/2	»	3$500
1/3	»	2$500
1/4	»	2$000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annunciantes» podem contar com mais folhas que serão adicionadas quando necessarias.

LA · BÉCASSE



PAPELARIA

Papeis nacionaes e estrangeiros de todas as qualidades e de phantasia. Livros em branco e riscados. Artigos de escriptorio, desenho a oleo, aguarella, pyrogravura e photominiatura, etc.

Variedade em artigos para brindes

TYPOGRAPHIA

Bilhetes de visita e de loja, facturas, memoranduns, recibos, circulares, envelopes, relatorios, theses, minutas, etc.

F. CARNEIRO & C.ª

47, Rua Nova do Almada, 49

LISBOA

N.º 2 : COIMBRA : ABRIL : 1912

Alma Nova

DIRECTOR LITERARIO: EDITOR E PROPRIETARIO: DIRECTOR ARTISTICO

Dialogo d'amor

LINA, *cogitando ainda:*

ESSA desgraçada... *(lançando os braços ao pescoço de Turcifal, diz com voz suplicante:)* Beija-me muito! *(Turcifal toma-lhe a cabeça entre as mãos e beija-a repetidas vezes na bocca, nos olhos. Ella com voz lenta e voluptuosa murmura:)* Assim! Muito! *(Desafogando um grande suspiro de felicidade:)* Ah! Se o papá soubesse como «essa desgraçada» é feliz! *(Com uma grande alegria ruidosa, infantil:)* E vamos a saber: lá pelo Porto, pensaste muito em mim?

TURCIFAL, *fingindo um grande desdem:*

Não!

LINA, *com uma censura carinhosa:*

Ruim!

TURCIFAL, *tomando um ar muito despreoccupado:*

Pensei em ti uma vez, e isso porque uma cigana me fallou de ti.

LINA, *admirada:*

Uma cigana?

TURCIFAL

Parecia cigana. *(Tirando do dedo um annel de Eibar:)* Vês este annel? E' muito bello, não é?

LINA, *com enthusiasmo:*

E' sim!

TURCIFAL

Vendeu-m'o uma cigana, quando eu estava a almoçar. E sabes porque o comprei? Porque a cigana me disse que o comprasse p'ra ti, — p'ra te dar a felicidade.

LINA, *com o olhar aceso:*

Ah!

TURCIFAL

Foi assim mesmo que ella disse: «um annel de Eibar, senhor, p'ra sua noiva; dá a felicidade no amôr». *(Lina ouve-o extasiada.)* Poucas vezes na vida a gente tem occasião de obter o talisman da felicidade, não é assim? E eu pensei: já que não posso dar-lhe eu a felicidade...

LINA, *beijando-lhe as mãos diz fervorosamente:*

Dás, dás!

TURCIFAL

... levo-lhe ao menos este annel que lh'a dê. Filha, elle não dará a felicidade; mas muito bello — é.

LINA, *examinando ainda o annel, encantada:*

E' sim! *(Depois de uma pequena pausa:)* Isto é aço e oiro?

TURCIFAL

... aço com incrustações de oiro.

LINA

E que arabescos tão bonitos!

TURCIFAL, *comprazendo-se a phantasiar:*

Esses arabescos devem significar naturalmente que o amôr e a felicidade são assim bellos e complicados. *(Lina sorri.)*

LINA

E quanto custou?

TURCIFAL

Isso é que é pecado saber-se! *(Com voz solemne de quem vae dizer uma galanteria extraordinaria:)* Um talisman que dá a felicidade á mulher que se ama, é sempre barato. *(Pondo-lhe o annel no dedo:)* A ti é que elle custa mais caro: custa-te — a dolorosa obrigação de ser feliz.

LINA, *a irradiar contentamento:*

Sou, sou! *(Depois de beijar o amante muitas vezes:)* Prompto! estás pago!

TURCIFAL

Não estou, não! Eu sou dos que querem tudo, tudo!

LINA, *com orgulho:*

E eu sou das que dou tudo, tudo!

TURCIFAL, *com um sorriso vago, fitando-a muito:*

Tudo? — E se eu te pedisse uma estrella?

LINA, *com desolada surpreza:*

A — ah!

: DIALOGO D'AMOR :

(O sorriso de Turcifal accentua-se e toma uma expressão de triumpho carinhoso. Lina, com o olhar velado por uma sombra de tristeza vae dizendo baixinho, melancolicamente:)

Logo te foste lembrar das estrellas que estão tão altas, tão longe das minhas mãos.

TURCIFAL, *numa expressão vaga de cançaço:*

A's vezes a felicidade ainda está mais alta, mais longe das nossas mãos. *(Lina deixa cahir os braços num gesto de fadiga e desfallecimento. Turcifal colhe-a nos braços carinhosamente e pergunta-lhe:)*

O que eu disse, magoou-te?

LINA, *com voz baixa, como que continúa uma falla interior:*

E' isso que ás vezes me entristece — lembrar-me que não sou a mulher que tu sonhaste e merecias. *(Erguendo para elle os olhos numa expressão afflictiva:)* Tu bem sabes: eu queria que as estrellas fossem minhas para dar-t'as. *(Com os braços enlaçados ao pescoço do amante, diz-lhe com inflexão de dolorosa sensualidade:)* Eu queria dar-te a felicidade e pobre de mim que não tenho para dar-te senão estes braços cheios de carinho...

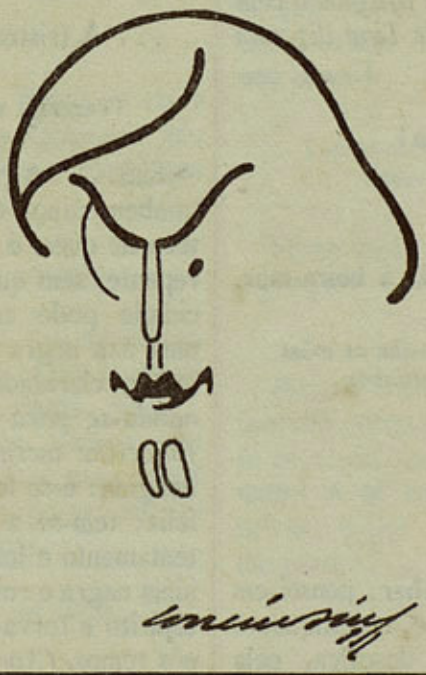
TURCIFAL, *num movimento brusco beija-a impetuosamente e diz com a voz afogada, baça de paixão:*

Isso me basta!

(Lina, numa quietude de voluptuosidade, a cabeça descahida para traz, a nuca apoiada no braço do amante, os olhos cerrados, a bocca entreaberta, o cabello levemente desmanchado, extasiada.)

TURCIFAL, *como quem sente os nervos bruscamente fustigados, desafoga um*

:: CARAS ::



ANTONIO JOYCE

DESENHO DE CORREIA DIAS

suspiro e diz num ar vago de intima saciedade:

Sim, isto me basta! Na vida não ha outra felicidade senão esta.

(Senta-se num sofá apertando nas suas as mãos de Lina, que se senta no tapete debruçada sobre os joelhos delle a fita-lo num verdadeiro encantamento physico. Turcifal fita o horisonte e afagando com os labios as mãos de Lina diz com voz lenta:)

Que tarde soberba!

LINA

Passei-a quasi toda á beira-mar.

TURCIFAL, *beijando-lhe as mãos muito de mansinho:*

E que fizeste?

LINA

E' facil de adivinhar: pensei em ti, na nossa felicidade... Emquanto a pequena corria, descalça, pela areia, eu punha-me a recordar as coisas carinhosas, que tu me dizes quando lá nos vamos sentar juntos...

TURCIFAL, *com um sorriso enigmatico:*

... Depois, sem querer ficaste triste...

LINA, *aprumando o torso:*

Que havia de ficar triste? Se eu era tão feliz!

TURCIFAL, *com o mesmo sorriso:*

A tristeza de quem é feliz, meu amôr...

LINA, *com surpreza:*

... A tristeza de quem é feliz!?

TURCIFAL, *sorrindo sempre:*

Sim... A felicidade ás vezes tambem cança e entristece. A tristeza de quem é feliz e se lembra de repente, sem querer que a sua felicidade pode acabar. Assim como uma aza negra que passe a perturbar a claridade da tarde. *(Inclinando-se para ella de maneira a fallar-lhe mesmo junto ao rosto:)* Imagina: é-se feliz; é-se plenamente feliz; tem-se a alma cheia de contentamento e luz; e de repente uma ideia negra e ruim atravessa o nosso espirito e turva-nos quanta ventura nós temos. *(Aprumando o torso, diz com inflexão de intima amargura:)* E então a gente sem querer suspira de tristeza e de saudade: de tristeza ao pensar quanto tempo durará a nossa felicidade: de saudade... que se ha-de ter, quando a felicidade acabar... Isto é a tristeza de ser feliz. *(Num gesto de cançaço:)* Mas peor ainda é o desgosto de ser feliz.

A felicidade assusta porque se pode perder e até porque pode durar sempre. A felicidade ás vezes tambem exgotta os nervos e fatiga a alma. E' então que a gente parece sentir cá dentro — o grande cançaço de ser feliz.

LINA, *empallidecendo:*

Tens medo da sociedade?

TURCIFAL

A's vezes tenho. Filha, eu creio que o que torna a felicidade tão saborosa é sobretudo o medo que temos de a perder...

LINA, *com voz alterada:*

Não! Essa duvida não me entrou nunca na alma. Eu tenho tanta fé na nossa felicidade, tanta, que... o Senhor me perdoe, mas eu não tenho tanta fé em Deus, como neste nosso amor, como nesta grande felicidade que tu me dás.

TURCIFAL, *com voz surda:*

Filha, não peças ao amôr a felicidade que elle nunca deu a ninguem. A felicidade que o amôr dá é sempre desgraçada.

LINA

Feliz desgraça! *(Turcifal tem um gesto de fadiga.)* Pois que nos ha-de dar o amôr senão a felicidade?

TURCIFAL

Dá a illusão da felicidade. A felicidade — não. A felicidade — se existe — é indestructivel. A illusão qualquer triste realidade a desfaz.

LINA, *pondo-lhe uma mão na bocca:*

Cala-te! doe-me a alma de ouvir-te blasfemar assim. E' como se tu quizesses fazer-me perder a fé no amôr. *(Com fogosa energia:)* Mas não perco!

TURCIFAL, *acariciando-a com mãos languidas:*

Fé no amôr... Tens fé no amôr? e porquê?

LINA

Porque tenho fé em mim, e sobretudo porque tenho fé em ti, mais fé em ti do que em Deus... Muito mais! A fé em Deus só me podia salvar; e por ti, eu era capaz de me perder...

TURCIFAL

E se eu mentisse? Mente tanta gente!

LINA

Não mentes! Não tens alma disso! Não podias ainda que quizesses. Mentir-me? Enganar-me a alma? Enganar uma alma, e uma alma que nos ama e crê em nós absolutamente,

: DIALOGO D'AMOR :

seria uma maldade maior do que matar uma creancinha que nos adormecesse nos braços. Tu não eras capaz d'um crime d'esses!

TURCIFAL

Se essa fé fosse inabalavel! Se essa fé fosse certeza! Então poderias dizer verdadeiramente, que eras feliz. A certeza pode dar a felicidade, a fé dá apenas a illusão da felicidade.

LINA, *com fé e paixão:*

Experimenta!

TURCIFAL, *erguendo-se bruscamente:*

Ah! não! isso não!

(Encaminha-se para uma janella do fundo; voltando-se:) Que esta fé nos baste! *(Tornando ao sofá:)* E' que a certeza em amôr, filha, adquire-se quasi sempre quando já é tarde para ser feliz. A's vezes custa a vida.

LINA, *singellamente:*

Embora.

TURCIFAL, *fita-a um momento surprehendido ante a simplicidade da resposta, depois ergue-a nos braços e leva-a comsigo até uma das janellas do fundo:*

Olha bem para mim! Quem é que eu trago nos olhos? Quem é que vive dentro delles? Quem é que tu lá vês?

(Lina, num impeto de jubilo atira-se-lhe ao pescoço. Turcifal com ar alegre diz:) Pois contentemo-nos com isto...

(Da peça *ALMAS ROMANTICAS*, por concluir.)

: MANVEL LARANJEIRA :

O CAVADOR

No duro montado cintila uma espada
Num gesto de guerra:
E' aço que sangra num cabo de enxada
Os seios da terra.
E os braços nodosos que a agitam abertos
A' crua batalha
Parecem tisnados, parecem cobertos
De negra mortalha.
Os olhos cavados e o rosto de engelhas,
Que frutos de dôr!
E ao lado caminham tranquilas ovelhas,
Tranquilo pastor.
Requeima-lhe a fronte o suor que o alaga
E cóspe nas mãos...
Ai quantos na vida que bem se lhes paga,
Felizes irmãos.
E o rude gigante que a enxada afogueia
Nos montes alem,
Embora por vezes sem lume nem ceia
Que sonhos que tem.
— Agora na mente lhe paira a lembrança
Dum sonho que teve
E nota consigo num rir de creança
A terra mais leve.
«Sonhei que fui trigo nascido nos montes
— Que sonho, meu Deus!
Fui trigo regado com aguas das fontes
E nuvens dos ceus.

E o dono mirava-me de olhos risonhos
— Que riso nos olhos!
E ao ver-me tam lindo crescia-lhe em sonhos
Aos centos de molhos.
E eu tanto gostava de o ver a sorrir
Que em ano nenhum
Deixava de dar-lhe, na eira, ao medir
Cincoenta por um.
Quem via e palpava meu corpo tam grado,
Dizia consigo:
— Que cheio, que lindo! Bem vale o dobrado
Do resto do trigo.
E o bom do moageiro que entam me comprava
No proprio celeiro
Lá ia contente, na venda sonhava
Mais grosso dinheiro.
E em breve, que massa de neve que eu ía
Ao Paço dos Nobres!
Mas ai que tristeza que eu antes queria
O seio dos Pobres.

: JOAQVIM D'ALMEARA :

VIRGENS PEJADAS

De quantos teem entrado no Museu do Instituto de Coimbra, esse precioso exemplo de quanto póde o muito amôr de poucos, á Arte, ninguem por certo deixou de sentir a atenção solicitada logo na primeira sala, pela magnifica galeria de imagens goticas que lá se quedam deslumbradas da luz, saudosas dos nichos emsombrados e recolhidos das suas velhas igrejas. A todas se avantaja a *Virgem pejada,* bela escultúra do seculo XIV, em cujas roupagens de panejamentos superabundantes se reconhecem ainda os vestigios da pintura policromica com que o medievo imaginario a recamou.

Essa figura, apesar do afastado da epoca e do nosso habitual atraso é um belo exemplo do progresso do trabalho da pedra em Coimbra na Idade Media; apresenta vida e realidade na expressão dolorida e expectante da face, no gesto quebrado da mão que aconchega o ventre intumescido, no avançar inquieto e suplicante do outro braço. Estava na Sé Velha, e o seu pedestal formavam-no as mães atribuladas, que em romaria se lhe rojavam aos pés.

Não é a unica que existe no distrito; em Montemór-o-Velho, no santuario romanico de Santa Maria da Alcaçova que o bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida refundiu no *later gothic,* outra *Virgem pejada* repousa, ao abrigo da absída esquerda, envolta na meia luz indistinta que tomba da rosacea da frontaria.

Pelo resto do paiz aparecem tambem, nos velhos presbiterios romanicos e goticos, e até já fui encontrar uma na capela de S. Pedro de Balsemão, o mais precioso relicario da arte e arquitétura visigotica, entre nós. Chamam-lhe lá a Senhora da Pena, e a tres kilometros apenas, em Lamego, uma imagem congénere é a Senhora dos Meninos.

Disse-me um dia o Dr. Teixeira de Carvalho, que existia outra em Evora... E quantas mais não haverá por essa bemdita terra de Portugal, onde sempre houve mães anciosas, no sacrificio doloroso da maternidade!

No intento de descobrir mais algumas ainda, dei-me um dia a percorrer os tomos do *Santuario Marianno,* e não foi de todo infrutifero o meu jornadear pelas resmas do seu papel amarelecido. Encontrei a primeira noticia em Torres Novas, onde o auctor dizia da senhora do O' que se encontrava na igreja matriz, em Santa Maria do Castelo: «He esta santa imagem de pedra; mas de singular perfeição. Tem de comprido seis palmos. No avultado do ventre sagrado se reconhecem as esperanças do parto. Está com a mão esquerda sobre o peito e a direita estendida. Está cingida com

hua correa preta, lavrada na mesma pedra...»

Vinha outra nas alturas de Tomar, e estava na «Casa de Nossa Senhora do O', situada junto ao rio Nabão na freguezia de S. Pedro da Bibirriqueyra...

«He de pedra, a sua estatura são quatro palmos, vê-se com o ventre crescido e a mão direita sobre ele e na esquerda um livro aberto...»

Nestas duas, cuja descrição transcrevo pelo que as figuras são de semelhantes á imagem de Coimbra, ha referencia especial ao ventre; em muitas outras porem é citado apenas o titulo da invocação: assim a Senhora do O', de Aguas Santas (Leça do Bailio), a de S. Ovaia de Baixo (Besteiros), a das Córgas (Penalva de Viseu) e muitas mais.

Nenhuma destas escultúras é posterior ao seculo xv. Com o gotico medráram e se espalháram pelo paiz e com o terminar dele findou o seu dominio. A Renascença fez desaparecer de todo os vestigios de um realismo que ela já não compreendia na religião.

O culto da Expectação continuou até nossos dias, mas nunca mais canteiro algum ousou desbastar na pedra rugosa a curva panda de um ventre, sob as roupagens distendidas e os cintos alargados...

•

A denominação generica de todas estas imagens é a de Senhoras do O', ou da Expectação e narram os hagiographos dos seculos xvii e xviii que a origem da designação remonta a tempo dos godos. No ano 8.º do reinado de Recesvinto (ano 661), foi instituida em concilio celebrado em Toledo, a festa da Expectação do parto da Senhora.

Costumava a igreja e costuma ainda, cantar nos sete dias que precedem o natal umas antifonas que todas principiam pela letra O e, como dizia um desses autores, «Clausulava o Officio Divino com huas vozes sem concerto, nem harmonia, dizendo todo o clero e todo o povo, a gritos, O, O, O. Destes O, O, teve principio o intitular-se esta festa, do O, e tambem o dar-se este titulo á mesma Senhora em suas Imagens, que era o mesmo que intitularem a Senhora em seus desejos: ou celebrar a festa dos desejos da Senhora.»

E' interessante, como se vê, a origem da designação e não deixa de ter um certo encanto a transformação popular do O ritual, no O fervoroso e ansiado de esperança materna.

Instituida a festa na Espanha, na vizinha Toletum e como em Portugal a abundancia das já citadas virgens comprova o quanto ela se espalhou pelo paiz, facilmente se compreende que não terá sido menor a sua dispersão pelo resto da Peninsula; não vi porém ainda, em livro ou revista de arte, cousa alguma que me autorise a acreditar que este culto e a sua realista representação, se houvessem espalhado na Italia ou

na França. Pelo espanto que um estrangeiro, membro do ultimo congresso do turismo, o artista e pintor Jan Matteix, de Toulouse, me significou quando lhe mostrei a *Virgem pejada* do Museu do Instituto, que afirmou ser a primeira que assim via e logo desenhou, acabei de convencer-me de que esta representação antropomórfica não passára os Pirineus.

De resto ha muitas outras cousas da igreja que são peculiares a Espanha e a Portugal; é muito possivel que este culto não existisse sequer fóra da Peninsula.

Evidentemente a instituição desta festa teve como a de tantas outras a utilidade e o fim claro de cristianizar um culto pagão á Fecundidade, existente entre os ibero-romanos.

As representações esculturaes das virgens d'hoje, não passam de copias de escultúras anteriores, pagãs; assim as virgens sentadas com os *bambini* ao colo, aparecem já com frequencia entre as *deae matres* do panteon latino, ou nas figuras da Demeter grega do seculo v, tão delicada e deliciosamente creadas no barro pelos coroplastas beocios.

•

Sem pretender agora fazer uma ligação ou estabelecer uma continuidade tradicional completa, para que me faltam alguns elos, sempre quero referir-me ao quanto este realismo artistico que fazia representar, deificada, a mulher gravida, remonta longe nas epocas e nas civilizações.

Desde as primitivas eras o misterio da Fecundidade impressionou os povos; nada portanto mais natural do que a divinização desse misterio que os fazia viver, e essa divinização unia na mesma veneração a mulher e a natureza, uma imagem da outra, ambas igualmente fecundas e creadôras.

Descobertas recentes teem resuscitado dos estratos arqueologicos pequenas figurinhas de barro, *terre cotte* rudimentares das idades do bronze e da pedra polida, longiquas antepassadas das tanagreanas de Difilos, representando divindades, em que ao lado de idolos femininos de fórmas normaes se encontram outros de ventres rotundos. Estes descobrimentos fizeram-se no Egito neolitico, em Malta préistorica, na camada micenica de Phaestus, etc., e até foram achados dois idolos deste genero em Adulis (Colonia Eritrea), do seculo v depois de Cristo.

Dedicaram-se ao assunto alguns dos melhores trabalhadôres da Arqueologia, e pelos estudos de sabios como Mosso, que lhe reservou um capitulo da sua Preistoria, chega-se hoje a conclusão de que desde os mais remotos tempos o homem adorou a mulher pejada, simbolo da Fecundidade.

As Senhoras do O', não vieram afinal senão continuar uma tradição religiosa muito antiga.

: VERGILIO CORREIA :

THEOPHILO BRAGA E OS POETAS PORTUGUEZES

Foi escassamente concorrida de poetas a festa de Theophilo. Se exceptuarmos Affonso Lopes Vieira, que para ella escreveu um rapido soneto, e não considerando como poetas alguns fazedores de livros de versos que em rimas, ou em pessoa, acompanharam a homenagem do povo da capital, verifica-se que Theophilo Braga se viu abandonado dos seus confrades na divina poesia. E eis uma grande, grave e inexplicavel falta.

E' possivel que Theophilo não désse pela auzencia dos poetas. E' possivel, mesmo, que para elle proprio, como para muita gente, a consagração do dia 24 de março tivesse apenas o intuito de celebrar o escriptor e o politico, e, sobretudo, o presidente do Governo Provisorio da Republica. E' possivel, é provavel mesmo. Isso não me impede, porém, de julgar que os poetas portuguezes perderam uma admiravel ocasião de proclamar o seu *direito á vida,* reclamando para o seu gremio a alta figura do Mestre, que deve a sua justa celebridade, não só á sua vastissima erudição, mas sobretudo, mas fundamentalmente a um sentimento d'ordem poetica: — ao seu amôr profundo, ineluctavel, quasi cego, pela nossa patria.

Ha, decerto, um amôr patriotico que não pode comprehender-se na cathegoria dos sentimentos poeticos, se bem que seja egualmente nobre e dignificador: — é aquelle que se exteriorisa por meio de leis e de reformas, d'actos immediatamente utilitarios, de medidas de fomento commercial ou industrial... Mas o amôr da patria, que tão accentuadamente caracterisa Theophilo, traduz-se na mais desinteressada emoção, tem qualquer coisa de enternecimento e de carinho, de paixão ciumenta e teimosa; e fe-lo prescrutar a vida intima do povo portuguez no desejo, melhor direi, na crença de encontrar-lhe vitalidade, força e certeza de triumpho social, com o mesmo gesto avido e impaciente do amante que nos olhos da mulher amada procura o alvorecer claro e doce d'uma esperança sonhada...

Attitude eminentemente poetica esta; attitude que cada um dos volumes, para não dizer cada uma das paginas de Theophilo, acusa com innegavel evidencia e precisão. Dir-se-hia que elles não teem outra unidade que não seja a derivada d'essa maneira de ser do auctor; e a verdade é que, mesmo d'essa monumental *Historia da Litteratura Portugueza,* entre tantas hypotheses e tantos documentos, entre tanta critica e tanta intuição, só um grande clarão parece saír, um grande clarão de enthusiasmo por tudo quanto é portuguez, uma grande chamma de fé em tudo o que representa a victoria da nacionalidade...

Ora essa attitude teve durante muitos annos um aspecto verdadei-

ramente romantico, uma apparencia verdadeiramente platonica: nem as razões d'ordem scientifica com que Theophilo procurava defini-la, e mante-la, appareciam aos olhos dos contemporaneos como taes: — alcunhavam-nas de chymeras.

E é forçoso confessar que, por mais intelligentes e profundas que fossem, não tinham quasi valor ao lado do violento sentimento em que se baseavam e que, por assim dizer, não se contentava em acompanha-las ou precede-las: mas suscitando-as, creava-as — pela propria força da sua violencia avassaladora.

Assim, nunca me pareceu encontrar em nenhum dos seus livros uma serie de raciocinios, rigorosamente deduzidos uns dos outros, ou dos factos e documentos estudados, formando cadeia, desenvolvendo-se em linha recta; mas sim razões, motivos, justificações, agglomerando-se em volta d'um sentimento central, para o sustentar, ou, melhor, para lhe tornar mais largo o raio de acção, para o fazer irradiar com mais brilho, mais pureza e a maior distancia.

•

Se este ponto de vista é verdadeiro e justo, podemos affirmar que o elemento solido e perduravel da obra erudita de Theophilo é, afinal, — a emoção lyrica, isto é, o mesmo elemento que não deixa morrer a obra dos artistas e, sobretudo, a obra d'aquelles que em rytmos e rimas realisam o seu sonho d'arte. Por isso eu extranhei, e extranho, que na festa de Theophilo não apparecessem os poetas, dirigindo-a, orientando-a, dando-lhe uma significação mais larga, mais viva, mais geral ainda do que foi a que ella teve. Prestando homenagem a um grande portuguez, que soube se-lo atravez de todas as humilhações e de todos os abatimentos do paiz, e lutar contra a desnacionalisação profunda dos homens mais representativos da sua geração, os poetas da nossa terra teriam festejado a sua propria victoria, o seu proprio triumpho: — o triumpho, a victoria do sentimento poetico, da emoção lyrica... E teriam tambem demonstrado, collaborando efficazmente n'uma manifestação tão bella, em que sobretudo se glorificava o povo portuguez na pessoa d'um dos seus maiores defensores, d'um dos seus mais convictos e fervorosos crentes, que sabiam honrar-se em ter, entre os seus ascendentes espirituaes, o portuguesissimo Luiz de Camões; o poeta maximo que nos *Luziadas* nos ensina o valor, a virtude, o significado nobilitante e altissimo d'essa palavra tão mal comprehendida e tão malbaratada hoje, especialmente por aquelles que d'ella mais se teem servido e abusado; a palavra forte, a palavra ardente, que define por completo a vida moral de Theophilo Braga: — patriotismo...

: JOÃO DE BARROS :

Lisboa, 1-IV.

: A UM POETA :

Acabo agora mesmo de cerrar, após duas horas de pausada e meditada leitura, o seu ultimo livro — *Poema da Espuma*, que você pretende apresentar como a obra de uma sensibilidade moça e rutila que, não podendo ainda corresponder-se com a vida nas formulas severas do pensamento filosofico, encontra nos simbolos e figurações da arte o unico processo de dar vasão aos alvores de bellesa que o espectaculo das coisas suscita na sua alma migradora e avida de Desconhecido.

Devo dizer-lhe, porém, com o espirito de verdade que os annos maiormente impõem ao meu culto, que a sua adoravel juventude era digna de melhor feito que encerrar em duzentas paginas de lirismo os primeiros deslumbramentos de uma crença que rebenta das raizes do seu ser tão viva e natural como o sol que se levanta da graça promissora da aurora. Você acredita na sinceridade do mundo — desde a que se lê nas macias ondulações de uma paisagem até á que os homens, nas suas oratorias de maior preço, celebram, para mais ardilosamente encobrirem a ruindade das suas mentiras...

Pois, meu amigo, o seu volume de versos fica abaixo, mesmo muito abaixo, da sua fé, porque não consegue traduzir, com o forte relevo de uma estreia inexperiente mas inspirada, o fogo que interiormente o devora. Sente-se bem que, emquanto você compunha estrofes, sentado junto da sua banca de trabalho, porventura apertando entre as mãos crispadas a fronte pendida no cansaço inerte, que sempre acompanha as difficeis iniciações litterarias, o seu sangue bravo e juvenil, os seus nervos, os seus musculos e o seu proprio cerebro se esquivavam por instincto, clamando a sua revolta, contra a dura sujeição, a tirania feroz de terem de colaborar n'uma tarefa que lhes desagradava.

Eu, depois de o ler, obtive esta revelação, que lhe comunico — se ainda não tem bem decidida a sua entrada nas lettras, suspenda-se e interrogue-se com cuidado e sem paixão, a ver se consegue descobrir melhor caminho, para o effeito de levar a sua pessoa aos trofeos de que será merecedora.

O seu *Poema da Espuma* não possue uma só das qualidades que annunciam um poeta, porque, aparte uma ou outra nota mais esperta, uma ou outra imagem mais graciosa, accusa todos os defeitos incompativeis com a arte subtil e fluidica de prender emoções e caprichos raros da fantasia na gaze finissima das rimas. Lá que você leu Anthero, João de Deus, Cesario, Nobre, João de Barros, Lopes Vieira, Paschoaes e Correia d'Oliveira, percebe-se sem difficuldade, pois que todo o seu esforço se reduz a resmoer os ritmos tocantes de tão egregios vates, o

que deixa a sua musa completamente despersonalisada, sem a plumagem preciosa de um collo de cisne.

Os mestres afinam o gosto, educam as curiosidades ardentes dos que começam, ensinando-os a seguir o verdadeiro trilho em que o seu temperamento se formará, mas não podem criar uma vocação, attento que isso compete á natureza, que derrama as energias cerebraes e sensitivas, consoante leis absolutamente desconhecidas. Sentimento e coração tem-nos você em quantidade, simplesmente acontece que não se prestam ás seduções tentadoras da poesia.

Adivinha-se no seu peito uma larga vitalidade, uma ancia irreprimivel de fazer da sua biografia um labor e um lavor que affirmem simultaneamente uma rude vontade de poder e um suave enleio de bellesa... Não é mesmo necessario ser profeta para descortinar tal coisa!

Mas julga que é bastante?

Felizmente não é, aliás as artes e lettras tornar-se-hiam de um cultivo tão prompto e facil como as batatas ou os morangos. Toda a gente encerra nos seus nervos uma verdadeira orchestra... para uso pessoal e intransmissivel.

Não existe ninguem tão desgraçado que não conserve dentro de si uma lira ou um alaúde, em que riam as suas alegrias ou chorem as suas penas.

Até se dá o seguinte interessante caso — as creaturas de sensibilidade mais copiosa e ebulliente não são as mais artistas. Se a cada um fosse permittido fazer do seu soffrimento ou das suas volupias um poema, a poesia não chegaria a ser uma das artes mais queridas do engenho humano. Nunca passaria de reles e chata vulgaridade.

Para se ser poeta, pintor, romancista, desenhista ou ceramista — tomando, claro está, estes vocabulos no seu sentido mais alto — indispensavel é trazer do ventre das mães uma maneira especial de sentir — o sentido artistico. Quem o não tiver, poderá esmagar o craneo n'uma bigorna que nunca fará mais que decalques e imitações, talvez dignas de estima, mas nunca de admiração.

Quer que lhe aponte uma das insuperaveis lacunas da sua obrasinha?

Carencia total de imaginação, ausencia completa d'esse dom magnifico que transforma as sensações em imagens e estas em representações simbolicas do esparso e vago espiritualismo que vem a ser, no fim de contas, a essencia irreductivel do universo. Em litteratura não ha tentativa que vingue sem a intervenção efficaz das faculdades creadoras.

Denuncia-as o *Poema da Espuma*? Não, nem um pallido reverbero.

N'estas condições negativas, não acha curial e excellente demandar

outras paragens, onde fructuosamente empregue os recursos e habilidades que todos nós recebemos em partilha, afim de justificarmos, pelo trabalho honesto e remunerador, a nossa passagem entre os homens?

A natureza extrema as aptidões, os talentos, as inclinações, os corpos pelo feitio e as almas pelas suas aspirações. Pergunte-lhe você, com proposito de acertar, o que ha-de fazer para entrar no exercicio das suas funcções pessoaes.

Ame sempre a arte, porque assim terá, a toda a hora, sobre a sua consciencia, um clarão de imortalidade; mas deixe-se d'esse ingrato papel de creador e productor de bellas visões e apparições, aliás corre perigo de descambar numa maneira de actividade picaresca, vergonhosa para um homem a serio. Deite-se ao amanho dos seus campos, ao manejo dos negocios ou ao lucro das empresas industriaes, occupações que se me afiguram proprias para você mostrar tudo o que vale e pode.

Ajuntar riquesa é assumpto mais importante que perguntar ao mar, ao rio, ao lago, á torrente ou á cascata a fisica e a metafisica das suas espumas.

O meu amigo não nasceu para as amarguras do idealismo, que é pobre e infeliz. O seu vasto arcaboiço requer mais prosa e negocio que versos e visualidades. Sacrifique-se ao amôr do lar e não á religião sem altar do Bello.

Na arte busque o praser puro que ella leva aos interiores fartos e felizes, mas não se arvore em seu paladino.

Curvo-me, perante o seu futuro saudavel de homem de acção.

: JOAQVIM MARTINS MANSO :

ARMA DE DEFESA...

E SAIA . . . OU ATIRO-LHE COM A PEDRA PHILOSOPHAL!

DESENHO DE ALMADA NEGREIROS

O PAVÃO, O PERÚ E O GALLO

Encontraram-se os tres numa capoeira,
E cada qual,
Como era natural,
Indifferente á vida passageira,
Breve a findar em dias de Natal.
Nisto,
Diz o gallo ao peru,
Por ser ou mais attento ou mais previsto:
«Não vês tu
(Em tom de chufa)
Aquelle pássaro comprido
— O pavão — a impar tão presumido?!
E elle não canta, guincha!...»

Logo o peru todo se entufa
Incha
E falla assim:
«A voz é detestavel, com certeza,
E quanto ao seu aspecto de belleza
Pff! pff! repara em mim...
Mas sem favor!...»
O interlocutor
Contemplou-o
E não lhe deu resposta...
Dizer mal, cara a cara, ninguem gosta.
Prepara então um salto,
Levanta vôo,
E lá do alto

O pavão, o perú e o gallo

Do poleiro
Olha-os primeiro,
Ao peru e ao pavão,
E depois canta com satisfação:
«Cócóróco!

«Afinal sou eu só,
Aqui neste recinto,
Quem se conhece!
E ai de mim se acontece
Dizer tudo o que sinto!
Cada um que me oiça mais se inflama
No que de si presume e tanto ama!»
«Ora como elles julgam valer tanto!
Um guincha, o outro é rouco...
Eu sei que valho pouco
Mas eu, ao menos, canto...

Canto a minha alegria,
Canto o meu hymno
Que é uma prece,
Feita ao sol a pino
Quando é meio dia!»
«De resto sei bem
Que a penna doirada,
Embora invejada
A'quelle que a tem,
Não vale de nada
Nem serve a ninguem!»

O pavão, o perú e o gallo

Assim é, na verdade:
A inveja
E a vaidade,
Qualquer que seja
A nossa qualidade,
Ficam-nos sempre mal!
E' melhor — di-lo a experiencia —
Ninguem a seu respeito
Exceder nunca o proprio orgulho feito
Apenas do que vale
Em consciencia.

10 Abril

: JOÃO DE DEUS RAMOS :

CARTA A AFONSO DUARTE

Quiz-me parecer que o meu amigo, ha dias, ficou um pouco duvidoso acerca daquela creatura que eu lhe apresentei.

Mas, como se deve lembrar, o comboio partiu e eu não tive tempo de lhe dizer, a valer, quem era esse homem exotico, mas interessante, com quem eu gostaria de o ver a conversar longamente.

Conheço-o ha muito, o que equivale a dizer que o aturo ha muito; e d'aqui vem a minha estima por esse rapáz a quem já uns cabelos brancos teimam em querer aparecer antes de tempo.

Fiquei com pena, com imensa pena, que o diabo do comboio não désse tempo para uma conversa, rapida que fosse, mas que ao menos désse logar a que o meu amigo lhe ouvisse qualquer frase, embora tirada a forceps do fundo da sua imensa modestia.

Mas o meu caro poeta mal teve tempo, depois da banal apresentação: «o sr. Afonso Duarte... o meu amigo Nuno Carreira...» de lhe dar um aperto de mão desconfiado e de lhe ouvir insulsamente dizer-me:

— Adeus, Estevam... Não te esqueças de me comprar o *Borda d'agua*...

Francamente, esta fráse, dita assim, não era de molde a servir de base a uma apreciação larga dum talento — talento que eu desejaria ver brilhar aos seus olhos, amplamente, fóra daquele ambito sujo de *gare* portuguesa e sem a preocupação infeliz dum calendario de vintem.

Envergonhei-me quasi, e esperei que passásse algum tempo para esquecer o maldito *Borda d'agua* e eu lhe podésse mostrar o homem, a valer, quer aqui, na cidade das luzes, quer em casa dele, no pacato remanso de Coselhas, lá ao fundo, quando as ondulações do vale começam a subir para a serra.

Mas hontem, quando passei pelo meu amigo ali em baixo, quiz ver no seu cumprimento uma ironia, uma fina ironia, como de quem me dizia afavelmente:

— Então já comprou o *Borda d'agua* para o seu talentoso amigo?

E aqui tem porque me sentei hoje á meza e como quem cumpre um dever, vou falar-lhe do Nuno Carreira, para que não mais me arrisque a outro olhar ironico, como o d'ontem, ali em baixo, na rua.

Pode crer que o Nuno não é merecedor disto; tenho a certeza de que, se o conhecesse, gostaria dele.

Só a casa onde ele mora! Se o meu amigo lá fôr um dia, verá: ao dar com a casa fica-se simpatisando com o morador...

Aquelas paredes com trepadeiras, com janelas largas quasi sempre fechadas, denotam logo gosto e... modestia.

Porque, deixe-me desde já dizer-lhe: a modestia é a base do seu ca-

racter, e a *plataforma* de todas as suas ações — levada a um extremo que chega a ser extranho.

Vive recolhido naquele fundo do vale, isolando-se, não querendo quasi saber o que vae pelo mundo, entregue aos seus livros que são muitos, num quarto de trabalho cheio de cousas simbolicas, desde um quadro representando D. João de Castro a entregar á camara de Gôa o penhôr duns pelos da barba, até uma aguarela em que o conselheiro Julio de Vilhena renuncia modestamente ao encargo, pesado demais, da chefia do partido regenerador.

E dali não sáe, porque receia que alguem pense que a sua presença na cidade seja para lembrar, para fazer lembrar, o seu valor de homem de saber e de caráter.

Tenho-lhe querido mostrar o erro em que se afunda, fazendo assim com que o seu merecimento seja uma cousa nula; mas ele diz-me sempre:

— Olha, Estevam: se eu tivésse valor, certamente já me teriam chamado.

E nesta resolução vive e passa os dias, lendo as velhas cronicas portuguesas e escrevendo bocados de prósa humoristica, que são bocados d'oiro, excelentes bocados de prósa que ele ás vezes manda a um ou outro amigo, á laia de missiva banal e que assim se perdem pelos cestos dos papeis.

E quando lhe lembro a necessidade de recolher esses bocados todos, colécional-os, dar-lhes contextura, publical-os, ele encolhe os ombros e diz-me tristemente:

— Se a minha prósa tem valor, para que a hei-de publicar? Iria apear esses prosadores todos que ai pontificam, e... eu não gosto dessas cousas. Sabes que não quero mal a ninguem.

Eu, ás vezes, digo-lhe que ao menos os estudos historicos, os resultados de pacientes investigações a que se entrega, ao menos, esses, que venham para a luz! E olhe, Afonso Duarte, olhe que ele tem estudos de funda e larga erudição — como aquele em que averiguou á face de documentação irrefutavel, quantas punhaladas levou Inêz de Castro, na scena tragica do horrivel crime. Mas a resposta é identica: os seus manuscritos, se teem realmente valor, ficarão para os vindouros como raridades bibliograficas.

E fica-se, teimoso, naquela modestia estupida, — e logo desvia a atenção para qualquer peça de faiança do seu quarto de trabalho, ou para qualquer novidade literária que tenha sobre a meza.

Como vae vendo, é um tanto ou quanto exotico o meu ilustre amigo Carreira.

Mas a serenidade daquela vida! A calma daqueles dias recolhidos!

Quando se proclamou a Republica, o povinho dos arredores, com arruido, foi deitar-lhe á porta fo-

guetes, gritou, deu vivas; e alguns homens mais «bem falantes» que subiram a casa disseram, entre outras cousas, — que enfim chegára a epoca de se fazer justiça... Eu, nesse mesmo dia, fui abraçal-o, felicital-o pelo triumfo definitivo dos seus velhos ideais e tambem lhe disse internecido:

— Até que enfim, ó Nuno! se vae fazer justiça!

Mas vi-o triste; teve um sorriso de quem sofria:

— Justiça, a quem, homem? a mim?

— Pois! E' necessario que apareças! Agora é um crime tu ficares em casa, é preciso que sáias daqui e que sejas util...

— Mas como? dizia-me ele.

Teimei, discuti, e ele, inabalavel, não se reduzia. Continuaria ali, em Coselhas, com os seus livros, com as suas trepadeiras que naquele outôno ainda estavam muito verdes — e nada queria da politica.

Consegui, a muito custo, que ele mandasse um cartão de parabens a X... que fôra elevado a ministro e de quem era conhecido e, julgava eu que apreciado — pensando ingénuamente que esse cartão ao passar pelos olhos do politico, lhe iluminásse o espirito e lhe fizésse lembrar o Nuno, o seu caráter, a sua intransigencia de creatura honesta e modesta...

Mas, meu caro Duarte, voltando lá quinze dias depois, o ilustre Carreira, alegre, com ar de triumfo, mostrou-me um sobrescrito de cartão de visita:

— Vê, Estevam, se eu tenho ou não razão... Ninguem me conhece, homem; até me trocam o nome... Vocês é que fazem de mim uma cousa que não sou.

Eu olhei para o sobrescrito: a direção era: *Nunes* Carreira, e dentro, um bilhete do ministro com a palavra impressa «agradece», á laia de circular...

— Já vês, Estevam: se eu tenho ou não razão...

E dizendo isto, abriu uma larga cadeira de lona, desceu ao jardim e recostando-se com indolencia, disse-me:

— Olha, Estevam: tu és bom rapaz... Convence-te de que ninguem suspeita da minha existencia.

E cofiando as barbas, olhava com enternecimento para o poente, onde se desenhavam uns eucaliptus solitarios sobre o ceu alaranjado.

E na verdade...

Ha tempos, o curso dele, lembrou-se de festejar não sei que aniversário de formatura em Coimbra. Nuno foi avisado; e, na circular, um dos signatarios pôz a nota amavel «não falte!»

Nuno pensou, olhou a circular, mirou-a, remirou-a, foi ao *Anuário* e viu os nomes dos seus condiscipulos todos — e descobriu que a maior parte deles estava colocada em altos logares do estado, alguns mesmo em vespera de sobraçar uma pasta ministerial. Deixou correr o

tempo e... não foi á comemoração. Eu, que li nos jornaes a noticia, perguntei-lhe:

— Então tu vaes ao banquete?

— Não, não vou... Bem vês que esses figurões todos naturalmente já não me conhecem... Em estudantes, eramos mais ou menos eguaes; hoje... o caso é diferente. Olha: eles sabem muito bem onde eu móro; e demais... sinto-me velho!

D'aí a dias perguntei-lhe:

— Então, Nuno, os teus condiscipulos viéram cá?

— Nem um.

E tem gráça que ele fica triumfante sempre, porque próva assim que é um desconhecido e que nada vale — eterno argumento da sua modestia descabida.

As honras encomodam-no, a popularidade, os encomios; porque, alem da modestia tem o horror das consagrações — contando sempre a proposito a anedota do Infante D. Pedro que recusou uma estatua, para que não tivessem o trabalho de a derrubar.

Já vê o Afonso Duarte que o meu amigo Nuno Carreira não é um banal de *Borda d'agua*, como lhe poderia parecer; é uma creatura apreciavel, de talento *sui generis* talvez, mas com uma dóse de «pêlo» que o faz viver enterrado no seu retiro encantador de Coselhas — onde ha milheiraes exuberantes, e uns regatos que cantam em pequenas quedas; onde ha pinhaes tristes e casas antigas que ainda deitam, sobre os atalhos, o ar senhoril dos velhos brazões.

E já que desabafei e me vinguei do seu olhar irónico de ha dias, acabo — convidando-o para brevemente ir comigo por uma tarde amena, a Coselhas, beber um pouco de modestia a esse imenso arsenal de estupida modestia.

Sem mais, um abraço do

13 de Abril de 1912.

Seu amigo

: ESTEVAM CORREIA :

: HORA CREPUSCULAR :

(Ao J. de Lebre de Lima)

Luz indeciza, luz apenumbrada,
Agonia da tarde... Sol auzente...
Olhos de sombra a olhar 'squecidamente
O espirito das coisas, sem vêr nada...

Pedra de ara do Sol arde o Poente
Na catedral celeste e abandonada...
E as ralas soltam a canção alada
Sem despegar, continuádamente...

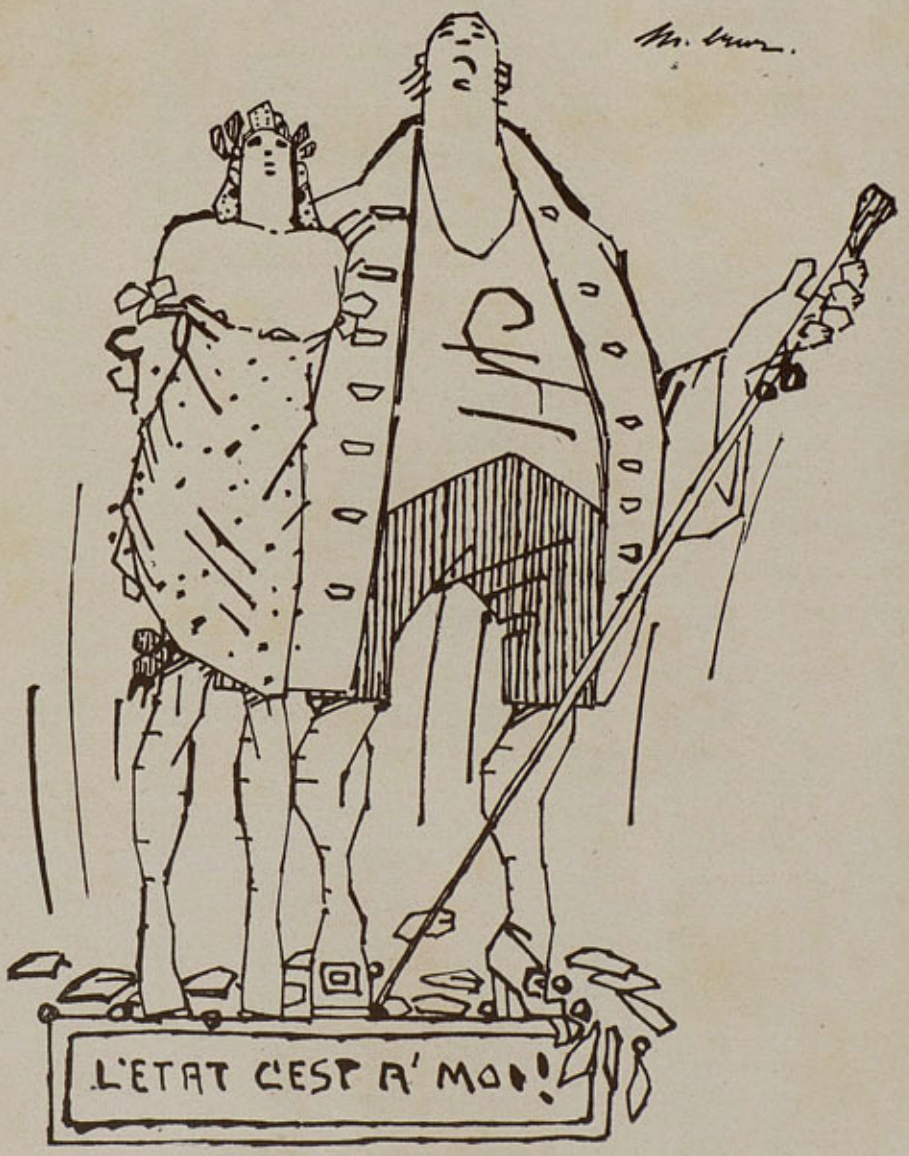
Vozes flutúam, vindas não sei donde,
Que o silencio da tarde embala e esconde,
Silencio vago, evocador e triste...

— Hora crepuscular, profunda hora
Em que alguem no meu peito oculto chóra
Uma dôr secular que em mim eziste...

Outubro, 1909.

: AUGUSTO CASIMIRO :

:: DOIS AMANTES ::



: : ELEGIA DO CAVADOR : :

(A Philéas Lebesgue)

I

DEUS do ceo venha em meu rogo
Que a enchada já mal se ferra:
Grita o sol dardos de fogo
E eu ando farto de terra.

II

Ha nuvens nêgras a prumo
Sobre os meus hombros, de dôr:
Sam minha carne a pôr fumo,
Sam bagas do meu suor.

III

Vejo daqui a subir
Fumeiros da minha casa...
Outros que passam a rir
Custam-me os nervos em braza.

IV

Serei eu escravo dum crime
Que a Deus fizesse algum Homem?
De corpo feito num vime
Minhas lágrimas consómem.

V

Deu-me Deus a vida cara:
P'ras nuvens se vae meu ganho...
Custam-me os olhos da cara
Donas das terras que amanho.

Ereira de Montemor-o-Velho, 910.

: AFFONSO DUARTE :

LIVROS

ANTEU, poema por João de Barros

João de Barros é o poeta da vida. Em toda a sua obra, obra sã e vigorosa de homem ha a emoção creadora dos que vivem construindo. Os seus versos são para cantar na primavera quando as flôres como boccas avidas de beijos cantam a symphonia gloriosa da côr. E' cada estrophe sua um desejo insatisfeito de subir, de crear, de attingir a perfeição maxima da Belleza imperecivel.

A *Terra Florida*, o seu anterior livro, admiravel pelo sensualismo forte que o anima, é feita de Alegria, carinhosa e anciosa alegria de viver e de Amôr, ardente e glorioso amôr da mulher e da naturesa as fontes preciosas da vida.

Anteu é o symbolo do triumpho: o Homem que o Ideal febrilmente aquece vence o semi-Deus que só a força eleva. — Anteu faz caír Hercules porque a Terra-mãe lhe dá a beber a vida inexgottavel.

E' esta a primeira parte do poema. Perde-se em cada rythmo uma energia e ergue-se um sonho em cada verso. Ninguem pode ser grande sem desejos. E confesso que se ama e se vive com Anteu nos cantos de epopeia que são as suas palavras humanas, claras, anciosas.

A segunda parte do poema é a tragedia do sacrificio: — Anteu, cuja voz encantou sempre a multidão com a sua musica e a dominou com a sua verdade, vê-a revoltada contra si. A serenidade que o encaminha para o mar em busca das caravelas que partiram, vale-lhe a

COIMBRA

PÃO NOSSO DE CADA DIA... DEZREISINHOS SÔR DOUTOR : DESENHO DE CORREIA DIAS

morte ali, junto das ondas em cujo rythmo elle apprendeu o segredo de dominar. E' então que *o filho de Anteu* pede um navio. Já as azas das caravelas voam ao longe, de volta...

— Duma aspiração que morre nasce outra mais ardente, mais bella e mais promettedora porque é *carne fremente, sangue exaltado, alma vibrante de esperança nova.*

A EVOCAÇÃO DA VIDA, por Augusto Casimiro

E' um canto de commovido enternecimento. Augusto Casimiro desde a *Victoria do Homem,* nos *Versos d'amôr* como na *Tentação do Mar* que vem affirmando o seu temperamento ardente: — alma em que o sentimento ascende ao extremo, olhos que penetram até á alma — *os olhos puros da sua commoção.*

Os seus versos, fortalece-os a todos o enthusiasmo das coisas sentidas porque elle *vive na sua vida a sua arte.*

A *Evocação,* obra de carinho e de anceios, plena de visões longiquas, claridades devotas e canticos extasiados é já não obstante ainda o seu transcendentalismo exagerado por vezes, a fuga das pesadas metaphysicas que mal influenciaram o poeta de começo.

Ha em todo o livro um grande alvoroço — toda aquella intermina febre embriagadora de Arte que só os poetas costuma consumir. Os *Sonetos da Vida* são inspirados e bellos e na *Minha alma* rasgam-se vôos largos de idealidade.

Trata-se pois da obra de um poeta que, pena é nem sempre possa fazer arte para todos como seria talvez o seu maior desejo.

— Pintou Antonio Carneiro para a capa d'este livro um corpo deformado de mulher cujos olhos seguem a linha evocadora do poente. Essa mulher tem na esquerda a lyra e com a direita aponta os longes do crepusculo. E eu achei razão á sanguinea do poeta pintor como se accordou em chamar-lhe. Na religiosidade ascencional daquella hora fica bem a nudez imperfeita da vida.

: NUNO SIMÕES :

Albargada, 5-4.

: CHIMERAS :

NUMA diáphana manhã d'Abril,
Os olhos postos em astral nascente,
Architectei um sonho reluzente,
Recamado de luz primaveril.

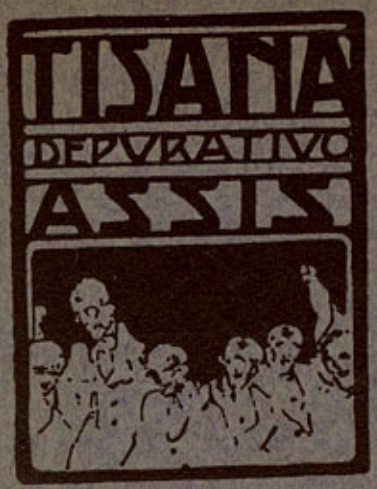
Doces visões de esp'rança juvenil,
Meigos doceis d'azul opalescente,
Brandas ondas de luz aurifulgente,
Imagens de seráphico perfil,

Surgiram a meus olhos anhelantes!
Esplendorósos, rútilos, distantes,
Hôrtos d'amor, de virginal amanho...

Ao encetar, da vida, o arduo trilho,
Dum fogo-fatuo me sorriu o brilho...
Foi tudo o que sonhei e que não tenho.

Lisboa, Março de 1912.

: MOTTA CABRAL :



Segundo o processo de Faro

Preparado por

F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opéra com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funccionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus effeitos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, augmentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o pezo dos doentes. N'este preparado entra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1$000 réis

DEPOSITO GERAL

DROGARIA FALCÃO

42, R. Nova do Almada, 44 • LISBOA

CARTAZES ✿
VITRAES ✿ ✿
✿ CAPAS DE
LIVROS ✿ ✿
PASTAS ✿ ✿
EX-LIBRIS ✿
✿ PIRO-GRA-
VURA ✿ MO-
VEIS ✿ ETC.

POR

COIMBRA — L. da Feira, 16

COIMBRA

▫▫▫

= Trata de todos
os negocios uni-
versitarios e está
apta a satisfazer
qualquer encom-
menda de livros
ou outras publi-
cações nacionaes
e estrangeiros. =

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial

PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA

A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ

Telephone 1239 — End. teleg.: MISSILVA

Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo

27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5

LISBOA

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

J. M. Mendes d'Abreu

E' um habil contramestre com larga pratica de córte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de mais moderno em objectos de fantasia, não se innumerando pela sua diversidade.

Vende a retalho por preços sem competencia

ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCOS DE PORTE

COIMBRA — 64, Rua Ferreira Borges, 68

A RAJADA

COIMBRA
MAIO
1912 N.º 3
SERIE 1.ª

REVISTA DE CRITICA DE ARTE E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ARTHERO DO QUENTAL 11 PROPRIETARIO E EDITOR: MOITA DE DEUS E ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA E SEC.: MARIO VIEIRA E COMPOSTA E IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL E PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 E LISBOA

DEPOSITARIA: LIVRARIA NEVES — COIMBRA

PREÇO 100 REIS

Sumario do N.º 3 — 1.ª Serie

CAPA POR CORREIA DIAS

João de Deus — Por *Joaquim Martins Manso* 1
Coimbra: Ao rithmo da Saudade — Por *Mario Beirão* 4
Velhos teares — Por *Vergilio Correia* (Desenhos de *Correia Dias*) 8
A volta da lareira — Por *Marques da Cruz* 14
Canção das pedras da rua — Por *Acacio Leitão* 16
O rancho — Por *Arthur Ribeiro Lopes* 17
Nortadas — Por *Joaquim d'Almeara* 20
Dos novos poetas — Por *Alberto Felix de Carvalho* 22
Ante-manhã — Por *Afonso Mota Guedes* 26
Ode — Por *Veiga Simões* 27
Crepusculo — Por *Affonso Duarte* 29
Inscripção — Por *João de Lebre e Lima* 30
A «Terra de Sol» e os «socos» da critica... — Por *Garcia Pulido* 31
Livros recebidos 32

DESENHOS

Augusto Gil — Desenho de *Balha e Mello* 3
Bons sentimentos — Desenho de *Balha e Mello* 15
O pão nosso de cada dia... — Desenho de *Correia Dias* 24

VINHETAS POR CORREIA DIAS

GRAVURAS DE PIRES MARINHO E BIRANDELLA & IRMÃO

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.

E' respeitada a ortografia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias	600 réis
Brazil, assignatura directa.	2$500 »
Numero avulso	100 »

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Sempre illustrados, sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1 pagina	6$000
1/2 »	3$500
1/2 »	2$500
1/4 »	2$000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annunciantes» podem contar com mais folhas que serão adicionadas quando necessarias.

LA BÉCARRE

PAPELARIA

Papeis nacionaes e estrangeiros de todas as qualidades e de phantasia. Livros em branco e riscados. Artigos de escriptorio, desenho a oleo, aguarella, pyrogravura e photominiatura, etc.

Variedade em artigos para brindes

TYPOGRAPHIA

Bilhetes de visita e de loja, facturas, memorandums, recibos, circulares, cartas-papo, relatorios, theses, minutas, etc.

F. CARNEIRO & C.ª

47, Rua Nova do Almada, 49

LISBOA

N.º 3 : COIMBRA : MAIO : 1912

O Rabelo

DIRECTOR LITERARIO : EDITOR E PROPRIETARIO : DIRECTOR ARTISTICO

João de Deus

Palavras pronunciadas no Theatro Avenida, de Coimbra, no dia 20 de maio, na festa das flores e das creanças.

MEUS SENHORES:

A obra de João de Deus representa um pensamento em marcha, uma aspiração que, atravez os tempos, se vae convertendo em factos, entrando nos cerebros e nas almas sob a forma de emoção, imagem, ritmo, sentimento e luz de ensino.

A sua capacidade de expansão e dominio é enorme, parecendo-se um pouco com os grandes rios que, em sua nascente são um fio de agua, mas que depois, á medida que vão rompendo pelo meio das rochas e selvas, crescem, rugem, tumultuam e dominam o silencio das coisas com o clamar soberano da sua voz colerica e perturbadora.

Os annos irão correndo, alternando o riso com as lagrimas, o repouso com a lucta, a duvida com a certeza, o sensualismo com o misticismo, mas a obra de João de Deus ir-se-ha impondo progressivamente, porque brotou tão dentro da consciencia humana e tão illuminada pelos clarões do espirito que ella por si só cinge, num abraço amoroso e magnifico, toda a sêde de paixão e toda a magoada doçura da nossa raça. O genio português poderá variar-se em apetites e preferencias, em sonhos e ideaes, tornando-se ora mais idealista, ora mais positivista, ora mais crente, ora mais sceptico, que nunca virá subtrahir-se ao encanto e á seducção que a obra de João de Deus produz sempre, como os navegadores nunca podem perder a fé nas estrellas e os heroes o culto das acções sublimes.

O *Campo de Flores* significa a bellesa simbolica e imperturbavel á qual os povos apaixonados e expostos ás vacillações de uma sensibilidade, que umas vezes é enthusiasmo e outras amargura e dôr, vão buscar o alimento de que se nutrem as suas mais preciosas visões, dando-lhes a confirmação que a experiencia de um poeta adquiriu, prendendo a doirada neblina da imaginação lirica nos fios luminosos do verso.

Quem quizer aprehender a feição epica, trabalhadora e movimentada da raça portugueza irá pedir aos *Luziadas,* ás suas estancias rutilas, sonoras e talhadas no puro marmore da epopeia, o que foi o esforço e a bravura dos nossos avós.

Porém, quem deseje penetrar intimamente o mundo de luz e sombra, em que se agitam os sentimentos, segundo leis misteriosas que os psicologos não conseguem attingir mundo em que as palpitações do coração desempenham o mesmo papel que a onda nervosa no cerebro — terá de recorrer ao *Campo de Flores,* livro de tamanha vitalidade que, por mais que se leia, nunca se exgotta no poder evocador das suas estrofes, feitas com a mestria incomparavel de quem encontra na poesia o imperativo supremo de sua vocação. Na nossa litteratura, a historia e seus dramas obscuros é João de Barros, Camões, o poema epico e suas fulgurações de fé collectiva, Gil Vicente, a graça do riso e e da ironia, Vieira, a eloquencia e seus movimentos dominadores, Anthero, o profeta terrivel, que cinzelou na amarga materia prima do sofrimento, a desillusão irreligiosa de existir, João de Deus permanecerá sempre como sendo a emoção senhoril e bella de uma raça, cuja vida se resume em muito amar, muito esperar e muito chorar.

O *Campo de Flores* é uma conquista nossa, tão nossa como a passagem do Cabo das Tormentas, á descoberta do Brasil ou a construção dos Jeronimos.

Mas se João de Deus, com a sua obra poetica, nos quiz dar um maior poder de dominio sobre os movimentos secretos do nosso ser sentimental, com a *Cartilha Maternal* elle pensou que a civilisação marca o maior triumfo do pensamento sobre as forças e os fatalismos das coisas, e que não pode haver, nos tempos modernos, povos felizes se não forem plenamente civilisados.

Para que Portugal se liberte da materia escura, tem de illuminar o seu espirito com o saber, fazendo penetrar no seio das turbas escurecidas a verdade que os mestres colheram na meditação e no estudo. Mas assim como todos os profetas e amigos das multidões começam as suas predicas por um grande ato ou gesto de amor, assim João de Deus collocou no principio de todo o trabalho de cultura espiritual o vulto tão enternecidamente esculpido das mães. A ellas compete, com a sua clara e pura intuição da alma e do

verbo infantil, iniciar as criancinhas nos segredos da leitura. Como, porem, as aspirações são largas e as vidas curtas, João de Deus não teve tempo de ver florir e fructificar amplamente a sua obra.

Os homens passam, mas as ideias ficam, continuando a rasgar o seu sulco luminoso por entre as intelligencias dormentes das gerações.

As concepções de uns são executadas por outros.

Assim João de Deus Ramos fez da defesa e propaganda do apostolado de seu pae a razão suprema da sua existencia.

Os jardins-escolas são, porventura, a primeira semente de um Portugal Novo que mal se adivinha ainda, atravez as brumas e as incertesas. A nossa patria neste momento atravessa uma dura crise, por que lucta dolorosamente para encarnar o sopro profundo da civilisação moderna.

Todos nós nos debatemos nesta tremenda indecisão — ou conservarmos a velha alma, rotineira e supersticiosa, que nos vem do passado como um espectro que surge dum tumulo ou renovarmos o nosso espirito ao contacto das nações civilisadas, assumindo um outro ar, outra fisionomia. Somos, por emquanto, os pallidos Hamlets que procuramos de terminar o norte do nosso destino.

Para onde iremos?

Senhores, sigamos na senda que começam a traçar os jardins-escolas e um dia veremos, atraz de nossos passos, as doiradas ondulações de uma enorme seara, fructo dos nossos esforços abençoados!

: JOAQUIM MARTINS MANSO :

:: CARAS ::

AVGVSTO GIL

DESENHO DE BALHA E MELLO

COIMBRA

Ao rithmo da Saudade

Charcos onde um torpor, vitreo torpor se esquece,
Nuvens roçando a areia, os longes baços...
Paizagem como alguem que, ermo de amor, se desse,
Corpo que estagna frio a beijos ou a abraços.

A luz transita:
Subito é uma aureola a cúpula infinita!

Ocaso-pleno...
O' sonho apotheótico,
O' minas fulvas rebentando em oiro,
Pólen caindo na alma... o poente é o meu narcótico:
Quero beber, beber esse thesoiro!

Serpe que ondúla os tons, o poente curva
Os opulentos rastros:
Charcos, paues de superficie turva,
Brilham, rebrilham constellados de astros:

Ei-lo a diluir-se... da agua que ressumbra
Tira ao morrer já todo liquifeito,
— Como os vitraes tocados p'la penumbra —
Tonalidades músicas de effeito.

O' tardes de Coïmbra, embaladoras tardes,
Com poentes magoadissimos no rio!

...Vento da foz, de oceanicos alardes,
Baixinho, não esfolheis os choupos nem os freixos,
Lagrimas cáem, vão caindo, fio a fio:
As fontes rezam orações aos seixos!

Poetas, meus irmãos:
Rezam as fontes,
Rezam os montes,
Rezam os seculos, o Espaço põe as mãos...

Ungidas de misterio as petalas descóram...
No seu melindre os tons
Crepusculisam, óram:
Na dubia hora incerta,
Cada corolla aberta
E' uma escala de sons...
Já tudo se harmonisa,
Volatilisa
Aos poucos...

Oh sonho! oh fantasia!
Poetas, meus irmãos, divinos loucos,
Vinde ouvir, vinde ouvir a estranha melodia!

•

Mas quando a noite vem mansissima de affagos,
Recolhimento, sonho,
Penumbras de saudade recomponho,
Esfúmo traços vagos:

O burgo medieval engolfa-se na sombra...
A noite vem, borrão de tinta que me assombra,
Curva cada vez mais — as grandes azas pandas
Abertas sobre mim...
... Na agua que ouviu de Ignez as queixas miserandas
A noite espêlha o palio azul-setim:

Vogam os barcos á mercê do vento
No liquido, estrellado firmamento...

A um vôo de luz todo a pairar, suspenso,
O luar abrindo, espasmico, desmaia:
Perola enorme a diluir-se em bruma,
Opala — em ondas lividas de incenso...

O vento, no orgão, um «miserere», ensaia...

Nos claustros do silencio unindo-se uma a uma,
Põem-se a desfilar as procissões dos choupos.

— Liturgico, solemne —
O palio-azul ao alto dos seus tôpos:
A Graça ungiu a terra... Lausperenne!

Meus olhos vão peregrinando imagens:
Olhae-os e vereis paizagens e paizagens...

Extase, fuga para o sonho... inclino
O corpo sobre a terra e, assim, que bem...
Que bem que ella acalenta: eu sou como um menino
Ao collo embalador da sua mãe!

Inclino mais: ralos de angustia, espanto,
Esvoaçam até mim: as nimfas todas
— Reünem em concilio — e partem como doudas:
Buscam Ignês, Ignês, prêsa dalgum encanto:

Em vão os echos ficam repetindo
Saudosissimamente o martyr nome lindo,
Saudosissimamente, em compassos de pranto...

Novo silencio acalma. Os seculos desfiam
Lavôres que no tear da Evocação urdiam:

E o Burgo surge com torreões e grades,
Paços, Estudos, numa rampa em tréva... —
Burgo, é noite: compõe ao espêlho das Edades
O teu capuz de sombra mediéva!

O' esconsos de bitesga, obliquas vielas,
— A medo mal um nicho noctiluz... —
Ha rondas a vaguear: lá assomam ellas,
Hombro com hombro, o feltro baixo, os ferros nus...

Mas um vulto faz alto á turba dos brigões,
Flammejam espadins, a viela é illuminada!
...Oh Ceus, ressuscitou Nun'Alvares: Camões
E' um bronze de attitude — a loba esfarrapada! —

E a noite é toda um frémito de ronda:
Em plena Renascença a Tavola-Redonda!

Reza o meu sangue uma epopeia: assim,
— Poder de regressão — eu sinto dentro em mim
O espirito das éras:
A voz do que passou murmura como os buzios...
Na sombra, de perfil, Coïmbra dos frades Cruzios,
Sustem nas osseas mãos rosarios de chymeras...

Scenarios e scenarios,
Recordações, historias:
O' contas dos rosarios,
Pater's, pater's a orar num terço de memórias!

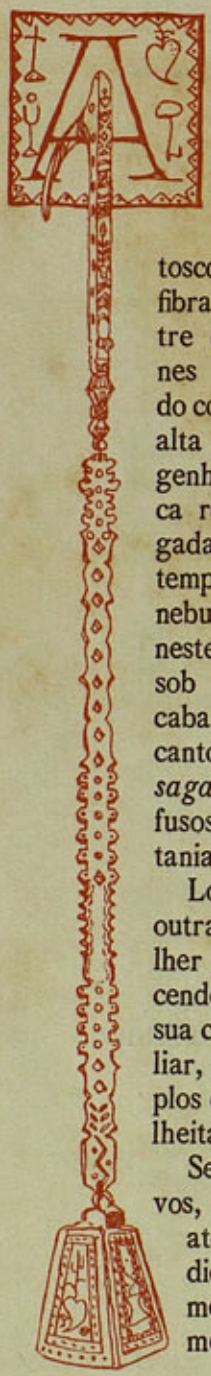
...Na penumbra dos sons, toda em surdina,
Da distancia, do Além — agua a fugir da mina,
Um halito de voz murmúra e tem saudade!

Longe esparso em mim, chóro sem ter vontade...

E a voz — alento e dôr — afflige-se num rogo,
Subito é uma caudal cavando-se em regougo:
Prea-mar, prea-mar — ainda ha pouco um veio!
O' Coimbra é a tua voz, p'ra ella me debruço:
Não posso ouvi-la, adeus! Voz de estertor, anceio,
Delira e quebra arfante,
Cortante,
Como um soluço!

: MARIO BEIRÃO :

VELHOS TEARES



A nossa industria de fiação e tecelagem caseiras, popular e tradicional, ascende — sem já querer ir buscar-lhe a origem ao tosco emaranhamento de fibras vegetaes que entre os ibericos autoctones da pedra polida e do cobre constituia a mais alta manifestação do engenho humano, — á epoca remota em que apagadas figuras feminis dos tempos pré-romanos de nebulosa historia, teciam neste recanto do mundo sob o colmo fulvo das cabanas, entre risos e cantos, as *pallae* e os *saga* dos barbaros e difusos ocupantes da Lusitania.

Logo depois é uma outra visão: a da mulher romana, fiando e tecendo pelos anos fóra, na sua clausura legal e familiar, as tunicas e os peplos do linho alvo das colheitas estivaes.

Seguem-se raças e povos, e a industria chega até nós caseira e tradicional, com os mesmos processos e os mesmos teares, em que as *queixas* vão gemendo eternamente, e os *pesos* repuxam sem cansaço os *cambos* e a teada.

Alguma cousa porém se mudou nos teares durante a multi-secular jornada: uma arte popular, amorosa e simples começou a vestir de rendas de desenhos e gravuras a nudez dos seus acessorios; e as deusitas pagãs que protegiam o trabalho do linho foram substituidas pelas Santas e Senhoras dos *registos* que cada ano, a cada romaria, vão forrando devotamente mais um pedaço dos *pégões*.

*

Ha perto de Coimbra, para as bandas do sul, lá para onde os montes se seguem como vagas gigantescas de pinhal, uma região recolhida, misteriosa e tristonha, cerrada á civilisação pela situação natural; por toda ela, os vales curtos e encovados dando logar a magras varzielas, alternam com montes agudos e de dificil acesso, conquanto não muito elevados. Desta situação particular desprendem-se consequencias particulares tambem, refletidas nas industrias regionaes.

E' muito mais dificil á civilização, ao progresso quotidiano, galgar e inundar estes pequenos vales do que entrar numa região defendida por alterosas montanhas; no primeiro caso os diques sucessivos e ignorados opõem maior resistencia á vaga

VITRAL

DESENHO DE
CORREIA DIAS

do que a muralha de aparencia inexpugnavel de uma serra, onde conhecidos os colos de passagem tudo é varrido logo... A Estrela está incomparavelmente mais adeantada do que esta parte do distrito.

Nesta região, que ocupa parte do concelho de Miranda e o extremo sul do de Coimbra, vive dificultosamente uma pequena industria de tecelagem caseira cujo estudo me foi especialmente interessante pelas preciosidades etnograficas que lá fui encontrar.

No começo do verão os campos de linho vêrde ondulam mansamente por todas as encostas e varzinas que o comboio atravessa entre Ceira e Miranda. A preparação da materia prima — colheita e fabrico especial, é aqui identica á de outras partes do paiz. Passados esses trabalhos, o fio é novelado ao *caneleiro,* e de quanto essa ocupação é afadigosa e monotona, reza a cantiga das tecedeiras:

Aprendi a tecedeira
O caneleiro me mata...

Entram por fim os fios no tear. Mas que tear aquele! E' o tear primitivo por excelencia, o puro e tosco tear dos luso-romanos!

A fórma é simples, o material empregado o mais vulgar, de pouca escolha nas madeiras, de nenhum cuidado na factura. São quatro estacas a prumo, os *pégões,* ligadas lateralmente a meia altura por largas taboas, as *mesas,* e internamente por dois grossos rolos afeiçoados, os *orgãos,* que se movem como eixos nos orificios redondos das *pombinhas.* Os fios convenientemente espaçados desenrolam-se de um dos orgãos, e atravessando os dois pares de pentes de cordel fino dos *lissos,* pendentes dos *castelos* — umas roldanazinhas toscamente lavradas — e a *queixa,* vão depois do trabalho de vae-vem da lançadeira enrolar-se já tramados no outro *orgão* da frente.

E' com este rudimentar material que se trabalha. Quasi todas as raparigas das aldeias, de Almalaguez e da Flôr da Rosa, de Castelo Viegas ou dos Moinhos, aprendem a tecedeiras. Quem passa numa dessas povoações sente-se atraído pelo ruido abafado e monotono que sae das lojas ao rés da terra, no silencio das horas do calôr; e se se aproxima do postiguito que alumia o tear, e cubiça um olhar da Senhora do Linho, póde esperar muito tempo: lá o diz a cantiga, onomatopaízando o ruido da *queixa.*

Ela estava truque-truque
Deu-me logo o desengano...

Quasi nenhuma das moças da região deixa agora de entremear os trabalhos do campo com o sossego fresco do tear, porque a industria só, não dá para viver e a emigração obriga as mulheres a labutar como homens. Dá gosto vê-las tisnadas do

sol, movendo as teadas alvas. Algumas, a quem o cuidado do linho ocupa sempre recolhidas —

Passa-me o amôr á porta,
E eu sempre recolhida...

— teem uma clara e macia tez de enclausuradas.

São bastantes as cantigas que se referem ás tecedeiras, á sua vida, ás partes do tear: não é porém aqui o logar de as publicar.

•

Vem depois os acessorios: os *tempereiros,* espatulas de alisar a teada, as *lançadeiras,* donde o fio vae saindo para cruzar outros fios, os *arrôchos,* que agüentam as voltas retesadas dos *orgãos,* e finalmente os *cambos,* as *correias* e os *pesos.* Como tudo aquilo é minucioso embora simples!

Mas se o tear se conservou aqui desde a Antiguidade, sem mudança alguma, na mais rudimentar expressão industrial, o que originou uma arte por assim dizer *familiar,* fôram os pequenos acessorios de que falei, que todos eles sem excepção, pesos, correias, cambos, lançadeiras, tempereiros, arrôchos, aparecem lavrados, trabalhados com desenhos e nomes, com flôres e figuras que patenteiam toda uma maneira decorativa ingenua e propria, impossivel de encontrar tão completa, fóra desta região.

Começando pelos *pesos.* O *peso* serve para manter estendida no leito da teada uma cana que atravessa os fios; tem sofrido com os tempos um sem numero de modificações.

Ao tosco *peso* pré-romano, rétangular, de pasta grosseira e quatro orificios de suspensão, segue-se o *peso* romano, trapezoidal quasi sempre, com um ou dois orificios apenas, marcado raramente com um nome, ás vezes com um signal religioso, uma cruz, uma letra isolada, e vem a evolução terminar nos *pesos* d'hoje, de fórmas, substancias e ornatos diversos. A pedra substituiu-se ao barro, a olaria apoderou-se delles, deu-lhes feições variadas, vidrou-os, pintou-os...: — corações, chaves para os abrir, flôres estilizadas, nomes, monogramas, toda a amorosa ingenuidade grafica do galã aldeão para a moça dos seus desejos, — constituem agora a ornamentação habitual.

Tenho presentes alguns: sobre as superficies trapezoidaes, mamilares, piramidaes, conicas, cruzam-se os desenhos geometricos ou irregulares, as flôres, os coraçõesinhos floridos, as rosetas sexifoliadas, as iniciaes reveladoras... Noutros são cercaduras de pontos, orlas de linhas torcidas, guarnições de meios circulos, debruns de *batons rompus,* cavados ou relevados; uma variedade enorme de fórmas e desenhos que representa a mais diferenciada caratteristica entre os *pesos* antigos e modernos.

Novas correntes esteticas, novos sangues, operaram talvez este milagre.

•

A civilização romana foi como os seus monumentos, fria, severa, grandiosa; não se encontram nela esses pequenos nadas, essa delicadeza que tão notaveis torna as civilizações orientaes. Do norte ao sul de Portugal, os objectos que aparecem dessa epoca, não divergem de região para região; a ceramica do convento Bracarense é identica á do convento Pacence; as fibulas, os mosaicos, os estuques, os vidros, os mesmos são em toda a parte.

Estes objetos porém, pertenciam ao numero daqueles que a Italia, a Fenicia e a Grecia enviavam por comercio até á Lusitania, e não representam produtos de industrias regionaes: não servem pois para julgamento.

Conservariam porem essas provaveis industrias regionaes, vestigios de desenhos e decorações anteriores? E' muito possivel: porventura não são outra cousa (transmitidos de geração em geração), os ornatos que se encontram hoje nas cangas e castanholas do Douro, nos *cambos* e *pesos* da Beira ou nas colheres, caixas e *córnas* que os pastores do Alemtejo tão delicada e morosamente executam.

Que regras ocultas, e comtudo tão indelevelmente permanentes seguem o espirito e arte popular, para que passados 20 ou 30 seculos venham reproduzir-se nas paredes de um celeiro do seculo XVI (S. Maria da Arrifana), os trisceles e tetraceles castrejos; ou gravar-se no pedestal de um calvario do seculo XVII (Almalaguez) e nas faces de *pesos*, ao lado de corações em flôr, as rosetas sexifolias de tão remota memoria! Não podendo admitir por varias razões que toda esta decoração provenha dos bárbaros ou muito menos, dos berbéres, e como os romanos já estão fóra de pleito, ha-de procurar-se-lhe fatalmente antes da epoca romana, a origem primeira.

Terá portanto esta arte familiar raizes na camada pré-romana. O que está verdadeiramente assente, para mim, é que toda a arte *familiar* dos teares é impessoal e tradicional; o artista aldeão copía, modificando pouco, os ornatos que tem á vista e fóra dos quaes nada conhece.

Quando por lá andei, investigando e tirando desenhos, todas as mulheres se acotovelavam sorrindo e bichanando que eu andava naquilo porque tinha uma namorada tecedeira e queria fazer um *cambo* rico para lhe oferecer. Não

Cambo

entendiam mais, e confirmavam-me na minha opinião...

O *peso* pende de uma fita de couro ou de pano, que o liga ao *cambo*. Quando as fitas são de cabedal, enchem-nas de recortes e de entalhes, formando-se esses graciosos objectos que Correia Dias, o artista de delicado traço, tão deliciosamente soube copiar do natural; quando são de pano, bordam-nos então de ramos e folhagem de côres vivas ou com um daqueles desenhos de meandros de linhas rectas que estamos costumados a vêr debruar as tunicas das elegantes atenienses que os ceramistas de seculo v desenhavam e pintavam nas paredes brancas dos lécytos de larga bôca.

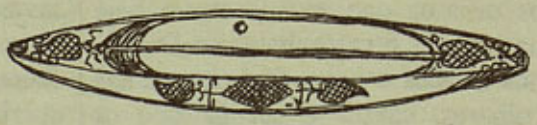
Arrôcho

Vem finalmente os *cambos:* neles se revela quão sentimental e amoroso é ainda o caracter popular. Entre a variedade enorme deles, — cada casa e tear possue dois ou tres, poucos se encontram em que não haja gravado qualquer signal de amôr, porque em geral todos os acessorios são ofertados pelos rapazes ás conversadas e ás noivas, motivo tambem por que os conservam pela vida fóra, mesmo quando já não servem. Alguns teem gravados verdadeiros quadros pequeninos de vida e amôr simples.

Que vêmos na reguazita plana que forma o dôrso deste *cambo* ingenuamente gravado por um artista que só o sentimento guiou? Um coração, uma chave, de novo um coração, uma guitarra, um cipreste, uma cruz... E' uma vida inteira, o fundo de uma alma, a descoberto! Alma de sentimental, alma de aventureiro, alma igual ás que fizeram a lenda. Um coração e a chave para o abrir, uma guitarra para a musica dolente e anestesiante, um cipreste e uma cruz... Amôr, religiosidade, fatalismo. Não são estes afinal ainda os alicerces da alma do povo?

Olhai-me agora a base do gancho do *cambo:* lá estão duas figurinhas. O signo-samão de um lado e a roseta sexifolia do outro; bruxedo e tradição: são os dois signaes misteriosos cuja origem o povo desconhece e vae contudo repetindo e conservando sempre.

E este outro *cambo*... A começar do fundo, na reguazinha, passam as fases da vida: a viola da esturdia mocidade, o namoro de prolongada doçura, logo a hostia e o calix, o simbolo popular do casamento. Já são marido e mulher: é trabalhar,



Lançadeira

que a cruz lá em cima recorda o fim de tudo. No alto, enigmatico e protetôr, o *signum salomonis*.

Este *arrôcho,* não parece um scetro de rei antigo, torneado e entalhado com primôr, beijado de goivadinhas finas que deixaram outras tantas folhas na madeira!?

Nas suas largas patas de palmipedes, os *tempereiros* tem desenhos e nomes que morderam o ferro: Maria e uma flôr, Luisa e um coração!

A *lançadeira,* que lá para a França chamáram melhor que nós *navette,* é como uma barquinha de sonho para vogar entre aguas de linho alvo. Vêde como leva os casinhôtos da pôpa e da prôa, e os costados, cheios do signal do amôr, do coração florido!

•

Toda a vasta ornamentação dos acessorios do tear que num artigo desta ordem não póde ser descrita senão muito ligeiramente, pela rama, denota nos habitantes desta atrazada região do distrito de Coimbra uma forte conquanto bárbara, intuição artistica, oculta como fogo sob cinzas debaixo da camada tenue de civilização de que muitos povos parecem revestidos, quando afinal o substratum permanece absolutamente selvagem.

Ainda assim, abençoada selvajaria que tão belos documentos etnograficos nos conservou!

Coimbra — Abril de 1912.

: VERGILIO CORREIA :

:: A VOLTA DA LAREIRA ::

Cae sobre o lár a noite esmorecida,
Onde luz a candeia já exangue...
E um sômno veludineo téce a teia
Em volta á Vida
Em volta ao Sangue...

As Vidas têm sômno
E ha desmaios de côr n'esse retiro...
Finou-se agora a luz n'um abandôno
N'um ultimo suspiro...

O vento zuniu alem...
Despertou o cavadôr.
Olhou em róda. Ninguem...

Acabára-se *o azeite do Senhôr*...

Foi direito á candeia,
Assoprou-lhe no morrão
E luziu n'um alvoroço
Que o alégra, que o enleia...

Padre Nosso...

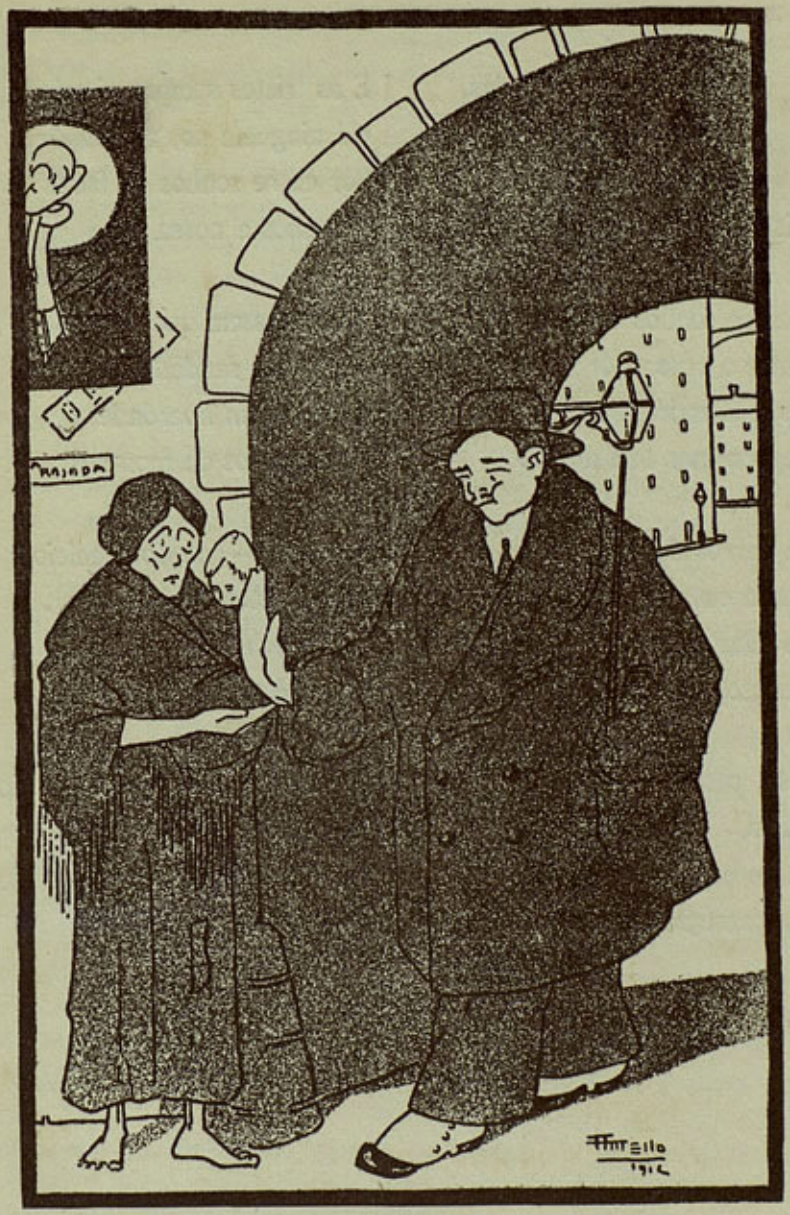
Um gosto que Deus lhe deu.
Assoprou-lhe e já luzia:
Foi uma alma para o ceu!...

Ave Maria...

Coimbra, 912.

: MARQUES DA CRUZ :

BONS SENTIMENTOS



— Oh! meu senhor, dez réis para matar a fome!
— Oh! mulher! matar é sempre um crime!

DESENHO DE BALHA E MELLO

Canção das Pedras das Ruas

APERTADAS, comprimidas,
Enfileiradas e nuas,
Assim passam suas vidas
As tristes pedras das ruas.

«Por entre sonhos de fadas
Só temos a nossa dôr;
Sômos as sempre pizadas,
Já ninguem nos tem amôr.»

Bátem carros de aluguer
E passam em correria...
Dizem ellas a gemer:
«Pão-nosso de cada dia».

A passo, pesadamente,
As mulas, — que vida amarga!
Arrastam com ar dolente
Longas carroças de carga.

E as tristes sempre pizadas:
«Já ninguem nos tem amôr...
Por entre sonhos de fadas
Só temos a nossa dôr.»

Se soubessem que saudade...
— Ai que saudade tamanha!
Vivia-se em liberdade
Lá nos altos da montanha.

Saudade — que doce enleio!
Recordações do passado...
Entam achavam-no feio,
Agora é todo doirado.

Quando passam quase a mêdo
Pésinhos do meu amor,
Dam-lhes louvor's em segrêdo,
«Alivios da nossa dôr.»

S. Pedro de Muel, 1911.

: ACACIO LEITÃO :

:: O RANCHO ::

Por volta das tres da manhan, entram as buzinas de pôr álerta toda a malta do rancho.

Com estrelas ainda no ceu quasi, a bem dizer, se não enxerga o trilho dos caminhos!... Mas do quartel do rancho, lá riba, ao olival, é quasi uma hora de caminho e enquanto a malta abanca á comedoria e se aprompta, mal tempo ha de pegar no trabalho ao sol nado. Vá vêr! E o grito do rancheiro obriga aos ultimos bocêjos, a enterrar, á pressa, uns pés insensibilisados a crôsta nuns sapatos cardados á serrana e enquanto os homens apertam os safões e as mulheres, persignando-se, ageitam a capucha d'estamenha, a cosinheira arreda as panellas do lume e dá prompto o primeiro quartel do dia. Rapidos, engrolam uma berumdanga fedendo a vegetaes fervidos e, roendo ainda a codea de pão milho, ergue-se tudo e á voz do rancheiro, cestas nos braços, varjões ao hombro, encaminha-se para o olival o rancho da azeitona.

Transidos, marcham como uma fila de sombras pelos carreiros dos olivaes.

A treva, a pouco e pouco, vae parecendo mais fria e densa, té que prás bandas do Oriente uma meia luz dada em crepusculo de nave, vae-se ás coisas recompondo as atitudes.

Uf! O frio coagula o sangue nas veias, vem pla encosta abaixo um arsinho tal, que se enrosca aos corpos como serpentes de gêlo, mordendo as mãos e as orelhas onde as frieiras começam a gotejar rubis, retalhadas como por uma navalha por este amaldiçoado frio das madrugadas de Dezembro.

E a marcha segue, num silencio d'enterros, sem graçolas e sem cantos, só algum, mais folgazão, se atreve a um dito que não encontra eco; lá por vez, certas cantigas vão soando, que são gemidos quebrados em soluços e, se acaso, as vozes soam, unisonas, é um *bemdito* que sobe aos ceus, numa uncção de morte, e, a pouco e pouco, todas essas boccas religiosas vão ungindo a noite de terror e respeito... As arvores teem gestos de pedintes, ha ecos de resas perdidos nas levadas, as estrellas tremem como luzes de cirios fugidos, chorando a terra, em volta, as comas dos pinheiros ficam em extase, suspensas, e as vozes vão subindo, num *crescendo* devoto, na mais desolada harmonia que se poderia erguer no silencio d'aquella hora, enquanto lá longe, a luz — as vozes morrendo num gemido — vem pelos montes descendo, descendo.

Amanheceu. Vão chegando ao cimo do outeiro, mas a apanha começa, lá baixo e vem, ladeira arriba, para o mulherio, mais facil, apanhar o bago. O rancheiro, esse lá vem atraz pra fazê-las voltar, tanta vez, quantas seus olhos lobrigam, esque-

cido, algum baguito a mais. Toca a estender os panos, os varjões erguem-se no ar e ensaiam as primeiras varjoadas. O frio entorpece e a primeira hora de trabalho é um flagello d'escravos.

As mãos mal sustentam as varas e as oliveiras batidas teem sons doridos; vá, avarjando, avarjando bem, mas mão leve que as arvores castigadas já deixam em desejo a colheita seguinte e d'entre a folhagem sacudida, avarjando, as azeitonas vão cahindo como enormes lagrimas escuras. Vá, trabalhar rapido a vêr se aquecem; os rostos teem vincos rouxos e as maxillas chocam-se de frio, amaldiçoada hora, alguns sujam de sangue os varjões, rebentadas as frieiras, rogam-se pragas que ficam no ar, como nodoas, as mulheres mal juntam os dêdos e os bagos cahem-lhes das mãos; ainda quentes do seio das mães, pobres arveolas tostadas, algumas, pequenitas, ficam tolhidas e não logram cobrir o fundo á cesta.

Deus se amerceie de nós! as mais velhas pegam-lhes nas mãositas e dão-lhes, num halito, uma especie de beijo do seu sangue, a ver se aquecem, mas o frio cada vez é mais e, por arte má, o nevoeiro cahe agora num chuveiro d'agulhas que lhes mordisca a pelle, numa impertinencia perseguidora e as pequenitas, abandonadas as cestas, perdido mais um quartel, choram.

O nevoeiro... Já era de tempo de romper, mas qual? E, á uma, os homens olham o sol que o nevoeiro exilou apagado, miseravel, uma mancha lactea subindo no espaço chorando menos pela luz que já nos deu do que pelo insulto dos nossos olhos.

Manhans de nevoa onde os olhos do meu paiz leram mysterio e esperança!... Que nós todos, talvez pelo muito que descobrimos ainda hoje esperamos a vinda do Encoberto... que aplicado á coisa publica o mal não está em se esperar a vinda do Encoberto, está em se soffrer as descobertas que se não esperam.

A nevôa agita-se. Vae-se rasgando e voando em teias d'oiro e agua, finissimas, enquanto, lá deante, a luz vae dando aos cimos uma demão d'um fulvo agoado.

Lá baixo, o val echoa de chocalhos na abundancia biblica dos rebanhos. De sobre o rio, a nevoa vae erguendo-se como um docel de nevoa, a sumir-se, e o rio surge todo em luz, como em bossana de fertilidade, já arrogante da invernia e por todo o vale, por todo o rio perdido em longos egypcios, os olhos esquecem-se num langôr sonhante prenhe de desejos.

O Tejo esconde-se, lá baixo, por detraz da encosta e surge, lá deante, manchado de barcaças, que a cheia, ainda mansa, largou agua abaixo, agua acima, numa actividade evocadora e olhando a paysagem, lá longe, té perde-la em telas esfumadas a côr vae desmaiando em curvas sensualissimas. De certo ponto se-

guindo o olhar, são vinhedos e pinheiraes espaçados por planicies retalhadas em courellas de cultivo vario, casaes espalhados por toda a região, vastissima, notas de paysagem que são canções á Vida e á Força, a estuar de seiva, e acolá, mais em demora olhando por sobre a região beirã, adivinham-se as velgas e os carregos correndo entre os montes severos, d'uma concentração de mysantropo, emquanto que, mais ao sul, seguindo as linhas marginaes do Tejo a luz e a côr já ensaiam rithmos entre melodico e barbaros té que, mesmo em frente ao meu outeiro, toda a paysagem se alonga numa melodia orgiaca.

Um sol d'inverno poereja agora os montes d'um azul esvaido.

Os corpos dilatam-se a uma tepidez enlanguescente. E' o inverno meridional, cheio d'azul e de sol, com sementeiras a florir, terras revolvidas no labôr angusto das lavouras, quedas d'agua, a rir de luz, espraiadas pelos campos como se fossem a propria voz da terra, correndo lentas, a cantar. O meu rancho desinvolto agora á luz do sol, já enche o espaço d'uma harmonia barbara, especie d'orpheon selvagem erguido ao sol, num religiosismo de parse, a dar expressão artistica em certas toadas — gente d'essas terras beirãs onde se aninham padres, como em viveiros —, as dolencias viscosas do cantochão por seculo bebidas e conservadas, religiosamente.

Soam os varjões, batendo os galhos das arvores d'entre a algazarra estridula da malta. As arvores estremecem, doloridas, os bagos rolam, n'um chuveiro, cahindo d'alto em reflexos de pupilas nêgras. Não ha faina, que mais dôce corra ao povoleo dos campos que a apanha da azeitona correndo assim em tempo secco e amainado. Mas por estes dias de Dezembro não ha fiar no sol. N'um repente, o azul alastra-se de nodoas pardas e um chuveiro soprado por tufões malditos põe em debandada miseravel os pobres que só na fome irão sentir o exilio do trabalho.

E' então que, restos d'uma chuva que a terra já não bebe, os charcos ficam á flôr dos campos, olhando o tedio suicidante das tardes sem crepusculo.

As planicies alagadas, todo um ceu escandinavo, absurdo, cahido pelos charcos n'um liquido cinzento, mysticisam a paysagem desmundanisada até á dôr.

E a gentaina do rancho, sob as vergastadas liquidas da invernia, deixa que a sua carne absorva, até aos ossos, bategas e bategas, antes que peior tempo obrigue á perda dos quarteis...

. . . . . .

. . . . . .

Alferrarede — Dezembro de 1911.

: ARTHUR RIBEIRO LOPES :

:: NORTADAS ::

Ó folhas caídas tam antes do outono
Do meu arvorêdo,
Que vento de morte vos pôs ao abandono
E ainda tam cedo?
Roupinha dos frutos que vi a crescer
E agora despidos!
Ai folhas, ai folhas que andaes a varrer,
O' fructos perdidos!
O' vento, caluda, não sopres tam forte
Nas folhas do ar;
Eu quero que as folhas me cubram na morte,
Contigo a resar.
O' barcos á vela que andaes pelas ondas,
Sem remos nem vara,
Colhei estes ventos que é tempo de mondas
E morre a ceara.
O' rude ceifeiro que esperas colheita
De timidos grãos,
Não vês que a seára já toda se deita,
Não ergues as mãos?
Moleiro, tam de alto, não cantes na cama
Que o vento, se ouvir,
Faz tiras das velas, sacode-as na lama
E põe-te a pedir.
Barqueiros dos rios, vá fóra tambem,
Não vêdes? Ouvi-me!

Olhae como o vento de rijo vos tem
Os mastros num vime.
Não deites foguêtes, não deites, bem vês
Alegre festeiro,
Que o vento destomba-os e podem talvez
Pôr fôgo ao palheiro!
Pastores da serra dizei Padre-nossos,
Cuidado, cuidado!
Que os ventos de março retalham os ossos
E matam o gado...
— Meus olhos quebrados só vêem tormentos,
Visões, despedida!
Que ventos de morte, que abraços dos ventos
Nas lutas da vida.

Verride — Convento d'Almeara, 1911.

: JOAQUIM D'ALMEARA :

:: DOS NOVOS POETAS ::

IMPRESSÕES

Na *Légende des Siècles*, deixou Victor Hugo este verso enorme: «Un poète est un monde enfermé dans un homme».

Pois apesar da sua enormidade, estou que o proprio Hugo o encontraria hoje pequeno para com elle definir alguns dos actuaes poetas portuguêses, tal a ansia estuante de Infinito que perpassa atravez da sua poesia.

E se não fôra o misoneismo intellectual, panchorramente regido pela batuta calina de certos emporéns da critica, a peganhar o nosso publico que lê á poesia dos tempos combativos de Junqueiro — sublime sem duvida, mas decididamente avósinhada pela presente vigorosa geração de poetas — certamente ninguem deixaria de reconhecer uma desatremada pequice ao ver extremar apenas um poeta d'entre os *mortiços chorões invernaes da lusa poesia contemporanea* — epitheto que as comichões satyricas do auctor de *A Mascara* lhe sugeriram para poetas, que, na decadencia fatal em que este povo de tresmalhados e ribaldos aos tropo-galhopos se vae arrojando, são uma alta, imperativa affirmação de grandeza e a unica esperança de que hão-de resurgir, para uma nova vida exuberante e fecunda, os descendentes d'aquelles heroes com cujos feitos já se creou uma das tres ou quatro grandes epopeias, que assignalam na Humanidade os povos superiores.

Por isso se me afigura de uma necessidade urgentissima preparar, no espirito do nosso paresiado meio intellectual, a receptividade para uma poesia que contem germinaes tão promettedores, sacudindo-o da morrinha rhetorica das velhas tiradas revolucionarias e annunciando-lhe a Boa-Nova que vem gerar um outro Credo n'um outro Ideal da Vida.

*

Os poetas da actual geração, essencialmente constructiva, sucedendo logicamente aos demolidores, apresentam-se-nos cheios de Fé e com a alegria dos enthusiasmos creadores que animam todos os prophetas.

Cantam e falam aos corações em rajadas de emoção, que nos alagam de enternecimento por tudo... porque com elles tudo vive:

«O ser indifferente não existe
Quem não ri ou não chora é sombra triste
Sómente a commoção nos faz viver»

diz-nos um d'elles, Teixeira de Pascoaes. E é que adivinham vidas occultas, longiquas, primitivas, completas, que nós nunca presentiriamos... e tantas que martyrisavamos na cegueira bruta de incons-

cientes; por vezes são revelações que transfundem duvidas excruciantes em consoladoras certezas, revelações de gestos, falas, movimentos, physionomias, corpos, almas... O universo povoa-se de sêres, nos desertos tumultuam vidas, nas solidões formigueiram creaturas, com uma bondade infinita a ungir todas as coisas: os pincaros das mais asperas montanhas são mãos postas da terra, em prece de mãe ajoelhada, a orar pelos seus filhos — os Homens — que lá andam expiando o crime de a terem renegado; dos antros escuros dos rochedos, descem olhares, dôces como bençãos, ternos como afagos, a perdoarem-nos a offensa de os não termos entendido; as florestas, que nos enchiam de supersticiosos terrores, aparecem-nos agora como aconchegadinhas procissões de monges, levantando psalmos religiosissimos ao amor, todo feito de antigos odios, em que hão-de commungar todos os entes, no dia em que a verdadeira vida a todos nos unir; as aguas, sangue da terra, lá vão, rezando tambem os seus canticos de frescura vivificante, a afogar no Padre-Oceano todas as lagrimas do Mal que as coisas e os homens choram, para que este arrependimento os purifique e divinise, absolvendo-se de passadas culpas que um tôrpe entendimento da vida lhes fazia conceber.

N'esta continua permuta de sentimentos, quantas vezes encontramos nas vozes das coisas exteriormente silenciosas, os carinhos maternos de que carecemos para dôres que o tracto dos homens só nos exaspera mais e na apparente rudeza das fórmas, o regaço amoravel a offerecer-se-nos para embalarmos sonhos que o aleivoso cynismo dos scepticos *up to date* lambusa de rinchavelhantes remoques e picaras pecuinhas.

Agora, toda esta religiosidade cantada, percebida, mas sem os jeremiacos threnos de lamentações d'aquella velha poesia, que adrêde se empenhava em perseguir motivos tetricos, acabrunhantes, a fim de nos representar este mundo como um vale de lagrimas, a que tinhamos vindo anathematisados não sei por que megericas divindades, bodes-expiatorios de não sei que originarios crimes, que faziam de cada homem um galeriano perpetuamente amarrado ao pelourinho da vida.

Tambem se não topam vestigios d'aquelle satanismo enraivado, com que Baudelaire se envenenou, constantemente atormentado pelos guinchos güiados de Satan a resbunarem-lhe aos ouvidos, até ao ponto de não ver no homem mais do que um titere, pinchando a gosto da felonía diabolica; e ao seu verso degradante: «C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!», em que se condensa todo o seu aziumado pessimismo, podemos, em Teixeira de Pascoaes ainda, contrapôr estes sublimes alexandrinos, que definindo o homem, o fazem um reflexo de Deus

e lhe deificam as acções: o homem que soube comprehender-lhe o sentido e todo o valor; por isso nos ensina a ama-la com toda a profundeza de que o homem tornado Deus é capaz, a prescrutar-lhe os mais mysteriosos segredos, iniciando-nos em contemplações em que desvendamos esses ineditos que vêm dessedentar-nos, na febre esfusiante que consome os nossos espiritos mordidos da ansia - labareda de verem sempre *novo e mais longe*.

E a alegria com que os nossos poetas criam?!

A alegria de viver é um dos pontos de partida da moderna poesia portuguêsa; aquella alegria, que levou Ibsen a pôr na bocca de Owald Alving palavras de maldição contra seus paes, porque o haviam dado ao mundo impossibilitado para a gozar e que a Stelio Effrena faz exclamar

«E' a sombra de Deus e a sombra do Amor!
E como sombra segue o corpo que a projecta...»

A modos que temos uma poesia moralmente dignificadora a alçapremarnos da secante estagnação em que nos haviam abochornado zonzas theorias, macabras, nirvanicas quasi, nas quaes só havia duvidas, a inerciarem todos os esforços, todos os voluntariosos temperamentos, latejantes por desabrocharem em rubras flores de sementes procreadoras.

N'ella a vida é acceita como uma offerta divina, que nos obriga a vivê-la, inteira sim, mas sem a desperdiçarmos, passando vãmente por ella ou acroiando-a, e dentro de uma moral nobilitante, penhor a que todo o homem está sujeito como prova de

: : COIMBRA : :

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

O POETA: — O' choupo esguio, tisico, mirrado... DESENHO DE CORREIA DIAS

com todo o calor de que a sua alma de fogo era capaz: «Crear com alegria! eis o attributo da Divindade. E' impossivel imaginar do alto do espirito um acto mais triumphal...» aquella alegria dir-se-ia que é para os nossos poetas d'hoje o mais suggestionante ex-libris, como que um dogma, e que todos elles andam apostados a ver qual mais amplamente lhe obedece.

E então é ouvir:

São versos-clarins, que, n'uma gárrula orchestração archi-doida, nos gritam a estridente alegria que esposteja em todos os seres, em todas as coisas do Universo pela suprema graça de viverem, soltando pelo espaço as semconta notas metallicas que dos corações a rir dos nossos poetas partem vertiginosas, em flexa, em raio, como vôos de tréfegas andorinhas, gyrogyrando aligeras nas gavrochadas tumultuosas dos primeiros dias de alleluia da primavera!

São estrophes-poemas, que nos transmittem hossanos em que se escutam orféons a fazerem vibrar, na instrumentação colossal dos seus milhares de vozes, todos os raios-cordas que do Sol irradiam para todos os mundos, onde vão levar, com a sua luz hallucinatoria e o seu calor espertante, os hymnarios de alegrias que marulham nos peitos musicos dos nossos poetas!

São poemas-operas, em que os córos timbalicos, estralejantes nos atordoam n'uma volupia de som, a percorrer-nos os nervos em telegraphias de vae-vem, que todos se desfibram a milpartirem-se dolorosamente, para n'um relampago se apegarem de novo com um embate forfeligante que nos contorciona, nos hysterisa, provocando-nos verdadeiros jogos-de-pela de crispaturas, de alácres sensações — poemas-operas traduzindo a sensibilidade delicadissima dos nossos poetas, que é fatal ter de vibrar perante todas as fórmas, todos os sons, todas as expressões de todas as coisas, que todas lhes sorriem, a elles que as sabem comprehender, a supplicarem-lhes que digam aos *outros*, que só por uma lingua intendem, que ellas tambem vivem e vivem com enternecimento bemdizendo e abençoando a sagrada alegria de viver!

Assim, tudo o que existe tomando uma commovida significação aos nossos sentidos, a vida amplifica-se e sente-se uma agonia de querer abraçar o Infinito.

Fecho agora o pensamento com que comecei o meu artigo: depois de ler os nossos poetas de hoje, direi paradoxalmente sem duvida, mas sem receio de exagerar e sem a fatua pretensão de fazer apenas uma phrase: «O Poeta é o Infinito encerrado n'um homem».

Coimbra — Maio de 1912.

: ALBERTO FELIZ DE CARVALHO :

Ante-manhã

ANTE-MANHÃ: Anda o luar sosinho...
E com mêdo que rompa a madrugada
Já se vae retirando de mansinho
Pelas portas da Noite abandonada.

E sentem-se no longe confundidas
Vozes vagas que a aurora diz do além...
E o éco das palavras colorídas
Faz perguntar ás almas a que vem.

Ha galos a cantar... Voz repassada
D'amplidão a chamar pela alvorada...
E ella responde colorindo a serra.

E as sementes sentindo a luz nascente
Dizem palpando a leiva espertamente:
«Como está fresca e tam mudada a Terra!»

Coimbra — Abril de 1912.

: AFONSO MOTA GUEDES :

:: ODE ::

A Gabriele d'Annunzio

Il colonnello Moccagatta, commandante del 4° fanteria, che come è noto, ebbe una parte cosi gloriosa nella presa di Bengasi, ha mandato a Gabriele d'Annunzio questo telegramma:

«Caserna Berca (Bengasi), 19-11-1911.

«Nel trigesimo della presa della Berca e dinanzi alla vecchia bandiera sfiorata dal bacio del glorioso vostro canto, noi, del 4° fanteria «Piemonte», gridiamo un *urra* a voi, sommo Poeta suscitatore di sacri entusiasmi, anelanti di poter un giorno riporre nel cofano della nostra bandiera l'Ode vostra, da voi firmata.

«Colonnello Moccagatta».

Com o machado rude o lenhador cortou o lenho, abalando o roble; e o golpe ecoou pela floresta silenciosa. Com o duro escôpro o afeiçoou; e alçando o martelo na solidão da praia, do lenho barbaro fez o esqueleto da nave. Com o seu impulso a nave audaz se baloiçou nas sacras ondas do Adriático. E como as ondas eram filhas de Neptuno, cantando-lhe odes navaes do tempo antigo, a nave fez-se imperatriz das ondas, com brados de latinos nas enxárcias e aguias romanas dominando os mastros.

Por sobre as aguas é um cisne lento, absôrto na sua propria nobreza; e leva á prôa uma Vitória, de azas abertas sobre o mar.

E' fresco o vento na quilha; os remos poisam em ritmos helenos; e a marinhagem canta. Canta o fogo de outros peitos, uma outra nau cortando o mar com uma quimera alada olhando a terra, um leão rompente em campo todo azul, velas abertas, e uma lôba amamentando dois infantes...

Vozes de lavradores tangendo os bois, arando a terra, cantos de moças descendo as colinas da margem, odes nas almas dos marinheiros, — e os cavalos de Febo, surgindo fogosos da outra banda dos montes, jorrando azul sobre o mar...

Inflam os panos, e no roteiro da nave ha flores de espuma, sôpros de ninfas marinhas ciciando tentações do além aos flancos da Vitória.

No calmo azul da baía, as velas abriram tanto o seu vôo que parecem tocadas dum vasto sôpro da terra que agitasse a terra inteira!

O' marmores sagrados da Cidade! triunfos adormecidos a sonhar nova grandeza! Nas vossas veias acordam estrupidos de legiões em longas vias romanas. Na praça deserta e hirta, onde a memoria sussurra falas de heroes e a brisa do crepusculo perde entre as colunas um manto branco, ha gritos barbaros; exercitos em tropel desfraldam aguias, litores afastando o povo, cavalos espumando... Acordai, poentes de Roma, com sombras de

:: ODE ::

Imperadores falando só no escuro, togados de purpura!

E nos colossos de marmore, as veias são cordas de lira cantando sobre os heroes, num firmamento a arder, conquista e gloria.

*

Em Alcacer-Kibir, sobre o campo da batalha onde a morte estendêra a aza, o vento do deserto tangia as violas em longos, saudosos ais. Corpos de moços aventureiros, á baça luz da manhã, rimaram os longes com as vestes de veludo; era a côr das vestes tão viva no seu garbo que a Morte toda a manhã a adoçára numa neblina extasiada que se sentia e não via. Nas suas carnes gelou o leite da madrugada; e mais alto, nas veias, o sangue emudeceu.

Ao largo vento do deserto as violas gemêram...

Lembravam aquele garbo de moços, a mocidade das côres do seu gibão, a fidalguia do arranque, sofreando o ginete. Choravam a mocidade das vidas, o infinito dos seus olhos vagos, cheios das ondas do Mar das Indias, o sangue orgulhoso de se altear nas veias, desenhando conquistas e procelas.

No largo vento do deserto as violas tangêram...

Soltavam a saudade melancolica das coisas esmaecidas no campo, onde nem bulia a aza o silencio adormecido.

Com o largo vento do deserto as violas morrêram...

*

O' Poeta: que o teu canto seja o rubro grito das trombetas agitando a terra e as legiões. Que ele seja o sangue duma nação, florindo pelos jardins das arterias. Em brados de metaes, bôcas de exercitos em marcha, povo aclamando,—que inflame o coração das estatuas de bronze, e os Heroes libertadores no pedestal da sua gloria ergam o braço para o cantar.

Que a tua raça o erga tão alto, tão fundo o sinta, que na Lôba do Capitolio tu fiques eternamente sugando uma das têtas e eternamente sugue a outra o povo teu irmão.

Facho ardente e imortal, que passe de mão em mão; e nos anos de paz e da abundancia, numa clareira de bosque sagrado, entre estatuas e mirtos com grinaldas de festões correndo os plintos, que a tua terra seja um loiro adolescente e o teu canto o corôe de rosas.

Que a tua raça não sinta a saudade das violas,—ó Poeta suscitador dos sacros entusiasmos.

Lisboa — Dezembro, 9-1911.

: VEIGA SIMÕES :

: CREPUSCULO :

ONDA do mar na barra... Enorme vaga
De terra e ceu vejo o horisonte raso.
Nas minhas mãos, em concha, o mar afaga...
E em flôr ao peito ponho o sol-do-ocaso.

A' saudade, como em êrma fragua,
Deitou-me a velha-raça ao abandono;
E náufrago chorando á beira d'agua
Meu coração é um casal no Outono.

Noite caïndo a um rumor de aldravas...
Crio meus versos quando o fim da tarde
Dá espasmos de volúpia ás rosas bravas;

Ou ha gritos de espumas em cachôpo
Onde o sol cae no Mar... e lívido arde
A' lua-cheia êrmo perfil de choupo.

Casal do Sol-posto, 1911.

: AFFONSO DVARTE :

: INSCRIPÇÃO :

Sem fé no Amor, busquei por outra parte
com que justificasse a minha vida
e então supuz que apenas na minh'Arte
encontraria a Terra Prometida.

E dei-me todo, até ao mais profundo
do sêr, áquela inédita Ilusão.
E o fôgo que abrasou meu coração,
só, bastaria p'ra incendiar o mundo!

E eu fui grande, eu fui belo, eu fui leal,
emquanto o fôgo em mim não se apagou!
Tive a espada na mão... Mas, afinal,
foi contra mim que a espada se voltou!

Assim, Amigos, me falhou tambem
aquela fé!...
E, do que foi outróra,
ficou apenas este Livro e Alguem
mais orgulhoso e triste do que fôra!

Coimbra.

: JOÃO DE LEBRE E LIMA :

A «TERRA DE SOL» E OS «SOES» DA CRITICA...

Meu caro:

QUANDO me despedi, deixando-o lá para os longes da estuante planura alemtejana, prometi escrever-lhe notificando a aparição de qualquer novidade literaria.

Mal pensava eu que, logo na primeira carta, teria de falar dum livro novo, feito de coisas velhas, que, á força de repetidas e pessimamente versejadas, entraram de rustilhada no dominio das banalidades.

Nos ultimos dias de abril apareceu á venda um livro de versos, *Terra de Sol,* e logo a imprensa, esmagada pelo peso do planeta e ofuscada pelo brilho do astro rei, erguendo esfusiantemente os braços louvaminheiros, enregou a entoação daquelas lôas de secular memoria, que tão perniciosas foram ao corvo da fabula. Verdade seja que os tempos mudaram e, se não ha razão para lamentar o ludibrio dos ingenuos, motivos sobejos nos levam a sorrir, desdenhosamente, do raposejar desses *homens de bom saber,* como dizia o bom *Gil dos aitos d'el-rei.* Hoje poder-lhe-êmos chamar como Larra, *hombres-liquidos,* que como liquidos tomam a forma do vaso recepiente. Passou vagamente pela ideia do autor dar-nos uma serie de contos ingenuos e mimosos, celebrando a beleza mimosa e ingenua da sua aldeia mãe. Em má hora tentou a concretização daquêle pensar delicado. Confundiu ingenuidade com banalidade, amôr com pieguice e, consuantemente, deu-nos um livro banal e piegas. Nada ha n'êle que o recomende. Nem os vôos desabridamente ousados dum artista que começa ao revigorisar da vida, cheio de ilusões e esperanças, sedento de fascinações de luz, de modalidades novas, nem uma leve imagem dessas catarátas d'oiro que Abril despenha sobre as ondulações arrepiadas da Beira, nem o uivar agonico dos pinheiros lá plas estiradas noites invernosas, nem plo S. João, o azorragar das labarêdas, erguendo-se em curvas de serpente aeria, debatendo-se na asfixia duma atmosféra em braza. Muito esqueceu o joven *poéta* e o pouco que aproveitou, viu-o atravez dum vidro mascarrado.

E foi esta obrinha, meu caro, que por aí fez o sarrabulho estrondôso... Parecia tratar-se da aparição do tal supra-Camões, anunciado pelo S. João Baptista de *A Aguia.*

El mundo todo es mascaras!...

A *Terra de Sol,* como a pedra perturbadora da serenidade do lago, ergueu á superficie a porcaria jazente nas alfombras limosas do fundo.

A critica! A opinião publica! dirá você admirado. — Ora valha-nos Deus... Ponhamos de banda o livro que se afundou como a pedra e ajuizêmos do vigor das ondulações

circulares que o embate provocou, analizêmos a sugidade aflorada ao lume d'agua entre o estalejar de bolhas lividamente amarelentas como escarros e arregaladas como olhos de sapos. Repare você: E' a mesma critica, que pascaciamente embasbacou perante o *gágáismo* alambicado do sr. Dantas, ingente fazedor de coisinhas num acto que, lamentavelmente, teem consumido a energia dos nossos bons actores. E esta imprensa, recomendando com espalhafato a leitura de entibiamentos fantis, aonde borbulham conceitos de arte pata-de-boi entre modalidades novas do ridiculo, tem contribuido desalmadamente para o alheiamento do publico, que, ao virar a ultima pagina se considera roubado. Hoje para desarmar o critico não é necessario o auxilio do vil metal, tem avonde a sabujice duma dedicatoria louvaminheira. Mas estas coisas não se dizem, embora muitos as pensem.

Chegámos a tal estado de mentira e desvergonha que a verdade irrita, desperta torrentes de ira, diluvios de bilis, cataclismos de excomunhões. E' o ferrão esbrazeado esfatalhando a volva da bostéla, entre o chiar dos tecidos e o cuspinhar de liquidos deleterios, a alma das coisas podres. O nosso orgulho, meu caro, será, pla vida afora, um grito de desafio aventado ousadamente ás barbas desses fazedores de genialidades improvisadas e a hombridade e regidez de espinha o testemunho berrante da nossa intranzigencia.

Se tivermos merito triunfaremos desassombradamente, se errarmos a vocação seremos uns vencidos de memoria honrada, nada devendo a esse enxamear de criticos que de ha muito pede *tripeça e dignidade*.

Coimbra — Maio de 1912.

: GARCIA PVLIDO :

Recebemos e agradecemos:

REVISTA DA UNIVERSIDADE. — O 1.º numero d'esta Revista, apresenta-se em grande e grosso formato, bem impressa e com variada colaboração.

Entre os assuntos tratados tornam-se dignos de nota, um artigo filologico do Dr. Gonçalves Guimarães, o principio de um trabalho do Dr. Antonio de Vasconcelos sobre Braz Garcia de Mascarenhas, notavel como reconstituição historica, e um outro artigo do Dr. Costa Lobo sobre o eclipse. O mesmo senhor Dr. Costa Lobo começou alem disso a publicar na Revista, á custa da dotação da Universidade, umas *sebentas* de Astronomia elementar, que decerto hão de ser muito apreciadas d'aqui a alguns mezes pelos seus alumnos.

RISADAS. — Versos de Santos Galvão, edição da Livraria Neves, de Coimbra.

TERRA DE SOL. — Versos de José Coelho da Cunha.

TISANA DEPURATIVO ASSIS

Segundo o processo de Faro

Preparado por

F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opéra com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funccionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus effeitos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, augmentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o peso dos doentes. N'este preparado outra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix neat, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1$000 réis

DEPOSITO GERAL

DROGARIA FALCÃO

42, R. Nova da Almada, 44 — LISBOA

CARICATURAS E DESENHOS

CARTAZES ✿ VITRAES ✿ ✿ CAPAS DE LIVROS ✿ ✿ PASTAS ✿ ✿ EX-LIBRIS ✿ ✿ PIRO-GRAVURA ✿ MOVEIS ✿ ETC.

P. M. Assis

COIMBRA — L. da Feira, 16

LIVRARIA NEVES

EDITORA

COIMBRA

Trata de todos os negocios universitarios e está apta a satisfazer qualquer encommenda de livros ou outras publicações nacionaes e estrangeiros.

TYPOGRAPHIA
DO
Annuario Commercial
PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA
A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ
Telephone 1239 — End. teleg.: MISSILVA
Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo
27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5
LISBOA

CENTRO DA MODA
GRANDE ATELIER DE ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

J. M. Mendes d'Abreu

E' um habil contramestre com larga pratica de côrte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de mais moderno em objectos de fantasia, não se innumerando pela sua diversidade.

Vende a retalho por preços sem competencia

ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCOS DE PORTE

COIMBRA — 64, Rua Ferreira Borges, 68

A RAJADA

COIMBRA
JUNHO
1912 N.º 4
SERIE I.ª

REVISTA DE CRITICA DE ARTE E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTHERO DO QUENTAL 2 PROPRIETARIO E EDITOR: MOITA DE SOUSA 2 ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA 2 SEC.: MARIO VIEIRA 2 COMPOSTA E IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL 2 PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 2 LISBOA

DEPOSITARIA: LIVRARIA NEVES — COIMBRA

PREÇO 100 REIS

Sumario do N.º 4 — 1.ª Serie

CAPA POR CORREIA DIAS

Oleiros de Miranda — Por *Vergilio Correia* 1
Soneto — Por *Augusto Casimiro* 8
Matinal — Por *Manuel Eugenio Massa* 9
Libro della mia memoria... — Por *Veiga Simões* . 10
A sementeira das aguas (Lenda) — Por *Joaquim d'Almeara* 15
O maltez — Por *Garcia Pulido* 17
Elegia da Miseria — Por *Marques dos Santos* 23
Em pleno exilio — Por *Joaquim Martins Manso* 25
Do «Romanceiro das aguas» — Por *Affonso Duarte* . 28
Lua-Nova — Por *Affonso Duarte* 30
Livros — Por *Estevam Correia* 31

DESENHOS

Argelina e Tangerina — Desenho de *N. Barradas* .. 14
Christiano Cruz — Desenho de *Correia Dias* 18
Imperio — Desenho de *Almada Negreiros*.
Coróas e flôres artificiaes — Desenho de *Christiano Cruz*.

VINHETAS POR CORREIA DIAS

GRAVURAS DE PIRES MARINHO E MIRANDELLA & IRMÃO

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.

E' respeitada a ortografia dos collaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias ..... **600** réis
Brazil, assignatura directa. **2$500** »
Numero avulso ..... **100** »

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Sempre illustrados, sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1	pagina	6$000
1/2	»	3$500
1/3	»	2$500
1/4	»	2$000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annunciantes» podem contar com mais folhas que serão adicionadas quando necessarias.

TYPOGRAPHIA
DO
Annuario Commercial
PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA
A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ
Telephone 1259 — End. teleg.: MISSILVA
Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo
27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5
LISBOA

N.º 4 : COIMBRA : JUNHO : 1912

[illegible]

DIRECTOR LITERARIO: :EDITOR E PROPRIETARIO: :DIRECTOR ARTISTICO:

: Oleiros de Miranda :

MIRANDA do Côrvo é uma pequena e modesta vila distante umas quatro leguas de Coimbra para o Sul, situada nas faldas e na encosta de um monticulo que um castelo encapuchou em tempos passados, desde a tomada definitiva da povoação aos mouros no seculo XII, até que desapareceu quasi sem deixar vestigios em epoca indeterminada do seculo XVII. Servem de fundo pouco afastado á terra pelo Norte, montes abruptos cobertos de pinhal e mato, que se levantam rapidos, sem escalada visivel, por detraz do castelo e seguem depois em grandes linhas de batalha até ás aguas do Mondego; banham-lhe os pés das casas e os alicerces da velha Camara — junto á qual um pelourinho ficou mostrando as suas figuras delicadas, nitidamente cortadas na pedra alva de Ançã —, as aguas reunidas do Dueça e do Alheda; abrem-lhe as janelas amplamente sobre a chan enorme da *gandara* que lá tão longe transformada em *varzea* se quebra de encontro á massa pesada das serras da Louzã, cujas lombas sucessivas tapam todo o horisonte a Este e ao Sul. Situação natural de fundo de caldeira, onde o sentir e palpitar do mundo dificilmente chegam; posição fadada para o desenvolvimento de uma pequena vida propria, para a formação de um pequenino mundo áparte, onde a produção e o consumo tivessem por certos e unicos agentes os habitantes do Termo.

Miranda do Côrvo, do Côrvo

desde meados do seculo XVII, d'apar de Podentes, anteriormente, — ainda no foral dado pelo rei Manuel em 1514 —, sustentava-se dos seus campos de milho de regado, das suas pequenas industrias regionaes, das varzielas dos seus riosinhos em cujos nomes andavam apelidos de fidalgos, senhores das terras por onde corriam. Vivia da industria da tecelagem caseira do linho, prolongamento da que florescia numa zona que vinha dos lados de Coimbra por Castelo Viegas, Almalaguez e Lobazes; da fabricação de estamenhas, aproveitando as aguas turbulentas do Dueça — rio d'Eça se chamára ele em tempos em que a familia dos Eças possuia as terras todas que a sua corrente banhava, e enchia os vizinhos conventos de Semide e de Lorvão de abadessas devotas e devassas —; e emfim da produção de objectos ceramicos, numa continuidade de arte rudimentar que ocupava muitas aldeias.

Em tal situação geografica, rodeada de montes, isolada da vida em frente da chan impenetravel e coberta de mato alto, onde os reis vinham, quando a côrte pousava em Coimbra, caçar a cavalo os veados e as feras, a população da vila lançou-se com convicção ás suas pequenas industrias, e saiu da terra, vendendo, negociando os productos do seu trabalho.

Naquela caldeira não entrava de fóra, senão o dinheiro.

Por muitos anos se conservou este primitivo modo de viver, até que as condições da propria vida se modificaram.

Dessa primeira fase intensa de regionalismo restam as olarias espalhadas pelo concelho, entre as quaes avultam as estabelecidas nos Bujos e Carapinhal, a uns kilometros fracos de Miranda.

No seculo XVII, o P.e Carvalho da Costa, referindo-se na *Corografia* á vila de Miranda, inseria ainda estas significativas palavras: «...o mayor trato desta villa, são oleyros...»

•

Bujos e Carapinhal são aldeiasinhas perdidas na curva mais branda da descida dos montes, e entestam quasi com a planura da *gandara*, um pouco mais altas do que ela, dominando-a ainda. Amontoados de casebres, como os de todas as aldeias nossas; casas de um só andar e sotão, pequeninas, porcas, com a alvenaria das paredes á vista entre os rasgões do reboco antigo e enegrecido; numa ou noutra habitação, dos vasos vermelhos — refugo das olarias — apinhados em taboas largas que fazem debaixo e ao lado dos peitoris de misulas toscas, cahem mancheias de flôres e de verdura.

Para quem não tem quasi um torrão de seu, o unico jardim tem de ser aquele, ali ao lado das janelas, abrigado pela linha sinuosa e esborcinada dos beiraes!

Ao rés da terra, frente ás portas

abertas, as rodas, que o barro cobriu de uma capa esbranquiçada e luzidia, esperam o movimento cadenciado dos pés nus. São as rodas primitivas, tão usadas ainda em Portugal, sem aperfeiçoamento algum. Tal como as vêmos, assim deviam ser ha mais de 3000 anos depois que um genio qualquer da idade do bronze ideou e construiu no Egito a primeira de todas. No Egito? Quem sabe se ha mais tempo ela não existiria já nessa misteriosa Asia de inventos milagrosamente nascidos e milenarmente guardados?! Aquela roda, na sua simplicidade de cousa genial, foi o agente de todas as delicadezas ceramicas futuras; causa dos vasos de Creta e da Grecia, dos *bucheros* da Etruria, dos *samios* da epoca romana, dos grés seiscentistas da Germania, dos vasos japonezes e chinezes de tão complicados e finos galbos!

Asádo

Vem o dono da oficina para o trabalho. Senta-se ante o maquinismo, e o seu pé descalço, assente um pouco de lado e fazendo carregar com mais força o dedo polegar de uma mobilidade de primata, começa a fazer girar a roda inferior e todo o aparelho com ela, com uma velocidade que se vae regularisando.

Toma agora do lado onde o tem amassado e pronto em monte, um pedaço de barro. E é primeiro sobre o prato da roda, um obeliscosinho de faces redondas levemente aguçadas coberto por uma calote semisferica... Rapidamente o polegar rasga a calote, penetra na massa humida, inclinado no gesto que entre os romanos condemnava, e começa o obelisco a abrir em taça longa, que alarga, alarga mais e mais, afina as paredes progressivamente, até ser bôjo pando de cantaro cortado a meia altura. Retirada do prato, fica de lado esperando. De novo a scena se repete, com transformações plasticas rapidissimas, e uma outra parte quasi identica se inverte e solda sobre a parte já feita, fechando e completando o vaso. As asas são simples fachas de barro que facilmente se arqueiam e ligam. E a obra fragil ainda, erguida pelo milagre da coesão das fórmas, é retirada e levada para o ar livre para secar e endurecer emquanto não chega o afogueamento da cosedura.

Está feita essa maravilhosa vasilha, tão admirada e cantada de poetas e prosadores que indissoluvelmente a ligaram á mulher e á paisagem de Coimbra: o asádo.

Depois, das mãos terrosas do oleiro, saem outros vasos, outras fórmas: talhas de colo largo e asas entrançadas, de fórmas menos preciosas, cantaras de uma só asa larga, com genealogias preístoricas, bilhas de modelos e tamanhos variados, testos e pucarinhos como só aqui ha, inseparaveis companheiros do asádo, campainhas, toda a larga coleção caseira das minusculas louças com que as creanças se adestram brincando para a vida, vasos para flôres, etc. Uma variedade grande de formas, com modelos que veem sabe-se lá bem donde e de que tempo!

E todas estas frageis arquitéturas proveem do mesmo obeliscosinho fresco e ressumante, de barro pardo!

Os productos saem das olarias todos iguaes, sem distinctivos, sem marcas nem divisas de fabrica, quasi sem arte decorativa; de quando em quando apenas, o fabricante delinía nos bôjos ainda frescos, alguns corações irregulares, amoraveis taçasinhas donde se alteiam umas plantas singelas de tres e quatro folhas. Nada de pessoal na arte: o ceramista, dessa raça de oleiros que desde o começo das eras produz obras primas sem o sonhar, numa continuidade fatal e obscura, não podendo assinalar os productos que lhes saem das mãos com a marca ilustre de uma oficina, a sua casa, contenta-se em cravar-lhe nos flancos o seu signal indelevel e eterno de oleiro e de pobre, a sua impressão digital. E' tudo o que fica pelas eras fóra da sua humilde pessoa!

Testo e pucarinho

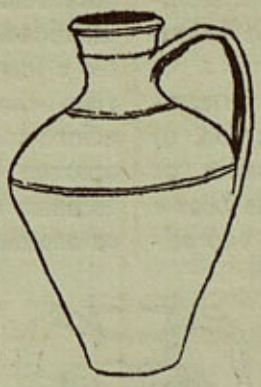
•

Todo o inverno o oleiro trabalhou na sua loja escura e terrea, aos pedaços, quando a chuva lá fóra cahía impertinente, nos intervalos da cava das terras e do amanho das searas, — que a arte só serve para ajudar um pouco a vida. Nos longos dias chuvosos e frios, a familia ás vezes emudece em volta, vendo-o trabalhar, e sem ensino, com o estudo repetido e natural dos olhos os filhos vam-se tornando tambem oleiros.

A primavera chegou por fim, com os olhos empapados ainda de nuvens, mas com menos chuveiros e pedráços, com dias que se vêem ser maiores, de mais branda sazão: é tempo de começar a correr as feiras e as romarias que com canções ao sol e á vida se dão a florir por toda a terra, desde os valesinhos perdidos nos covões das serras, aos montes altos que a vista alcança para o longe, lá onde as santas, irmãs, estabeleceram residencia em brancas capelinhas, — para ficarem sempre a ver-se apezar de separadas, — como o povo repete.

Pela madrugada, no silencio da terra e da meia treva, a familia

trata de preparar o carro dos pequenos boisinhos de olhos mansos, bois tão quietos da vida que parece fôram creados para uma paizagem assim — sem grandes campos, toda harmonias brandas — e para uma gente como esta — pobre raça de trabalhadôres cujas posses não dariam para animaes de maior vulto. Das grandes arcas onde esconderam os barros mais finos, do canto da arribana onde entre palha fulva as vasilhas descançam amontoadas, vão tirando a carga para o carro, até formar o alto cogulo bicudo que os fueiros nodosos acompanham como dedos descarnados e negros. Este resto de louça vae nos alforjes do cavalito em que as mulheres se hão de acomodar, ás pousas, nos intervalos das ladeiras!



Cantara

E começa a caminhada, por vezes de muitas leguas, metade por estradas brancas onde o carro deslisa de vagar no chiar lastimoso dos eixos, metade por caminhos de travéz, riscados nas encostas ou enterrados entre arrifes altos onde as sebes começam a florir.

Para o Alto e Baixo distrito, a louça de Miranda monopolisa os mercados pela sua barateza e boa qualidade; não ha romaria ou feira em que não apareça. Santo Antonio dos Olivaes com a sua semana de festas é um dos grandes mercados dos oleiros de Miranda; mercado especial onde se conta com o elemento estudante, mercado de cidade onde os habitantes vão comprar vasilhas para lembrança apenas, sem utilidade directa que não seja ás vezes a de quebrá-las na cabeça dos consocios, caminho de Celas abaixo, entre o vae-vem do transito e o rodar dos eletricos, que agora infelizmente estragáram de borrões amarelos aquele desfilar atardado de gente alegre que outrora era a maior beleza da romaria.

Por isso, para Santo Antonio o oleiro executa, além do seu fundo usual, cousas extraordinarias: bilhas e pucaros de formas exoticas, longos canudos á maneira das chaminés do Paço de Cintra, — a menos que não seja de almotolias de folha, obras cheias de voltas, refêgos, cortezinhos, dedadas, riscos, unhadas, etc. Imaginação de oleiro que tenta impressionar... E são as cousas que mais se vendem!...

Para esta festa tambem, os rosarios de contas grossas, grosseiras camandulas de bolas irregulares, entremeadas de cruzitas tôscas e de irreverentes, minusculos objectos de utilidade.

E as campainhas! Quem as não conhece em Portugal, de tradição

ao menos, a essas gloriosas campainhas de Santo Antonio, cuja limitada escala de sons forma o fundo de todo o ruido da romaria, trilando incessantemente, sem viveza metalica, num matracar apagado de louça contundida!

O resto do fornecimento formam-no os brinquedos de creanças, os vasos para flôres e os asádos, as talhas e as cantaras que as boas e próvidas donas de casa lá vão adquirir por mais baratas que nas olarias da cidade.

•

Entre os productos que saem das olarias do concelho de Miranda, se alguns objectos avultam por notaveis e caracteristicos da região, muitos outros entram na banalidade e no trivial do fabrico em todo Portugal repetido com ligeiras modificações. Faz-se aqui a transição para a ceramica do Sul, e nunca mais até ao fundo do Algarve se tornam a encontrar as louças negras da Beira Alta e do Minho; de Coimbra para baixo tudo são louças vermelhas, de maior ou menor viveza de côr, de maior ou menor pureza de pastas.

Pertence esta ceramica a um tipo usado continuadamente nesta zona desde a idade do ferro; tipo derivado á certa dos barros vermelhos de S. Olaya e da Conimbriga do ferro — já por si imitados da louça punica de importação — passados para epoca romana e conservados nas epocas visigotica e arabe, até aflorarem hoje ainda aqui numa quasi identidade curiosa de fabrico, ornatos e formas. Tambem se lhe poderiam achar parentescos naquela louça acinzentada que nos mesmos castros aparece junto á vermelha, e cuja technica de factura e de decoração se assemelham bastante á actual de Miranda, salva a diferença da côr que se obtinha na cosedura.

Talha

De todos os objectos fabricados, os mais interessantes são sem duvida os mais simples: asádos, talhas, cantaros. Se o oleiro mirandêz tenta meter exotismos na sua arte, desabrocham-lhe nas mãos cousas de horrivel gosto, carregadas de resaltos, golpesinhos, linhas cruzadas, etc. E' o que se dá por exemplo com os vasos para flôres que exporta para o Alto Distrito, os quaes, embora lhes não falte um certo pitoresco a que os olhos não estão habituados, nada valem como linha; creio bem que será até por não ser muito possivel fazer uma cousa artistica de um simples *pot á fleurs* que os oleiros por instinto os sobrecarregam de enfeites.

O testo para o asádo e para a talha tem uma forma graciosa de chapeirão medieval invertido, com

as bordas lisas ou recortadas. No concavo como em regaço, descança o pucarinho gracil, o qual embora não pertença exclusivamente a esta parte do paiz diz tão bem na bôca do asádo entre as asas sacudidas num *battement* rapido, que ficou como cousa inseparavel da região.

No bocal de certos potes de Estremoz cujas paredes se enchem de desenhos formados pelas incrustações de pedacinhos de marmore branco, nota-se um pucarinho quasi egual ao de Miranda, mas sem o ameninado e travesso daquele.

Os outros productos não merecem descrição especial, porque a banalidade em que entram disso os exclue; as cantaras daqui encontram similares no Alemtejo e Extremadura; a talha é uma variante, tambem de linhas muito puras, do asádo, e encontra-se no uso geral entremeada com ele, indiferentemente; o asádo porém é a maravilha da olaria de Miranda.

Tão descrito, tão cantado, sob tantos aspectos e nomes, dos poetas e prosadores novos que pelos Campos de Coimbra algum dia se apaixonáram como aquele viajante dos Dialogos de Mariz, nunca entre tantos nenhum lhe deu o nome que o povo lhe dá, o nome por que o chamam os que o fabricam e com que a região onde nasceu o batisou — o Asádo —, palavra de tão expressivas recordações para os olhos pela fórma do vaso presente neles, que quando o mesmo povo quiz chamar a uma cousa, bem formada, airosa e perfeita, lhe chamou asáda.

Pobres oleiros de Miranda! Das maravilhas que fizestes no barro, as honras fôram para a vossa vizinha Coimbra dos doutores, porque só os doutores escreviam e porque desde o principio, como hoje, eles eram profundamente ignorantes do que de mais perto os tocava; como hoje sahiam de Coimbra, sem conhecer a terra e as cousas que os rodeavam.

Por isso todos os louvôres fôram para a terra grande que vos usurpou a fórma graciosa que um dia nasceu nas mãos de um dos vossos longinquos conterraneos, junto ao corpo nú duma mulher...

: VERGILIO CORREIA :

: SONETO :

ESTA ventura pequenina e dôce,
Este sentir suáve, esta brandura
Que eu sinto em mim florir, como se fosse
Uma oculta e divina formozura;

Este viver de sonhos que não cança,
Este sorrir de Amor que me ilumina,
Esta clara certeza, esta esperança,
Esta imensa ternura pequenina;

Tudo o que eu tenho, tudo o que floresce,
Em pranto, em luz, em devoção e em prece,
Na minha alma como num jardim;

— Todo este Sol, — esta grandeza calma,
— É a perfeição, Amor, da tua Alma,
— É a tua Alma a florescer em mim!...

1910

: AUGUSTO CASIMIRO :

IMPERIO

— SEMPRE GALANTEADOR...
— É A MINHA PROFISSÃO...

DESENHO DE ALMADA NEGREIROS::::

:: MATINAL ::

FEMINIS fórmas leves p'la orvalhada
Manhã chalreando, ao longo dos caminhos,
Vozes que fogem como cabritinhos
Pulando na luz, doidos na risada

Azul e pallido oiro. E de entre os linhos
Angelicos, — plantio, feira, arada,
Casos da vida, contos salgadinhos
Que fazem certa sisudez córada.

E levam flor's á flor do seu chalreio,
Hortaliças, frescuras de pomar,
Tudo bailando no gentil meneio...

Vão de romagem para algum logar?
Assim graciosas vão florir o seio
De alguma deusa? a luz vão celebrar?

Coimbra.

: MANVEL EVGENIO MASSA :

LIBRO DELLA MIA MEMORIA...

Parece que a minha geração foi um pouco mais inteligente dos que as que lhe antecedêram. Esta mesma opinião tivemos uns dos outros emquanto por lá andámos. Cada um de nós sentia-se comparsa num estranho alvorecer, a um caudal de tintas novas que velasse a gloria inerte dos tempos de Eça e de Antero. Nunca livreiros de Paris tiveram tanto negocio com a branda cidade do Mondego; á tarde, depois de jantar, entretinhamos o tempo a surpreender genios novos folheando textos do norte ou armando-se com a rude sciencia da casa Alcan.

Com o meu tempo terminou essa dôce figura de capa caída, junto a um choupo velho, tocada de lenda, amando Coimbra em versos de saudade.

Como outrora os Reis Magos no deserto, cada um de nós fitava a sua estrêla, e seguia-a confiadamente; e se acaso publicavamos um livro e o país inteiro se não debruçava para o ver, nem sequer despeito tínhamos pelo país.

Todos nós, rapazes do meu tempo, eramos môços cavaleiros duma ala estranha de cavalaria, assaltando em cada dia a Universidade armados de Guyau ou John Ruskin. Se nunca descobrimos sciencias novas, é porque todas estavam descobertas. E tão convidativa era esta atmosfera de talento em que todos nos sentiamos respirar, que não era caso de espanto quando um amigo nos surdia com um grande poeta, que descobríra ali á esquina, preso pela gola do casaco, e até os *ursos* falavam de D'Annunzio e Maeterlinck.

Para se ter talento bastava entalar um monóculo no ôlho; e Coimbra poude assistir a este espectaculo unico de gentes desconhecidas, chegadas dos extremos do país, pôrem monóculo no Arco de Almedina e logo crearem a mais dôce intimidade que, fóra do Olimpo, sabios e artistas consigam memorar. Iniciou-as um bom sr. Peladan, mago das florações do bélo, nos misterios e ritos de Palas; e desde então, Coimbra foi de facto a Lusa-Atenas.

Passava sobre a cidade, em roçar de azas de anjos, um tépido confôrto intelectual; e todo o ar, o ar que respiravamos, era um calice perturbante de magnolia, abrindo em cada um anceios de beleza, soltando o polen de desejos imortaes. Ainda recordo um mocinho, quietinho e belfo, sobrinho ou irmão dum lente de Medicina, que no meu tempo se encostava a uma ombreira do França Amado quando varavamos de lança aligera as hipóteses medrosas de William James. Então este moço calado, ao ver-me sobraçar os livros novos comprados durante a noite, do braço mos tirava, e acompanhando-me a casa, pedia licença «para aquele fretezinho». Eu tinha perdido de vista este môço, que nunca conseguíra entalar o seu monóculo, e me-

todica e pacientemente me transportava os livros do livreiro. A minha geração saíu de Coimbra, e eu julgava-o perdido para as letras, quando ha dias um ruidoso encontro no Martinho, com o Matias Casaes (um dos maiores poetas do meu tempo de Coimbra, e agora bemquisto notario em Extremoz) me deu a grata notícia de que esse joven dá ainda ás letras igual cultivo. Põe hoje cintas numa revista de môços, nascida da cópula incestuosa dum poeta lírico com a *sebenta*.

Sim! a minha geração devia ter tido muito talento!

O que ela fez, o que fizeram todos ao depôr a pasta de quintanista, não o sei. Tristemente me sinto vergar á frase dura de Lucio Lopes, crítico do Café da Brazileira, que assim a envolvia: «Academia das Sciencias, sem farda e sem óculos.»

Onde estarão eles, os môços do meu tempo? Já avòs? ou já amanuenses? Dum tive eu noticias ha pouco — e trágicas notícias me vieram. No meu tempo de Coimbra era um môço aguerrido, mofando da oratoria dos mestres e como nós combatendo o inimigo comum. Recordo o horror com que um dia descobrimos nas folhas inofensivas das sebentas de *Romano*, a «frase luminosa e concisa de Waldeck». Todos nós ignoravamos a frase, mas o que jámais lhe perdoariamos era que fôsse «concisa e luminosa».

Altas noites, a um luar melindroso roçando as sombras do Choupal, todos nós lhe declarámos guerra, guerra de morte pelos séculos dos séculos. Desde a hora desse voto, entre nós e a Universidade existia o irredutivel. Não era com a pasta que subiamos a ingreme Rua do Norte: era armado de chuças e azagaias, a bandeira verde do Profeta no alto dum pau, decididos a esse cêrco de morte — o cêrco à «frase concisa e luminosa». E a luta surgiu tremenda, como se em Coimbra, á luz dubia dos velhos lampeões, num surdo tinir de lanças, surgisse o odio de Montechios e Capuletos. Ainda sinto, ainda sinto este môço, numa graça arquidoida, em ruidosos sabats, invectivar a frase, no mesmo chasco da populaça medieva invectivando janelas góticas...

Eu saí de Coimbra. Um dia, perguntei por Coimbra, por gente do meu tempo, por este môço. Disseram-me que *ia a lente*. Ha dias, folheando uma revista de lá, topei com o seu nome ao fundo dum artigo; e eu o vi, com estes olhos mortaes, citar «*a frase luminosa e concisa* de Fustel de Coulanges», — com esse desconsôlo, com esse desalento com que um patriota tem notícia da derrota decisiva do seu exercito, ou um dandi do Chiado verifica *branca* na lista a cautela de seis vintens!

Considerei o pêso do *capêlo* aos ombros dum môço, derreando-lhe os ombros, e o silencio da *borla* tapando-lhe a cabeça.

Parece mesmo que todos os lentes tiveram muito talento — antes

de o serem. Resa a lenda que o Pita, lente de Direito Eclesiastico, tivéra tanto que foi preciso o Creador, assustado, mandar á terra um cataclismo subvertê-lo; e ha fortes razões para crêr que este cataclismo outro não foi senão o Diluvio Universal.

Mas se a minha geração não teve muito talento, teve em compensação — muito cabêlo.

Foi deixando crescer o cabêlo de Sansão que a gréve academica de 907, agarrada à coluna dum doutorando, quís aluir o Templo de Minerva e a infalibilidade catedrática.

No meu tempo, as ideas não entravam na cabeça,— entravam pelo cabêlo. As ideas politicas marcavam-as a tesoura do barbeiro; e os barbeiros de Coimbra, já de si importantes no concêrto universitário, viram na sua mão o aferimento politico da Academia.

A' força de cabêlo se intimidáram os lentes, a ponto de quem, tendo levado um ano de esturdia e cabulice, com noites no *Magrinho* e negas à lição, em vez de cabecear sobre a sebenta — deixar crescer o cabêlo. E parece averiguado que nessa famosa Saint-Barthelemy das cátedras, em que o velho simbolo do poder universitário ruíu a golpes certeiros, se empregou, em vez do machado, a cabeleira.

As coisas de Coimbra, vistas na memoria, tomam um tom melancolico de infolio esmaecido. Estas coisas memoro longamente ao receber dum companheiro de lá os primeiros trabalhos que publíca.

Conheci Vergilio Correia numa casinha da Cumeada, nas visinhanças do Calisto mitológico, à hora do poente, que é quando nós, os das letras, nos conhecêmos em Coimbra. Eu tinha publicado por esse tempo um erudito e comovido artigo — histórico, heráldico e genealógico — sobre a terra onde vi a luz do dia. Ao roçar dum crepusculo de lenda nos sentimos envolvidos na mesma grata melancolia pelas coisas eruditas do passado. E ficámos amigos como irmãos, a citações solénes do *Santuário Mariano*.

Depois, um dia, eu tomei pelo nobre estilo, e Vergilio mergulhava nas fontes e no eterno saber. Amava então as ruinas de Condeixa e os livros anarquistas; e após muito longas e ruidosas discussões sobre este grave conflito duma alma penada entre ruinas sonhar com a bomba e uma velha inscrição, saíamos da sua casa do Salvador pela calada da noite, e escalavamos a Sé Velha, para ir ás obras do claustro, em visões e cautelas de escalada medieva, sofregamente tirar pedaços de portas derruidas, bocadinhos de azulejos, mãos de santos achadas em montes de caliça. E recordo-me da saudade infinita com que uma noite me apartei duma pedra, ultimo resto dum baldaquino gotico, que o

Vergilio toda essa noite em desvairo contemplou à cabeceira da cama, acariciando com a vista as linhas do desenho, à mesma hora a que a minha saudade, num quarto da Rua da Trindade, ante uma telha do seculo XVII evocava gorras de plumas e recontros de rivaes. E lapidava periodos...

Afinal, a minha telha era um telhão vidrado de *A Construtôra;* e o Vergilio continuou o seu caminho, na ansiedade crescente do saber, e com a pertinacia de quem ia erguendo, a visões acordadas por restos de documentos coevos, as coisas dos tempos de outrora, em panos esmaecidos como as velhas tapeçarias. Começou a frequentar um pouco mais estações preistoricas, castros romanos que descobríra, do que as aulas do Guimarães Pedrosa; e a cada nova colheita, que na frente lhe abria um novo quadro das antigas idades, a palavra de Leonardo sobre as alegrias da beleza se lhe ia lendo no olhar.

Correu o país, ancioso de aniquilar dúvidas e de vencer o desconhecido. Longo tempo viveu entre as coisas mortas, que de todas as partes lhe falavam. Já não era o arqueologo antigo, filho diléto do *Panorama,* alçando-se nos pés de joanetes largos, chegando os oculos mais para a ponta do bico, a venerar uma sigla; inteligente e lido, o documento surgia a completar certo detalhe que na visão do seu quadro deixára em branco.

Vergilio Correia agora publíca os seus primeiros trabalhos. Diante deles, da forte construção com o mais solido material, começo a ver realizada aquela profecia que eu romanticamente fazia em Coimbra, em frente aos restos de pedra que da Sé Velha traziamos, em escaladas: só este rapaz poderá um dia erguer do passado, do tempo de nosso pai na caverna até à madrugada da Conquista este país de dôce quietação.

Sim, meus amigos de Coimbra, que na vossa mão sustinheis, como as velhas imagens do Menino Deus, a bolinha do Mundo! Só este vence — como venceu *Nantas.*

•

O quê? Da minha geração só ficará este nome? Só este meu amigo terá sido afinal fecundo e util? Teria-o sido (e sê-lo-ha aínda?) um crítico enorme, poeta e contista, linguista e erudito, que lá tocou a literatura em todos os seus pontos, dutilizando a história inerte, aligeirando as lendas da nossa terra em vocabulos solertes, num estilo doido de côres de divino sonambulo.

Mas quê? Esse homem fórte, domador de velhas linguas e inéditos estilos, que restava como o simbolo da minha geração, teve sempre um desgôsto perturbante que o impedia de escrever à vontade e à vontade gosar a sua gloria: nunca soube dar bem o nó duma gravata.

Começava a escrever, e logo o

fatal desgôsto lhe perturbava os sentidos. Resurgia a Assiria na volupia do seu estilo, e ao pescôço do touro alado de Karlsbaad distinguia uma gravata, a fugir apressada para a cabeça. Ideava os mais bélos dramas, e logo lhe saltava à mente uma gravata caída, desageitada, sôbre o seu enorme drama.

E resignava-se a comprar gravatas feitas, — como se tinha resignado a escrever ideas escritas.

Junho de 912.

: VEIGA SIMÕES :

— Olha lá, a mulher d'Argelia é argelina, e a mulher de Tanger?...
— E'... é, é tangerina.

DESENHO DE
: : NICTOHON
: : BARRADAS

A SEMENTEIRA DAS AGUAS

(Lenda)

Um dia o Christo numa tarde quente
Pousára á sombra duma agreste fraga.
O pó e o ar queimavam rijamente,
E a Terra abria bôcas para a gente
Morta de sêde, como fera brava.

— «Sinto-me sêco, como palha isenta...
Desaperta o cantil, dá-me agua, Pedro,
Que um calor assim não se aguenta».

— «Senhor, bebi-a toda duma assenta!»

— «Vae lá baixo á raiz do maior cedro
Onde uma fonte de cristaes rebenta
E traze-m'o cheïnho, — a transbordar.»

Mal tocára nos lábios do Senhor
Aquela fina agua, em volta, o ar
Já sopra num suavissimo frescor
Como se ali corrêra o beiramar.

— «Vae, Pedro, e faze agora a sementeira
Desta bemdita agua prisioneira.»

Desceu S. Pedro, e andou de vale em vale
Vertendo aquellas gotas de cristal.

A SEMENTEIRA DAS AGUAS—LENDA

Ao bater das trindades regressou
Alagado de tam longa caminhada...
Sorriu-se, o Mestre, apenas lhe contou
De como havia feito a semeada.

—«Ai das encostas, Pedro, ai das montanhas
Que vam morrer á mingua de frescura.
Has de ámanhã subir ás altas penhas
E verter gotas pela rocha dura.

Quero os cêrros a tempo amaciados
E aguas á farta para o tôjo e os gados.»

Subiu Pedro a semear pelos pendôres...
E é desde entam que a Serra tem pastores.

Cardal, 1912.

: JOAQUIM D'ALMEARA :

O MALTEZ

A MARIO BEIRÃO

Foi numa tarde de junho lá prás bandas de Alcaria. Mordidas pelo chispar escaldante do sol, que em plêna vida, apoplético rompia num ceu de zinco em braza um diluvio imenso de fogo, lá baixo ao morrer da serra, encafuadas no mar verdefulvo dos matagais seculares, as parêdes niveas do *Alcaide*, rebrilhavam numa explosão aflictiva de luz e aventavam pelas espaldas enegrecidas e poeirosas dos montes, reflexos d'odio, gritos de rebeldia. Em volta, modorrento, estatico como gigante entre algêmas, o velho montado, o vozeador dos montes aonde não vai viv'alma escutar a tempestade satanica das suas imprecações, quando o vento em rajadas varre a escuridão das noites invernosas, o velho montado alastra pezadamente pela planura, galga pela serrania ondulada e numa nuvem embaciada e talcosa perde-se lá prós raivais duns longes mal definidos, aonde o sol aviva tons roxos de amargura. Nem um resto de bafo perturba a serenidade mortal das folhas. O calor, caindo impertinente como baba do alto empardecido, espalha a aflição e tudo vergado p'rá terra sob um esmagamento de morte, cuspindo poeira escaldante, anceia avidamente por um respirar de vento. Ao longe alçada sobre o monte, como uma ferrumpêa hostil, ergue-se uma guarida de velhas eras, num borbotão de raiva contra o rebrilhar agressivo d'aquelle ceu d'aço.

Acamado sob o arvoredo, o lobeiro, já seco, espraiava-se pelo arrampadoiro num grande mar amarelo-alambreado, onde as espigas rebinchantes de grão se esfacelavam mordidas pela luz maldita, á mingua de humidade que as amolecesse. E os troncos do sobreiral emergem deste vasto lençol de marfim antigo, em carne viva, escorrendo sangue e das feridas que o machado descuidoso abriu, ao mesmo tempo que linguas de calma lambem a seiva, parecem saír em crispações de revolta arrancos de maldição. Toda aquela tragedia em que se liquidam mil vidas se desenrola sob um silencio esmagador de tumulo. E para o ceu virada, uma montanha de ramagem encardida, d'onde surgem em hostilidade heroica esgalhos mortos e espiculados como zagunchos, sinistros como espectros, cospe violentamente uma apoteose de raiva, esmagada pela asfixia da cupula vidrada. A' direita a argila berrante da estrada, rasgando a negrura dos matos, parece um rio de sangue jorrando do alto do monte, correndo em impeto pelo flanco e empoçando cá baixo em vasto terreiro d'almagre. E na grande mudez da tarde o sol vai esmorecendo, numa agonia

lenta a mole e mole, sofocado pela luz cambiante que o afogueia. Lá prós longes do monte ergue-se um perfil tostado, uma mancha escura, movediça, cuspida no anil-ferrête do esteval e a corta mato avança a tomar a estrada. Vai deixando pela ramagem um traço oscilatorio que pouco a pouco se aquieta e lhe oculta a passagem. Aproxima-se. Sobraça o bordão e num gesto agil vence o valado e toma a passo firme pela estrada. A sua figura atira-nos á alma acobardada num alvorôto de mêdo, a lembrança de façanhas criminosas. No olhar fulguram poêmas de desvairamentos, todas as alucinações de vida incerta, toda a infamia dum odio surdo, um passado inteiro de crimes e receios, de cobardias e vinganças, de raiva e maldição. Os cabelos cerdosos golfavam em rebeldia sob um velho gorro debruado de vermelho e vinham roçar-lhe a pele escamosa do pescoço. A camisa esfatalhada, embebida de suor negro, deixava vêr o peito almagrado como barro cosido, onde as costelas salientavam vincos paralelos. E arremangado, jaquêta ao ombro, manta a tiracol, rijo bordão de carrasco, lá ia estrada afora alçando uma serpente de poeira, que mansamente morria e se amalgamava ao solo. Nas faces crestadas e asperas como esparto o suor escoria em grossas bagas viscosas e cavando rêgos na porcaria sobreposta em camadas, dava-lhe o aspéto fantastico de esfinge vingativa. Espreitando-lhe o labio superior arrepanhado num gesto de guerra, a poeira amassada por segregações untuosas, gretada como um favo de vespa, tinha os ares infames de pus-

:: CARAS ::

CHRISTIANO CRUZ

tula cancerosa. As sobrancelhas lançadas em curvas dum negro tragico amordaçavam na expressão pulha do olhar toda uma biblia de banditismos, toda uma odisseia de fomes.

Aquêles montes, testemunhas mudas do seu rosario de crimes acordados pelo som soturno do seu andar, rosnavam surdamente entre dentes e com raiva mal contida, um mundo de anátmas e increpações. E lá vai campos afora, esbrazeado, boca recequida e meio aberta, lingua esbranquiçada, alinhavada a laivos de saliva pastosa e amarelenta. Lá vai levando apoz si a execração de muitos lares ensanguentados e empobrecidos pelas suas mãos malvadas.

A sua figura guerreira emergindo subitamente dos barrancos rochosos é mensageira do assombro, da desgraça. A vida inteira tem levado a monte por esses raivais descampados, o martir inquebrantavel de quarenta invernos, cujos rigôres não lograram pratear-lhe um unico cabelo, a sombra tragica povoadora da imensidão desolada aonde não vai viv'alma profanar o silencio eterno. A's vezes pára, ergue sofregamente a cabeça, de boca escancarada na ancia duma aragem que o refresque, lambe a crosta emporcalhada dos labios, sorve o visco escorrente do nariz e lá vai esfalfado caminhando entre a escolta de sobreiros ensanguentados que ladeiam a estrada. Estava já proximo do *Alcaide*. Andava agora mais cautelosamente, pausadamente, d'ouvido á escuta, medindo num relance d'olhos com rapidez tudo que o cercava, deixando transparecer a desconfiança, o receio. Ao rasmalhar de qualquer bicho assolapado numa piorneira estacava em posição de ataque e depois, sabida a origem do ruido, vinha-lhe aos labios um sorriso feroz. O *Alcaide* pequenido, sumido entre os grandes frascais e morêas de trigo, resplandecente á luz do sol derrotado já, adormecia socegadamente recuperando as forças que um dia inteiro de luta lhe sorvera. Lá ao fundo, sentada no girão granitico aonde se estilhaçam em cuspinhações a agua dos beirais, a manageira de faces vermelhas como medronhos, saia de castorina contrapiza de ganga azul e grande lenço da India solto em volta do pescoço, carapeava descuidosamente lã, cercada de cestos de grosso travisco assentes num vasto calhamaço. E no grande silencio caído dum ceu onde, pela primeira vez naquêle dia, alastravam uns tons mimosos de papoila desmaiada, ouvia-se o rr... rr... da lã correndo nas mãos gordurosas da pobre mulher. Por sobre a serra fronteira, lá prás bandas do poente, num vasto tablado de imponderalisações etéreas, desenrolava-se agora entre bacanais de luz a grande tragedia do solpôr. E almas feitas côres, disputando a primasia da belêsa em dialogos feitos vergões d'oiro, em gestos feitos, alvissimas ressureições d'encantos

de respiração transmudada num deslumbramento de opala, vão pouco a pouco, a manso e manso esmorecendo, desvisualisando-se, deixando ver pelo diáfano das suas roupagens os tons cinereos dum ceu entristecido e vão emergindo ao mesmo tempo que o pano azul cacinderado de diamantes desce maciamente, silenciosamente e as luzes morrem na grande ribalta da serra. E a manageira de mãos esquecida no regaço cheio de rabugens de lã, olhar desvairado ante a visão daquêle Eldoirado de pedrarias, por onde se estramalhavam delirantes saturnais de côr, julgava ver a celeste entrada do reino de Deus.

Arrebatada pela miragem esplendorosa descobria lá longe teorias de virgens mariposeantes, entoando naquele cair de noitinha ave-marias de luz. E o sol sumia-se aventando á terra um grande «salve-os-Deus» de côr. E ela com a alma cheia de vago misticismo, olhos perdidos longinquamente na indecisão dum sonho, recostada em ar de fadiga e com desleixo contra a cal branca da parede, enregou a cantar numa voz entrecortada de saudades, quadras popularisadas lá pelo têrmo da sua aldeia:

O' meu amôr quem te disse
Qu'eu dormindo suspirava...

E dolentemente num tom arrastado, bafejada por misteriosa unção a voz erguia-se numa espiral de candura com a leveza do perfume que abandona a flor e, insencivel invadindo-nos a alma, trazia-nos á mente a transcendencia do sonho. O maltez sem ver ninguem, surpreendido pelo canto parou encostado ao bordão, fitando d'olhar escancarado a curva indecisa da serra unida ao ceu num grande beijo de nevoa crepuscular. O sol morrera e o campo todo com a alegria de quem se vê vingado atirava um suspiro d'alivio. E a voz ouvia-se:

Quem te disse não mentiu
Que eu alguns suspiros dava...

Um clarão de misterio, um misto d'amargura e de alegria subita, iluminou o rosto barrento do maltrapilho. Recordava, uma vez, quem sabe se a primeira! um ponto saudoso da sua vida.

— Conhecia aquella voz, muitas vezes a ouvira quando creança ainda... Já lá iam uns bons dez anos... Como a vida passa! Como tudo passa! Ah! alembrava-se bem... conhecia-a bem... era a Maria, a Maria das Córtes. Como êle gostara d'ela em tempos que já lá vão!... Era pequena, tinha uns quinze ânos, mas roliça, forte, uma rapariga de truz. Pormonde éla, dês a questão com o José da Arruda, nunca mais pousara pé em povoado.

Que dia esse!... Fôra na romaria da Senhora das Reliquias, em quinta feira de Ascenção. Era luminosa a tarde. O âno ameaçava mi-

seria e nenhuma das fréguezias faltara á procissão. Todos os casais se despovoaram dês as terras arenosas de Selmes té ás charnécas da Amieira, emaranhadas de chaparros anões, que parecem remorder inveja olhando a frondosidade sinica das faias. E numa onda de poeira, sob a sombra sadia dos eucaliptos, que entrelaçavam seus braços nus, aqueles povos em posição humilde de penitencia, cantando Salvés Rainhas, arrastavam-se ao longo da estrada, como uma serpente imensa, de dorso negro, rugindo soturnamente. Ladeavam o caminho, pra lá das valêtas, nos montijos esborrachados, filas de cêpas verdejantes engavinhadas a paus de esteva. Pelas alturas do *Poço da Rocha* o Arruda apareceu e enregou a troçar a Maria. E assim fora um grande tempo. Varias vezes o ameaçou.

— Que não fizesse caso, dizia éla. Aquilo é vinho...

Ele bem sabia mas que diabo! a paciencia tem limites. Tinha de ser... Armou-se de desordem... Para fugir ás iras daquela gente enveredou por atalhos e foi dormir nessa noite assolapado no barranco do *Carmo*. Ao alvorecer do dia seguinte soubera que a justiça o buscava pela aldeia e que o Arruda ficára em perigo de vida. Daí ao diante não mais socego e descanço. Os homens começaram de ser os inimigos da sua liberdade, cuja segurança êle ia cimentando pelo tempo afora á custa da vida dos outros. Todo aquêle que tentára embargar-lhe o passo caíra por terra a golpes da sua ira. E envoltas na meia penumbra que rasteja sob a ramagem sombria do montado, mil cruzes enegrecidas pela impiedade de invernos sem conta, proclamavam sinistramente o corajoso instinto, que zelava a todo o momento pela consumação do seu triunfo. E boiando no mar do seu passado, o maltez via, entre borbotões de sangue, uma procissão d'almas, continuada, longa, a perder de vista fantasmas mal definidos, depois o indeciso, o vago.

— E tudo isto porque gostára dela... A vida é assim, feita de insignificancias. A tristeza daquela hora mistica enternecera-lhe a alma. E medrosamente, silenciosamente aproximava-se de Maria.

— Talvez que ela inda se alembrasse... Mas havia tanto tempo! Podia lá ser... Podia lá ser!... Neste comênos a manageira ao ver a figura extranha do povertão, palida de morte, tranzida de terror rompeu pra dentro do *monte* em alucinada correria, clamando pelo marido a gritos desentoados. Rapidamente o maltez fugiu, metendo ao longo do barranco toldado por silvados, chegando-lhe ainda aos ouvidos a voz do manageiro:

— Se te apanho leva-te o diab'-alma, filho d'aquela tronga!

E um tiro ao acaso varejou a barreira do valado. Já bem longe ia o maltez quando a escomilha lhe

cortou o caminho. A noite vinha aumentando mansamente. Ouvia-se na escuridão o respirar da naturêza adormecida. Tudo descançava serenamente. Pirilampos em ranchadas talavam no escuro relampos d'opala. A noite avançava amostrando o grande azul alinhavado a finissimos fios de prata. Ao desembocar do barranco o maltez parando junto duma moita bem sêca, petiscou lume com dois cacos de botija, chegou a mexa inflamada ao pasto e a passo rapido subiu o monte. Como leves vapores duma sulfatara, ao principio o fumo erguia-se medrosamente num pequeno penacho tremulo e diáfano. Depois as labaredas rastejando sofregamente iam, como foices de fogo, entrelaçando a pouco e pouco as moitas visinhas. Já uma ou outra chama, como que sondando timidamente a limpidez do ar, soerguia-se num manso crepitar de pasto rilhado pelo trilho e ao descer rapida caracolava numa espiral de sangue. O fumo alvacento, como estalactite de cinza imponderavel, pendia sereno do ceu estrelado. O fogo, sorrateiramente, mil vezes forquilhado em tendões rubros, arrastava-se traiçoeiro pelos baixos do matagal, rasmalhando em crepitações mal abafadas, alargando os chamejantes tentaculos de polvo que se prepara para avassalar a preza. De subito as alas erguem-se num arranco heroico, por toda a parte rebentam borbotões de fogo, que alastrando, dando-se os braços, transformam o campo numa fogueira imensa. O lume chegou á seara, a seara incendiou as arvores, as arvores ensanguentam o ceu.

Por sobre a serra vagueia um dragão colossal de fogo. A' medida que a fumarada aumenta o ceu abaixa pesadamente, esmagadouramente e num beijo de asfixia imensa une-se ás terras em chamas. Arvores que se afundam de brôco naquêle mar incandescente, levantam, sinistras, uma explosão de faulhas. Cada grão de trigo que estoira é uma maldição que se ergue! As chamas sofocadas, em ancia, coriscam pelas entranhas daquele ceu de fumo. A naturêza arde em colera. Sómente a morte triunfa! Ouve-se ao longe o uivar enraivado duma povoação inteira. Todos querem saber quem foi o autor da malvadez.

Repentinamente uma labareda imensa rasga os espaços, projecta nos longes um sinistro clarão e erguido no topo do monte viu-se terrivel como a estatua da vingança o perfil sombrio do maltez...

:: Evora — Junho de 1912 ::

: GARCIA PULIDO :

ELEGIA DA MISERIA

Ao poeta João de Barros

QUANDO o Sól morre e o Azul vibrante
Em raios violetas a Agonia incensa,
A caravana passa, tropega, ululante,
De Miseria, de Dôr, de Fome e de Descrença...

No rosto das virgens que perpassam, móram
Traços de Sofrimento, sináes que magôam...
E pelas estradas, pés descalços chóram
Uivos de dôr; beijos das pedras sôam...

Rotos, descalços, fructos do desgosto
pequenos heroes rolam-se pelo chão;
E o pó dos caminhos perfuma-lhe o rosto
N'uma ancia febril de Consumpção...

Aos grupos perpassam, mãos torturadas
Pelos ferros da Arte; e os musculos duros
São velhos cantores das pedras lavradas...
São velhos poetas versejando muros...

Tremúla a penumbra. Dos lenhadôres
O machado refulge, no aço do córte;
E os pinheiros gigantes, dominadores
Saudam em côro a proxima Mórte.

ELEGIA DA MISERIA

De dentes bem alvos, pequenas vivazes,
Na volta do burgo, devoram o pão;
E nas arvores de fruto, trepando, os rapazes
Enganam a Fóme, distraindo o cão...

Solitario Andante, de brancas na face
Pintava o Sól Posto, com alma e carinho...
E a Arte esmorece, oscila, renasce
Na mão do artista, a copos de vinho...

Creanças mal guiam os bois que se arrastam
E o eixo dá voltas, gemendo e uivando:
Se os carros vasios depressa se afastam
Os donos lá correm, zig-zagueando...

* * *

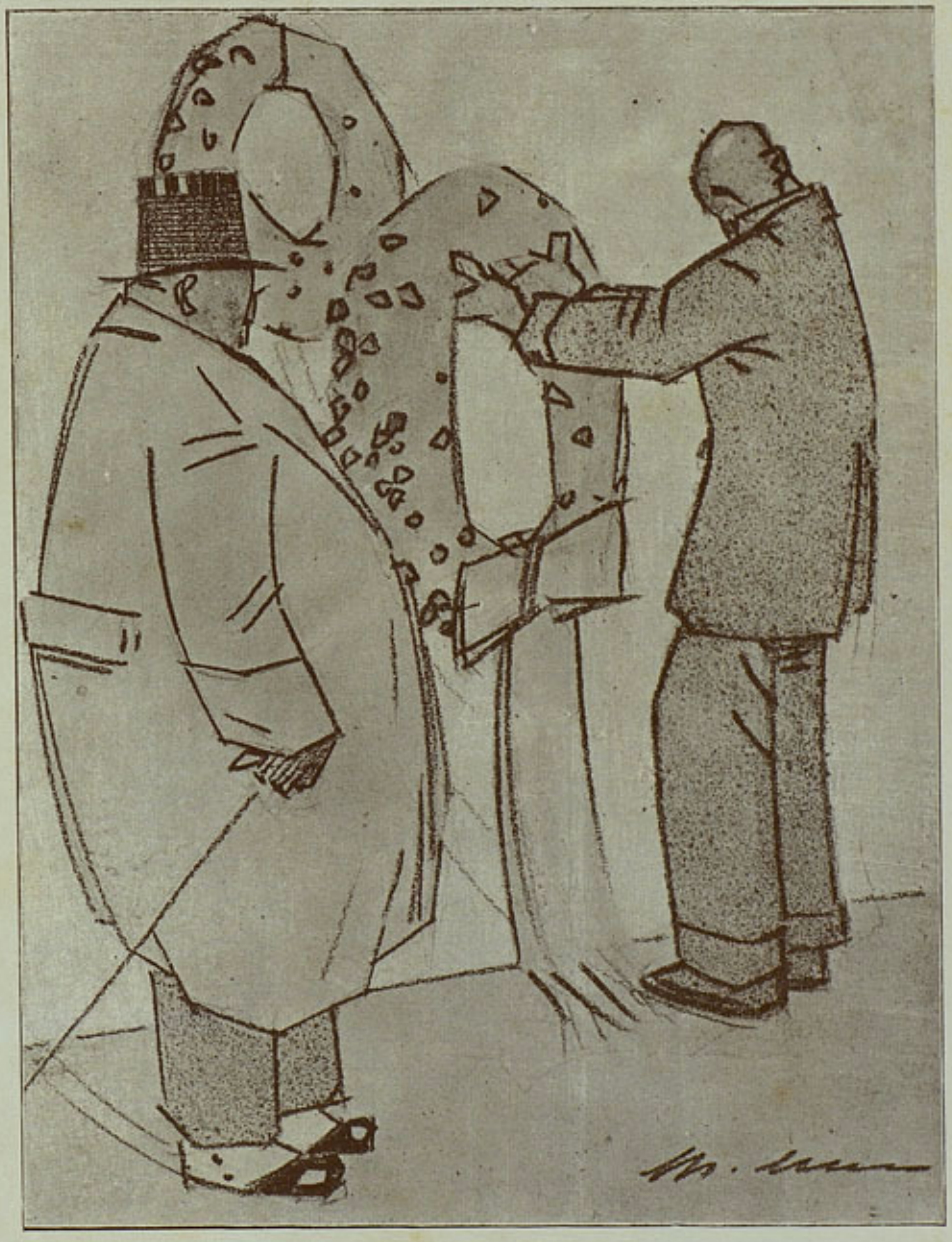
A caravana passa. A vida é um poente
Um rude succeder d'inextricaveis côres;
Quando morre o Sól, toda a Miseria sente
Um veu caricíante a envolvêr-lhe as dôres...

E a Crença renasce. Das montanhas
O murmurio desce em halitos vernáes,
Como um revoar de sensações estranhas
Arrastando a Fortuna em bençãos sensuáes...

Coimbra, 1912.

: MARQUES DOS SANTOS :

Corôas e flôres artificiaes



DESEJAVA UMA COROASITA BARATA: FOI UM PARENTE MUITO AFASTADO QUE ME MORREU...

DESENHO DE CHRISTIANO CRUZ : : : : :

:: EM PLENO EXILIO ::

A um amigo que vive nas serras

A tua carta veio hoje ter comigo, trazendo-me nas suas paginas calmas e luminosas a rija fé impertubavel que os corações da nossa aldeia guardam dentro de si, como uma chama imortal que illumina as vidas e os destinos, ainda para além da morte.

As tuas palavras tão simples e tão fortes, sem o mais leve sabôr das Arcadias que por aqui envenenam os espiritos e pervertem o gosto, produsiram na minha rebelde amargura o mesmo effeito aquietador que certas manhãs de larga serenidade e de mimosa frescura causam naquelles que anciosamente velaram a noite, fixando na treva as suas pupillas cheias de inquietação.

Como tu és um homem tão puramente humano que não ousas sondar com colera ou ironia a tua personalidade interior, afim de alcançares o misterio do teu ser, as razões supremas do teu roteiro de vivente! Como tu deves ser feliz confiando em ti, sem uma hesitação nem uma nuvem, deixando correr os dias no mesmo ritmo constante com que as fontes dos velhos claustros, á sombra das laranjeiras, deixam correr as suas aguas, em tanques de musgoso marmore!

Amigo, se um dia sentires nascer em ti a nevrose de movimento, convidando-te a deixar a serra em que vives, para te internares no tumulto suffocante da cidade, acredita que é tentação do Diabo que pretende desencaminhar-te do piso que vais trilhando, para te perder nalguma dessas ciladas que constituem o segredo do seu ingenho escarninho.

Mantem-te sempre de largo, encarando com rosto hostil tudo o que queira roubar-te á terra que te dá o pão e ao lar que te dá a paz!

O mundo é vasto, mas para bem viver basta o piqueno espaço que cobre a sombra de uma arvore.

Diogenes contentou-se com um tonel e uma facha de luz. Alexandre não se satisfazia com todo o orbe.

Ha famintos que loucamente, desesperadamente se entregam á faina de caçar a felicidade, peregrinando por continentes e mares, correndo com os expressos mais velozes e desembarcando nas capitaes mais febris: cansam-se, esgottam-se na tumultuaria visão das gentes, das civilisações, dos monumentos e dos prazeres. Um dia interrogam-se, inquirindo de si mesmos o que hão de fazer para remediar o desbarato de suas energias. No meio do seu desalento, como vagabundos vergastados pela chuva, regressam amachucados ao repousado abrigo das suas aldeias, onde a alma se lhes enflorara para o sonho e para a aventura.

Só então percebem que consumiram inutilmente, em correrias loucas, uma porção enorme de vitalidade, desperdiçando-a doidamente, consoante os impulsos rapidos do capricho, á maneira de perdularios que dispersam o seu oiro conquistando sensações momentaneas que perturbam os nervos, mas não os saciam...

Ai, quem me dera retroceder até ao tempo, já distante e ligeiramente velado no claro-escuro das recordações, em que eu, inacessivel ás duvidas que hoje me corroem intimamente, tirando ás minhas decisões a graça robusta de uma espontaneidade prompta, encarava a existencia e suas procellas, com essa tranquillidade primitiva, propria dos que nas largas caminhadas se orientam sempre pelos picos dos montes mais altos!

A minha pericia na arte de raciosinar era mais que limitada, mas em compensação a minha consciencia assentava sobre meia duzia de *certêsas* que a tornavam mais forte que os rochedos da beira-mar.

Se me visses, se pudesses medir o naufragio total das minhas antigas faculdades de batalhador obscuro, pasmarias ao descobrires em mim um homem de rosto franzido, desconfiado e avaro de palavras, o olhar inquieto e os labios macerados pelo contacto maligno de ironias crueis, que parecem vir de qualquer pantano sombrio, sepulto no meu peito. Acho-me de tal arte deprimido, perante a imagem do que fui outrora e do que tu és hoje, que, se ás vezes penso no grato prazer de uma visita ao ninho de aguias que é a terra em que ambos nascemos, um movimento de pudor me obriga prestes a repellir tal proposito, visto que me reputo menos digno de levar até vós esta minha pobre humanidade encarquilhada e rôta, mais esteril que as ruinas de uma cidade maldita.

Por aqui, meu rude aldeão, os homens guerreiam-se com paciencia e rancor, umas vezes elogiando-se felinamente, anafando-se no seu amor proprio, como ordinariamente faz a petisada ás bonecas que a principio enfeitam e compõem com ternuras de maternidade ciosa, mas que, pouco depois, esventram e esganam sem piedade; — outras vezes insultando-se e mordendo-se, não com a raiva brutesca e soffrega de alões que se fazem justiça com os colmilhos afiados, mas pelo processo discreto e calculado das pessoas amaveis que dizem e praticam as maiores enormidades com o ar inocente de quem se abrasa no amor do proximo.

A sinceridade que é a mais maravilhosa revelação de um caracter bem formado — suprema cristallisação dos temperamentos rudes, indomaveis na sua inconformidade, no seu desrespeito pelas maximas de uma moral de sangue-sugas e de patifes — não se dá nestas paragens, onde a mentira floresce tão prospera e risonha que todas as bôcas lhe

prestam culto, venerando-a com o raro carinho e a rara devoção que os fieis votam aos seus oragos.

A verdade, essa que as creaturas de bronco intelecto invocam em seus assomos da vingança, chamando-lhe —*a unica verdade*, tenho-a visto prostituir-se e emborrachar-se tanta vez que, se eu fosse ainda capaz de odiar ou amar alguem com violencia, detesta-la-hia muito mais do que antigamente detestava os castelhanos que encontrei na Historia de Portugal, quando me preparava para exame de instrução primaria.

Ainda outro dia, em S. Bento, um deputado cuja descompassada pansa faz pensar saudosamente no tonel sem fundo das Danaidas, após um daquelles assomos de facundia que derreiam os seus autores, como se tentassem arrancar pela boccarra escancarada os proprios intestinos, berrou, estendendo o braço n'um gesto arrasante e decisivo: —«A verdade está comigo!»

... Imagina, a grande porca com quem está, ella que o nosso prior, em suas saborosas homilias, affirma estar no ceu, á mão direita de Deus Patre Todo Poderoso!...

E assim tudo á proporção. As boas virtudes, as que dão á figura humana a grave magestade que ainda se alcança nos quadros dos mestres, não se sabe onde poisam, havendo, porém, quem garanta que estão desterradas em almas ferrugentas e archaicas, que se recusam a acompanhar a marcha do seculo, fechando os olhos para melhor resistirem ás tentações de um progresso que não é capaz de manter de pé, durante cinco minutos, a noção austera do dever, mas que ainda ha pouco inventou um aparelho para coçar as costas aos infelizes que teem o coiro sujeito a dermatoses.

De maneira que, meu amigo, se um individuo pretende nesta sociedade manter relações com alguem, deve fazê-lo comsigo mesmo.

Cuidado com os outros, porque não só picam os dedos como os espinhos, mas, se os pomos á vontade, acabam por nos derruir as crenças fundamentaes da nossa personalidade!... Palavras indifferentes para toda a gente; mas consideremos *toda a gente* como qualquer coisa de remoto e estranho que sò ao de leve perturbe os nossos pensamentos, como a existencia dos selenitas e a flora do planeta Venus.

Construa cada qual dentro de si a sua cidade: encerre-se nella e de vez em quando trepe aos seus torreões para contemplar a natureza e as suas perspectivas tão seductoras. Quando as nossas vistas toparem um homem, é conveniente eleva-las logo até aos astros, afim de nos purificarmos na claridade que banha as alturas. Ai, meu amigo, como a vida por aqui se vai parecendo com um exilio entre as gentes!...

Na aspiração impossivel de ser o que tu és, te abraça

: JOAQUIM MARTINS MANSO :

DO «ROMANCEIRO DAS AGUAS»

AGUA da Altura, limpida e sonora,
Aos desejos do Vento, num descuido,
Tu és da Vida a fonte criadora,
Corpo das Nuvens ondeante e fluido.

Por teu peito bálsamico de seivas
Ha nos montes fartura reluzente:
Dómam-se as terras de lavoura, as leivas,
E ergue-se á flôr a túmida semente.

Agua da chuva em mobil revoltura
No Oceano do ar, no firmamento...
Rega divina a que essa artista, o vento,
Dá forma esculturada, a tecitura.

— No nebuloso olimpo concebeste...
E á crusta isenta, resequida e nua,
Trazes perfumes, o frescor celeste,
Dos alvos saibros misticos da Lua.

Eurithmias moduladas, feitas
Por cadencias de versos diluidos;
Bátegas recortando os meus sentidos
De furtivas palavras liquefeitas.

: DO «ROMANCEIRO DAS AGUAS» :

Agua que o ar frio arrasta e desencanta,
— A que dá vida, a que renova a planta;
Agua que antigamente foi suor
No rochedo e na flor!...

E bagas do suor da tua fronte
Na labuta da vida pelo monte
O' cavador cansado!

Respiração carnosa que ao depois
Foi ser chuva e crepusculo doirado!

Gotas de orvalho,
Irmansinhas das lagrimas, vós sois
O suor do trabalho.

Respiração dos rios e florestas
E fumo do meu lar...
E pragas das palavras deshonestas
Dos pantanos e charcos ao luar;

Respiração de bocas amorosas
E de halitos das fontes;
E aroma suavissimo das rosas...

No longe e fluido olhar dos horisontes
Tudo se casa e funde... E é Nuvem densa:
Habitação de lagrimas suspensa.

Coimbra, 1910.

: AFFONSO DUARTE :

: : LUA-NOVA : :

DÁ a Lua-nova sobre o meu casal...
—Que fundos de alma em religiosas telas?!
Olha por mim o céo de Portugal
Com olhos beatíssimos de estrelas.

E em fluido ocaso ainda o sol derrama
Não sei que olhar estático de monje...
E lívido êrmo onde o silencio chama,
Dobra em minh'alma a voz cristã do Longe!

Dia ao Mar: O sol finda o seu poêma:
E hora de cinza, em dúvida suprema,
O longo fim da Tarde desconsola.

Já nas sombras da Noite, orando aos céos,
Como um pobre-de-cristo pede esmola,
Erguem os choupos suas mãos a Deus.

Casal do Sol-posto, 912.

: AFFONSO DVARTE :

:: LIVROS ::

D. JOÃO DE CASTRO (1500-1548)
por Manoel de Sousa Pinto

Talvez se extranhe o fácto de se falar numa revista destas, do livro com que o sr. Sousa Pinto abriu pomposamente uma biblioteca consagrada a grandes vultos portuguezes.

Realmente, não se trata dum acontecimento literário de importancia, e muito menos dum acontecimento que interésse aqueles que se dedicam ao estudo da historia; mas trata-se duma prova clara da facilidade sencerimoniosa com que entre nós se fazem estas cousas.

O sr. Sousa Pinto encarregou-se de escrever um livro de historia talvez cheio de boa vontade, mas com uma facil precipitação de que eu o não julgava capaz, — habituado como estou a vel-o assinár artigos e estudos d'arte, criticas sérias que o honram, e que o fazem merecer a nossa estima; e veio a terreiro, agora, com um livro feito á pressa, quasi sobre o joelho, cheio de transcrições (como se faz em jornalismo quando ha falta de original) querendo talvez fazer um estudo historico, mas que não chega a ser um livro de vulgarisação.

Ora foi isto que me deu na vista e que me leva a chamar-lhe um livro banal.

Terá intenções de vulgarisação? Terá; mas o autor não procurou como deveria neste caso, pôr bem em evidencia esse vulto interessante, altamente simpático que foi D. João de Castro, colocal-o bem destacado num quadro bem vivo desse tempo, despindo-o das citações eruditas que não devem ter lugar num livro destes, e procurando assim interessar o leitor menos culto pelo hòmem singular de que se trata, de forma que, no fim da leitura, ficasse com a clara impressão do heroi, impressão clara que devia ficar, como nos acontece com certos contornos de paizagem que conservamos na memoria, embora detidamente, por partes, e no conjunto, a observassemos com cuidado.

Mas não. O sr. Sousa Pinto começou a escrever sem ter bem planeada a obra, e estudado a fundo o assunto; de modo que, ficou o livro um amontoado de indicações biograficas, com uns arremedos de investigação, com umas datas tiradas daqui e dali, com um ou outro periodo em que tenta criticar, e... — dêem-se ao trabalho de verificar — com cerca de cincoenta e cinco paginas de transcrições, no pequeno volume de cento e vinte paginas...

E D. João de Castro?

O honrado portuguez fica afogado no meio de tanta transcrição, sem o meio em que viveu aparecer

com largueza de vistas e rigor nas descrições; e o leitor fica assoberbádo com as longas tiradas retoricas de Coge Sofar ás tropas, e os *regimentos* que el-rei D. João III mandou fazer para as armadas costeiras, esquecendo-se assim de que comprou o livro para ficar sabendo quem era esse homem honrado que empenhou as barbas, e do qual uma quinta em Cintra conserva uma terna tradição.

E depois... quando tenta mostrar melhor esse mixto de sabio, de filosofo, de politico e de guerreiro, quer persuadir-nos que ele é uma figura essencialmente portugueza, profundamente portugueza, embora confesse que era um apaixonado dos heroes de Plutarcho.

Esta sua preocupação deu-me logo no gôto, ao abrir o livro, no começo do proprio prefacio, pois que sempre vi o honrado governador como um produto algum tanto artificial, proveniente da educação que lhe deram e da cultura que teve, produto dum temperamento especial com grande força de vontade, moldando-se bastante em moldes classicos, o que deu logar a que a sua vida fosse um exemplo que se destacava do meio, exatamente porque de forma alguma se confundia com o meio.

Ver D. João de Castro assim, parece-me mais certo que vel-o sob o ponto de vista sob que o sr. Sousa Pinto o quiz ver. Que de resto, compreende-se: o autor, escrevendo o livro tão á pressa que segundo o confessa nem teve tempo de consultar certos documentos, não tendo tambem tempo de estudar a valer a personalidade do biografado — viu-o atravez da retorica de Jacinto Freire, viu-o atravez da fumarada do triunfo de Gôa, e eis que se convence que está em frente duma creatura profundamente portugueza.

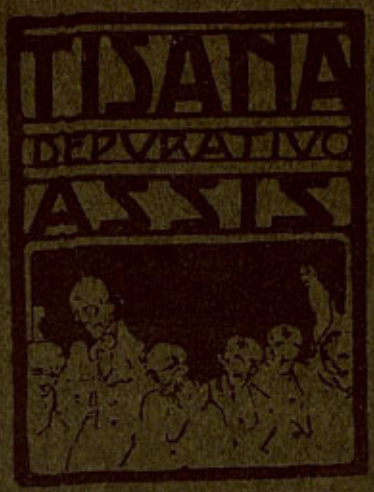
E como de vez em quando cita, em notas, obras e documentos, e faz considerandos sobre datas ácerca das quaes ha duvidas — o leitor desprevenido julga que está lendo um livro de erudição, quando afinal, essas cousas arranjam-se facilmente e só conseguem enganár ignorantes.

Mas eu estou dando tareia demasiada... Não continúo. O livro é máu, e essa é a razão do silencio que houve nas fileiras — o que, de resto, não é para admirar, excetuando o cronista oficioso do *Diario de Noticias* que quasi ia confundindo o livro com a prometedora e auspiciosa *Terra de Sol*...

O que só me admira é que o terrivel sr. Albino Forjaz de Sampaio, não tivesse dito mal dele, com aquela prosa de vidros quebrados e pontas d'alfinetes com que costuma escrever uma ou outra cronica na *Lucta*.

: ESTEVAM CORREIA :

BIBLIOTECA GERAL UNIVERSIDADE 28 JAN 1957 COIMBRA


TISANA
DEPURATIVO
ASSIS

Segundo o processo de Faro

Preparado por

F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opéra com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funccionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus effeitos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, augmentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o pezo dos doentes. N'este preparado entra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, de meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1$000 réis

— DEPOSITO GERAL —

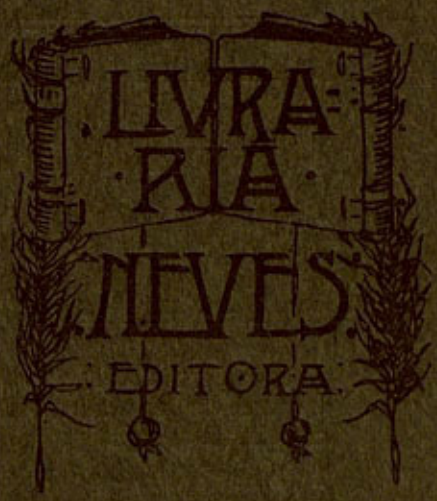
DROGARIA FALCÃO

42, R. Nova do Almada, 44 — LISBOA

CARTAZES
VITRAES
CAPAS DE LIVROS
PASTAS
EX-LIBRIS
PIRO-GRAVURA
MOVEIS
ETC.

POR [signature]

COIMBRA — L. da Feira, 16


LIVRARIA
NEVES
EDITORA

COIMBRA

Trata de todos os negocios universitarios e está apta a satisfazer qualquer encommenda de livros ou outras publicações nacionaes e estrangeiras.

LIVRARIA NEVES-EDITORA

:: Centro de Publicações ::

COIMBRA

Envia franco de porte todos os livros que lhe requisitem, a quem remetter a importancia incluindo os seguintes:

Dr. Dias Ferreira — *Codigo Civil Portuguez* (annotado) 4 vol. 10$000
Codigo Processo Civil, 3 vol. 5$500
Barbosa de Magalhães — *Codigo do Processo Comercial* (annotado), 3 vol. 3$000
Codigo de Falencias (annotado) 1$200
Codigo Penal (annotado) 1$000
Malatesta — *A Logica das Provas em Materia Criminal* — Trad. J. Alves de Sá, 2 vol. 2$500
Dr. Julio de Mattos — *Elementos de Psychiatria* 2$500

E finalmente as obras de todos os auctores, especialmente portuguezes: **Camillo, Eça de Queiroz, Fialho d'Almeida, Forjaz de Sampaio, Guerra Junqueiro, Julio Dantas, Julio Diniz, Malheiro Dias**, etc., etc.

Propriedades e deposito da casa:

A RAJADA, cada numero 100
Lições de Direito Civil Portuguez, 1 vol. 2$800
Lições de Direito Colonial, 1 vol. 1$400
Lições de Finanças, 1 vol. 2$500
Marques da Cruz — *Frei Luiz do Coração de Maria*, 1 vol. 200
S. Galvão — *Rezadas*, 1 vol., 112 pegmas 300
Bibliotheca da Infancia, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300
(10 volumes publicados)

Bibliotheca Historica, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300
(5 volumes publicados)

Orfeon Academico de Coimbra
(Memoria)

Numero unico luxuosamente impresso e enriquecido de gravuras.

Musicas de Costa Pinheiro

Canções e Fados 1$000
Noites d'Amor 300
Canções de Coimbra 600

Obras por assignatura

Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal*, cada tomo 300
Oncken — *Historia Universal*, cada tomo 500
J. Diniz — *Pupilas do sr. Reitor*, cada fasciculo 300
Alfredo Keil — *Tojos e Rosmaninhos*, cada fasciculo 200
O Douro, cada fasciculo 500
etc., etc.

Novo Dicionario da Lingua Portugueza de *Candido de Figueiredo* (orthographia moderna).

Magnifico sortido de papelaria, artigos de desenho, carteiras, livros em branco e muitos outros objectos de utilidade geral.

Chá e Café só em latas, as melhores marcas e mais conhecidas, tabacos, etc.

UNIVERSIDADE E LICEU DE COIMBRA

Quem desejar oportunamente informações sobre matriculas pode desde já enviar o nome e morada para receber **gratuitamente** um impresso que todos os annos esta livraria faz distribuir com o maior numero de informações e esclarecimentos.

60984 81800